



EM TODO O ESTADO

Paraíba investirá R\$ 2 mi para realizar castrações de animais

Iniciativa será feita em parceria com municípios e ajudará a combater o abandono de cães e gatos. **Página 4**

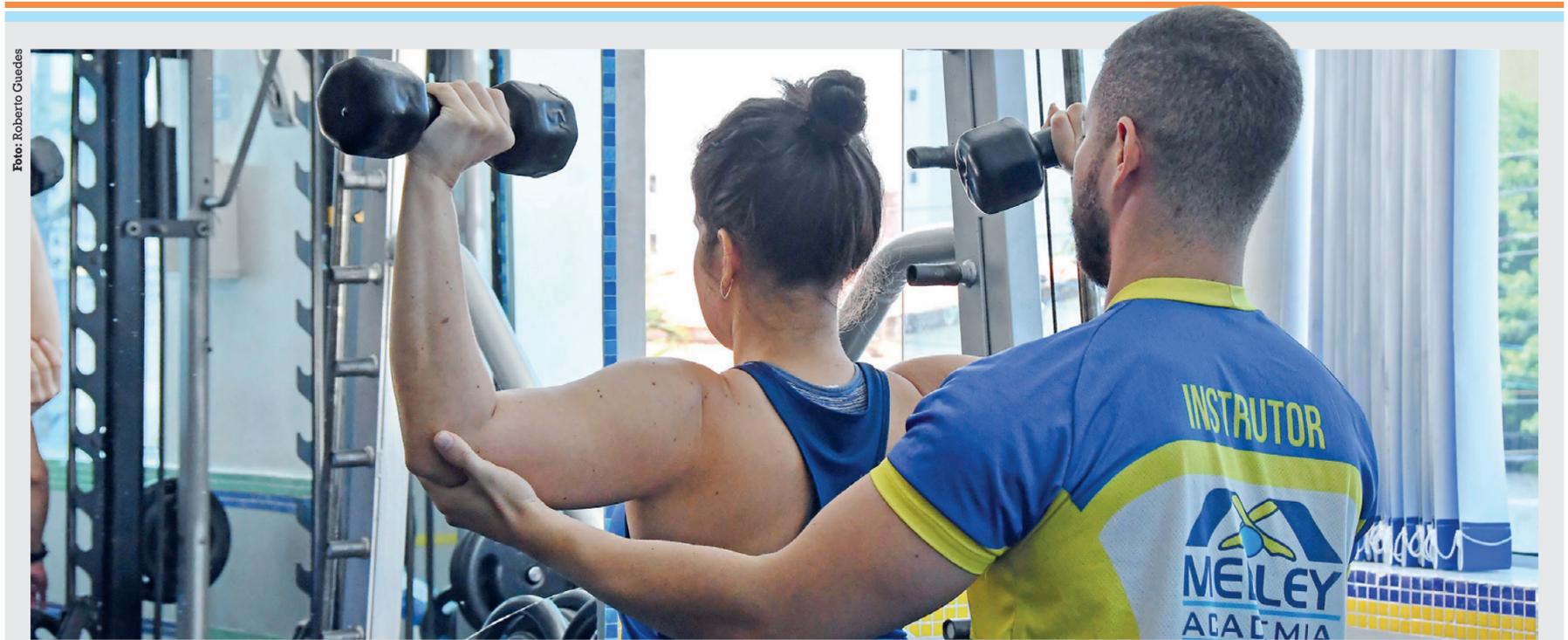


Foto: Roberto Cuedes

Proximidade do verão aumenta corrida às academias

Número de matrículas cresce nesse período do ano, especialmente de mulheres que buscam aliar boa forma física aos benefícios para a saúde. **Página 5**

A história da descoberta da preguiça-gigante na PB

Registrada pelo jornalista e escritor Irineu Joffily há 134 anos, a ossada pré-histórica foi localizada no tanque da Caatinga da Navalha, na área atual dos municípios de Soledade e Boa Vista. Em 2018, uma equipe de pesquisadores realizou escavações na região para estudar os fósseis do animal.

Página 25



Ilustração: Tônio

Foto: Edson Matos



Memórias

Responsabilidade com a informação e o bom texto

Aginaldo Almeida foi um editor de A União comprometido com a credibilidade da informação, o cuidado com o texto e a formação das novas gerações de jornalistas. E gostava de inovar.

Páginas 14 e 15



■ “A paz e a estabilidade não são apenas imperativos morais e humanitários, mas também econômicos. A estabilidade em uma região é vital para a saúde econômica global”.

João Bosco Ferraz de Oliveira

Página 17

■ “Indicar um livro não deixa de ser um sinal de afeição, uma tentativa de me aproximar desta ou daquela pessoa, ou, em possibilidades mais ousadas, tocar a pele do desconhecido”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

Pensar

A busca por informação negativa pode se tornar compulsiva. É o que se chama de doomscrolling, junção de doom, que significa ruína ou condenação, e scrolling, rolar a página. Tal comportamento não é uma prática restrita às redes sociais e à internet. Contudo, existem meios de deixar de perseguir as notícias negativas.

Páginas 29 a 32

Editorial

Novas paisagens

Imagine o cenário: várias pontes ligando Cabedelo a Lucena, Forte Velho a Costinha e a Praia do Jacaré a Santa Rita e Lucena. Longas e funcionais construções, de concreto e aço, cruzando mares, rios e mangues, unindo, às belezas geradas pelo engenho humano, os encantos naturais – para quem acredita – das ofertas divinas. Maravilhas para deslumbrar olhos daqui e de fora, e solução para vários tipos de problemas sociais.

O primeiro passo para a construção do complexo rodoviário de acesso ao Porto de Cabedelo foi dado pelo Governo do Estado. Áreas no extremo norte da Região Metropolitana de João Pessoa, no entorno do terminal portuário, tornaram-se de utilidade pública, para fins de desapropriação, com vistas à implantação da infraestrutura que certamente irá revolucionar o comércio e o turismo paraibanos, entre outros setores econômicos.

Não é de hoje que moradores da região do Porto de Cabedelo esperam pelas pontes que irão tornar realidade o sonho de uma vida melhor, com mais oportunidades de negócios e de emprego e renda. O transporte de pessoas e cargas por balsas, entre Cabedelo e Lucena, por exemplo, já cumpriu sua função. O que se quer, com as pontes, é ainda mais segurança e velocidade, acrescidas da estética proporcionada pela engenharia.

O Porto de Cabedelo, enquanto porta aberta para o exterior, precisa de sistemas de transportes ágeis, modernos, bem como de instalações adequadas para o movimento e acondicionamento de cargas, atendendo assim às demandas que o passar do tempo naturalmente vai impondo. O porto é uma via de mão dupla. Por meio deste equipamento escoar-se a produção local e é recepcionado o que vem de outras partes do país e do mundo.

Pessoas de Lucena que trabalham em Cabedelo, e vice-versa, após a construção da ponte, terão suas vidas facilitadas. Vão economizar tempo, o que é sempre salutar, tendo ainda um horizonte mais amplo, no que diz respeito às oportunidades de trabalho. A ponte por si só já será uma atração turística, associando-se a essa conexão as potencialidades ambientais, culturais e artísticas próprias das povoações litorâneas.

A Paraíba vive uma fase de expansão histórica. Propulsores como a facilidade de aporte de capitais públicos e privados, sob a égide do equilíbrio fiscal, alcançado na gestão de João Azevêdo, fazem do estado um forte atrativo turístico e residencial, além de um ótimo ambiente de negócios. Os indicadores sociais do futuro com certeza irão certificar a melhoria das condições de vida do povo paraibano, fruto dessa era de desenvolvimento.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

Anos 80: uma década perdida?

A década de 80 se iniciava com o Brasil vivendo uma de suas mais sérias crises econômicas. A inflação em ritmo acelerado de crescimento, poder de compra dos salários diminuindo e o nível de emprego baixando. Isso gerava uma inquietação social com repercussão na política.

Essa situação foi se agravando com o passar do tempo, fazendo com que os anos 80 fossem considerados a “década perdida”. Produção industrial em franca retração conduzia o país a experimentar uma preocupante fase de estagnação econômica, com o baixo crescimento contribuindo para a perda de emprego e renda.

O crescimento do PIB caiu de sete por cento nos anos 70 para dois por cento no decênio seguinte. A inflação alcançou redução de investimentos, insolvência da dívida externa, volatilidade de mercados. O Brasil assumiu uma dívida de US\$ 4,2 bilhões com o Fundo Monetário Internacional (FMI), que fez novas exigências de controle das contas e políticas do governo. Sintomas claros de um colapso econômico.

Todavia, ainda que tenha sido uma década perdida na economia, foram alcançados ganhos no aspecto político. A ditadura militar chegou ao fim, permitindo a volta de democracia. Uma Assembleia Nacional Constituinte nos ofereceu a nova Carta Magna, qualificada por Ulysses Guimarães como “Constituição Cidadã”. A sociedade brasileira se reorganizou representada por entidades de classe e novos partidos políticos, abrindo oportunidade para livremente se manifestar nos seus protestos e reivindicações.

A década de 80, então, teve sua importância na construção de nossa história. Por isso se diz que, em períodos de crise, nascem a criatividade e a capacidade de enfrentar as dificuldades. Foi exatamente isso que ocorreu nesse decênio. A crise econômica contribuiu para que se estabelecesse uma vasta pauta democratizante, envolvendo várias demandas sociais. A partir de 1984 passamos a viver efetivamente a transição democrática porque os militares se enfraqueceram com a crise de balanço de pagamentos e a alta inflação inercial. Então, não podemos considerar os anos 80 uma “década perdida”, pois foi um tempo de mudanças e transformações que nos ofereceram o caminho para a redemocratização. Em 1989, quando um operário disputou, pela primeira vez, a Presidência da República, o país acena-

va para a possibilidade de mudanças reais, com programas que defendiam a ampliação dos direitos sociais e a retomada do crescimento econômico.

O economista Garofalo Filho faz uma análise interessante dessa década: “A riqueza dos ganhos de conhecimento e o aprendizado no trato da coisa política e das questões centrais da Economia fazem da década, se não um exemplo, uma escola. Um tempo em que aprendemos, principalmente, pelos erros. Ademais, no campo político, migramos de Constituição, migramos do regime militar para o civil, e finalmente de escolha indireta para as eleições livres de 1989”.

Tivemos na música uma das mais importantes expressões culturais da década de 80, atuando como instrumento de contestação, reivindicação e inconformismo da sociedade brasileira. A juventude assumiu uma participação determinante nos destinos do país, que passou a viver um clima de esperança, com a sociedade civil se rearticulando e as forças políticas de oposição se unindo para enfrentar a ditadura militar. O aumento da participação popular fez com que o povo assumisse seu papel de sujeito histórico.

Portanto, não entendo os anos 80 como uma “década perdida”. Muito pelo contrário. À cena política nacional se incorporaram novos atores trazendo uma nova visão de justiça social, recuperando a capacidade ativa do povo. Que jamais percamos isso, por mais que os inimigos da democracia tentem.

“

A ditadura militar chegou ao fim, permitindo a volta de democracia

Rui Leitão

Foto Legenda

Edson Matos



Os compradores já chegaram!

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Negros, e daí?

Gosto, sempre gostei de anotar. Passando as folhas de um caderno de 2006 encontro essa fineza de recomendação num manual de jornalismo que evito classificar: “Não dizer negro, mas afrodescendente.”

Pergunto eu: a ofensa ao negro não será mais ostensiva? O afrodescendente esconde a cor ou o preconceito?

Aos 12/13 anos sentei-me numa carteira escolar do Pio XI de Campina ao lado de um dos mais belos negros de minha fraterna convivência. Tinha uma imperfeição que dava na vista e da qual se espremia, já crescido, para disfarçar: não gostava que lhe chamassem de gordo. Mas não brigava, até sorria. O pai, empresário na área dos transportes, era homem de posses, respeitável e bem-humorado. Vinha na direção de um dos seus caminhões quando, saindo de Goiana, freia para ouvir um pedido de carona, não a ele, mas ao vizinho de boleia, um branco, que aponta: “O dono é ele, eu sou empregado”. Quem contava isso, rindo, era ele mesmo, seu Adolfo.

Anos depois, voltamos a nos encontrar e reatar a amizade para nós sempre juvenil. Eu de jornal em jornal, Raimundo Adolfo, formado engenheiro, plantado para a vida inteira no DER, uma repartição de homens-modelos que prefiro não nomear para não incorrer na omissão. Basta dizer que Raimundo era um deles. Ninguém, de Carlos Pereira de Carvalho e Silva ao tratorista ou ao servente se lembrava de que Adolfo fosse negro. A cor bem visível, retinta, os dentes bem claros a iluminar seu riso, e a personalidade realçando aquela presença nem superior nem inferior a ninguém.

“Quem tem personalidade, põe-na onde quer que ponha a mão, e talvez tanto mais quanto mais queira ocultar-se”. Quem sabe dizer, diz assim. É o velho Unamuno falando de Flaubert.

“Sou negro, e daí?”- arretou-se Bui Ramos, um dos sócios do Clube da M. que prefiro chamar, saudosamente, de clube do bom humor, reunindo num banco de praça em frente à antiga A União, os melhores papos da redação, liderados pelo e Linduarte Noronha. Uma vez ou outra, de passagem, se achegava o desembargador João Santa Cruz, nosso vizinho do

“

Aos 12/13 anos sentei-me numa carteira escolar do Pio XI de Campina ao lado de um dos mais belos negros de minha fraterna convivência

Gonzaga Rodrigues

jornal. O fundamental no clube era o humor e o ingresso dependia do primeiro caso ou da primeira anedota. Bui entrou na primeira. Era negro assumido, sem dar a mínima para eufemismos como o recomendado em manual.

Samuel Amaral, na biografia ricamente circunstanciada que dedica a Bui Ramos, fazendo-nos reviver fases e momentos que rogamos jamais se repetir, traz esta lição de homem superior ao artifício. De uma entrevista a Ademilson José, Samuel traz de volta esta rica lição do “timoneiro da arca dos sonhos” – subtítulo do livro:

“Se você admitir a sua negritude, eu admito a minha, os meus defeitos, inclusive físicos, e encarar com a maior naturalidade, as pessoas começam a te respeitar. Foi o que aconteceu comigo quando ingressava no plenário da Assembleia Legislativa, cheio de deputados, de taquígrafos (...) eu tinha segurança do que eu era: um jornalista, um repórter. Nem sou melhor nem pior do que Otinaldo Lourenço, que tinha muito talento também. Mas eu me equiparava a esse pessoal: eu estou aqui porque mereço estar aqui. Eu não estou aqui por ser negro nem Otinaldo por ser branco”.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

INTERCÂMBIO

Parcerias internacionais para desenvolver a PB

Governo investe em projetos de educação, tecnologia, economia e turismo

Iluska Cavalcante
 cavalcanteiluska@gmail.com

O Governo da Paraíba tem se empenhado nos últimos anos em realizar parcerias internacionais para trazer mais crescimento ao Estado. Os projetos são intersecretariais e envolvem educação, tecnologia, turismo e economia. Entre eles está o Conexão Mundo, programa que já levou mais de 398 estudantes, de 44 municípios da Paraíba, a países como Escócia, Inglaterra, País de Gales, Chile e Espanha.

De acordo com a secretária Executiva de Gestão Pedagógica, Maria Elizabete de Araújo, o programa de intercâmbio internacional beneficia estudantes da Rede Estadual de Ensino, além de professores, com três modalidades: curso de idiomas, formação profissional e Ensino Médio.

Atualmente, 98 alunos estão em intercâmbio no Reino Unido e 20 professores na Espanha. Os estudantes passam entre três e quatro meses nos países, imersos na cultura e língua do local, além de fazer cursos. Já os professores, passam um mês se especializando para levar as inovações às suas escolas de origem.

“Os estudantes estão no Reino Unido em quatro polos diferentes terminando intercâmbio. Anualmente é uma oportunidade de estudantes da nossa rede terem a oportunidade de ampliar seus horizontes e ampliar seus conhecimentos”, explicou a secretária executiva.

Para ter acesso ao programa, os alunos passam por uma seleção. Eles precisam ter um nível médio de espanhol ou inglês, a depender do país de destino, mas também passam por aulas de aprimoramento do idioma, imersão da cultura e geografia antes de iniciarem o intercâmbio.

“Eles são recebidos por famílias acolhedoras ou hospedeiras porque vão ser inte-

grados do ponto de vista da cultura e da educação local, vão frequentar escolas, e ao retornarem trazem a bagagem e a experiência que transforma a história de vida deles”.

Mandarim

O próximo idioma a ser incluído no programa será o mandarim. Fruto de uma série de parcerias que vêm sendo realizadas entre o Governo da Paraíba e a China. De acordo com o secretário executivo de representatividade institucional, Aduino Fernandes, foi discutida, junto à embaixada da China, um Termo de Coor-

peração entre os dois países.

“Vamos ofertar aos alunos da Rede Estadual curso técnico e curso de mandarim que permitirá a introdução das aulas de mandarim nas escolas da rede estadual de educação. O objetivo é proporcionar aos alunos da rede estadual, a oportunidade de vivenciar uma imersão na cultura chinesa e aprender o idioma mandarim”, comentou o secretário.

De acordo com a secretária Elizabete de Araújo, a China deverá ser o próximo destino a ser inserido. O projeto também diz respeito à constru-

ção do radiotelescópio Bingo, que está sendo construído em Aguiar, na Paraíba, com tecnologia chinesa.

“A conexão com a China é um grande projeto de desenvolvimento ligado ao turismo e essa parceria que se dá pela língua, porque o mandarim será um eixo que vamos ofertar para estudantes e professores para que esse seja mais um idioma oportunizado. Será um espaço de desenvolvimento na perspectiva futura do (radiotelescópio) bingo, porque o idioma vai oportunizar esses estudantes a terem mais oportunidades”.

Projeto do radiotelescópio Bingo é ampliado

O Bingo é um projeto de colaboração internacional liderado por pesquisadores brasileiros, que vem apresentando impactos positivos em diversas áreas, e vai tornar o país reconhecido mundialmente na pesquisa científica. Após acordos firmados na viagem à China, o projeto foi ampliado e agora estará associado a trabalhos desenvolvidos por cientistas a partir do maior radiotelescópio do mundo, o Fast, e o TianLai, ambos chineses.

Nova fase

A nova fase do Bingo se chama Abdus, sigla para ‘Advanced Bingo Dark Universe Studies’ (“estudos avançados do universo escuro pelo Bingo”, em tradução literal). O projeto propõe uma extensão para o Bingo a partir do uso de tecnologias avançadas e da pesquisa científica, em conjunto com cientistas que

trabalham nos radiotelescópios situados na China.

O governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties)/ Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB), aportou R\$ 13 milhões no projeto, até o momento. O

Bingo já obteve investimentos totais de cerca de R\$ 35 milhões advindos também do Governo de São Paulo, por meio da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo), do Governo Federal, por meio do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI/Finep) e da China.

■ Iniciativa estará associada a trabalhos desenvolvidos por cientistas a partir do maior radiotelescópio do mundo



Programa de intercâmbio internacional já levou estudantes de 44 municípios a outros países

Foto: Secom-PB

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

VENEZIANO FAZ ‘ACENOS’ A ROMERO EM CG, MAS A RECÍPROCA NÃO É VERDADEIRA

Não é a primeira vez que o senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB) – e possivelmente, não será a última – afirma não ter nenhum problema em dividir o mesmo palanque com o deputado federal Romero Rodrigues (foto, do Podemos), seu adversário histórico no cenário político de Campina Grande. E, novamente, em entrevista à rádio, ele voltou a afirmar o mesmo, há dois dias. É uma postura pragmática a do senador emedebista. Porque ele esticaria a corda, neste momento, em relação a Romero? Não teria nada a ganhar. Permanecendo Romero como aliado de Bruno Cunha Lima (PSD) – ele sabe muito bem disso –, o projeto de reeleição do prefeito ficaria, senão mais confortável, ao menos mais competitivo. “Não tenho dificuldade alguma, nunca tive”, disse o emedebista. Interessante é notar que Romero jamais afirmou o mesmo. Em que pese dizer que não guarda mágoas de ninguém, o deputado se mostra bem desconfortável com a presença de Veneziano no mesmo agrupamento político do qual ainda faz parte.

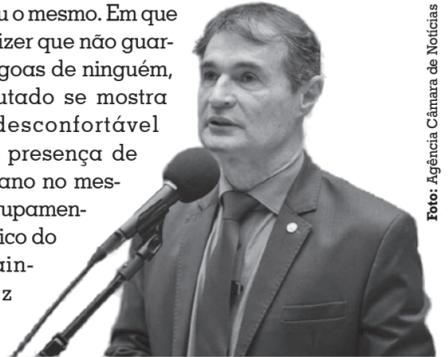


Foto: Agência Câmara de Notícias

APOSTA NO ROMPIMENTO

Apesar da incredulidade de alguns agentes políticos quanto à possibilidade de Romero Rodrigues romper com Bruno Cunha Lima, um experiente político da nova geração acredita que isso ocorrerá mais cedo ou mais tarde. Hugo Motta (Republicanos), que revelou ter tido conversas com Romero a respeito do cenário de Campina Grande, tem reiterado que o deputado do Podemos irá ser candidato a prefeito.

“UMA COISA FANTÁSTICA”

As sessões itinerantes da ALPB estão se consolidando como uma pauta permanente, aponta o presidente Adriano Galdino. Sobre as duas mais recentes, em Cajazeiras e Sousa, no Sertão, ele tachou de “uma coisa fantástica”. E enfatizou: “A gente deve intensificar esse trabalho de levar a Assembleia para o interior da Paraíba”. Nesta próxima semana, serão definidos os locais das sessões para os meses de novembro e dezembro.

NA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA

Na próxima terça-feira – como a coluna se reportou – a bancada federal paraibana se reúne, em Brasília, para discutir a destinação de recursos à Paraíba a serem remanejados para outras ações que não as que estavam originalmente previstas. O coordenador da bancada, deputado Damião Feliciano (União Brasil) confirma que os 12 deputados e os três senadores do estado irão participar.

EM DEFESA DO CONSUMIDOR

Wilson Filho (Republicanos) disponibiliza as suas redes sociais para receber sugestões de matérias que versem sobre direito do consumidor. Na próxima quarta-feira (25), ele participa do lançamento da Frente Parlamentar em Defesa do Consumidor da ALPB, da qual é presidente. “Queremos pensar maneiras de reduzir o endividamento das pessoas na Paraíba”, explicou.

ELEIÇÃO NO NINHO TUCANO

Na próxima sexta-feira (27), o PSDB, fará a sua convenção estadual para a eleição dos novos dirigentes da legenda na Paraíba no biênio 2023/2025. O evento será realizado no auditório do Eco Business, no bairro de Miramar, em João Pessoa, a partir das 9h. No evento partidário, também serão escolhidos os novos presidentes do PSDB Juventude e do PSDB Mulher.

PEC QUE LIMITA PODERES DO STF DEVE SER VOTADA EM NOVEMBRO

Na segunda quinzena de novembro, o Senado deverá apreciar em plenário a PEC 8/21, que estabelece limites relacionados a pedidos de vista e decisões monocráticas de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), de acordo com o senador Efraim Filho (União Brasil). A matéria é uma reação dos políticos de centro e de direita às decisões do STF que – assim eles consideram – interferiram na competência do Congresso. O senador cita pautas de costura, entre as quais legalização do aborto e flexibilização da lei sobre drogas.



Projeto Bingo recebe aporte de R\$ 13 milhões do Estado através da Secties e Fapesq-PB

Foto: Secom-PB

Fabiola Rezende, Gerente Operacional de Políticas da Causa Animal

“Até o final do ano, temos R\$ 2 mi para realizar as castrações em todo o estado”



Gestora destacou que, na PB, existem 85,5 mil animais abandonados. Objetivo do plano é ampliar as castrações

Taty Valéria
tatynavaleria@gmail.com

O Governo do Estado lançou, ainda no mês de outubro, programa Paraíba Pet Bem-Estar Animal, que compreende um conjunto de ações dentro de políticas da causa animal, voltadas a parcerias com ONGs e protetores independentes e projetos. Entre as ações do projeto estão previstas a promoção de castrações realizadas através de repasse aos municípios, credenciamento de clínicas e aquisição de castramóveis, educação em saúde e feiras de adoção responsável.

Para comandar essa estrutura foi criada a primeira Gerência Operacional de Políticas da Causa Animal, sob a gestão da protetora e ex-vereadora Fabiola Rezende, que há 14 anos possui um trabalho reconhecido na defesa da causa animal. Em entrevista ao Jornal A União, Fabiola fala sobre o programa Paraíba Pet Bem-Estar Animal e conta um pouco da sua própria história, a criação da ONG Ajude: Anjos de Rua e de onde partiu o desejo de ser uma protetora

A entrevista

■ A senhora é reconhecida pelo trabalho à frente da ONG Ajude: Anjos de Rua. De onde partiu a ideia de ser uma protetora?

Comecei esse trabalho de proteção e resgate de animais há 14 anos, quando minha cadela, Logana, fugiu de casa depois que uma chuva forte derrubou o nosso portão. Fiz muitas buscas por ela, confeccionei cartazes, fiz uma postagem que recebeu milhares de compartilhamentos. Nunca consegui encontrá-la. Durando essa busca, encontrei uma outra cadela abandonada e doente, largada na rua. Pensei que Logana poderia estar na mesma situação, e o que alguém poderia fazer por ela? Levei a cadelinha, que demos o nome de Maria, para minha casa, articulei com um amigo veterinário o tratamento, dividi tudo no cartão. Ela estava grávida, perdeu todos os filhotes, mas se curou. Lembro que um dia fui orar e pedir a Deus uma forma de ajudar outros animais de rua, veio o nome Ajude: Anjos de Rua, e foi quando comecei a fazer esses resgates e ajudar animais de rua.

■ Quantos animais são atendidos atualmente e quantos são os voluntários da ONG Ajude: Anjos de Rua?

Hoje, tenho na minha casa 51 animais e ajudo outros 140 que ficam em lares temporários, entre cães e gatos. Temos oito membros atualmente na ONG Ajude: Anjos de Rua, que é juridicamente registrada. Auxiliamos com ração e temos parcerias com sete clínicas veterinárias.

É uma causa que mexe muito com a gente, emocionalmente falando. Hoje temos protetores precisando de ajuda psicológica porque não é fácil lidar com animais feridos, em sofrimento. Às vezes, o que resta é chegar em



Castração

Governo da Paraíba adaptou dois ônibus em castramóveis para viajar aos municípios que aderirem ao plano

casa e chorar.

■ Em abril de 2022, a senhora assumiu uma vaga na Câmara Municipal de João Pessoa. Como foi essa entrada na política?

Realmente eu nunca tive a intenção de entrar na política, mas os apoiadores, os seguidores da ONG nas redes sociais, começaram a falar sobre isso. Eu dizia em casa que não queria esse caminho porque a gente sabe como é esse meio político e eu já havia abdicado de muitos momentos em família pelo trabalho com a ONG, inclusive, algu-

mas coisas eu faria diferente... Mas chegamos em 2016 e decidi sair candidata a vereadora, mas sem qualquer preocupação de ganhar. Recebi 1.350 votos e isso chamou atenção porque eu era desconhecida no meio político, não tinha um “nome”, não tinha apadrinhamento.

Me candidatei novamente para deputada estadual e as pessoas começaram a querer saber mais e eu posso dizer que levantei essa bandeira porque não existia a defesa dos direitos dos animais no estado da Paraíba. Me candidatei novamente a vereadora, recebi 3.350 votos, gastando R\$ 2 mil e fiquei na primeira suplência. Assumi uma cadeira na Câmara Municipal de João Pessoa em 10 de abril de 2022 e fiquei até abril de 2023.

■ Como avalia essa experiência como legisladora na Câmara Municipal de João Pessoa?

Foi uma experiência boa. Consegui aprovar projetos importantes, como a lei que reconhece os indivíduos com fibromialgia como pessoas com deficiência; mais quatro projetos de conscientização relacionados à proteção e bem-estar animal. Nesse ano que estive na Câmara, apresentei 36 projetos, uma produção maior que a de muitos vereadores que estavam lá antes de mim. Passei por lá, deixei meu nome registrado, realmente fiz um bom trabalho. E quero dizer que estou preparada para novos desafios.

É importante dizer que um protetor de animais, quem realmente defende essa causa, deve saber o seu papel e entender que vai sair do mandato sem nada. Quando assumi a cadeira de vereadora, as doações caíram muito, então, todo o trabalho foi bancado do meu próprio bolso.

■ A senhora assumiu recentemente a Gerência Operacional de Políticas da Causa Animal, um órgão que não existia, além de lançar o programa Paraíba Pet Bem-Estar Animal. Como esse trabalho está sendo realizado? Quais os principais objetivos?

Primeiro, o governador João Azevêdo criou dois núcleos: o de Zoonoses e o de Animais Domésticos, e fui nomeada gestora desses dois núcleos ligados ao Gabinete. Pouco mais de um mês depois, fui nomeada como gerente operacional de Políticas da Causa Animal. Fizemos a apresentação em Campina Grande, no início do mês de outubro.

Todo o plano central é focado na castração, que para mim, significa a cura. Evita a proliferação de doenças, maus-tratos,

Prevenção

A castração de animais evita a proliferação de várias doenças, a prática de maus-tratos e abandonos que acabam por acontecer com vários animais no estado

abandono. A Holanda se tornou o primeiro país do mundo a zerrar o número de animais abandonados porque focou na castração junto a protetores, ONGs e projetos. Então, esse é o nosso projeto.

O Governo do Estado vai subsidiar alguns municípios que já estão se cadastrando no projeto e destinou dois ônibus, que já foram transformados em castramóveis, para viajar pelos municípios. Até o final do ano, temos disponíveis R\$ 2 milhões que serão destinados para castrações. Vamos aguardar que os municípios se cadastrem, para fazer o levantamento das necessidades para darmos início.

Mas é muito importante lembrar que as prefeituras devem se cadastrar. Em Campina Grande, houve uma pressão muito grande por parte dos protetores, até que a cidade se inscrevesse. Por que a Prefeitura de João Pessoa não se cadastrou num projeto tão importante do Governo do Estado?

■ Existem dados sobre a situação de animais abandonados na Paraíba?

Hoje nós temos 85,5 mil animais abandonados em todo o estado. No Brasil, são 200 milhões de animais abandonados. Alguns lugares são muito atuantes nessa área e considero os estados do Ceará e Minas Gerais como bons exemplos. Hoje, nós temos um governador que está sendo pioneiro na Paraíba, e acredito que através desse projeto de castração e conscientização, nós vamos avançar. Aliás, nós precisamos avançar.

■ Durante o lançamento do programa Paraíba Pet Bem-Estar Animal, que aconteceu em Campina Grande, a senhora citou um caso de maus-tratos a animais e fez uma relação com a violência doméstica. Como essas violências se relacionam?

Toda pessoa que tenha cometido qualquer crime violento, pode levantar os dados: em algum momento da vida, ela mal-

tratou um animal. Existem pesquisas que apontam para isso. O caso de Sousa, em que um homem enforcou um animal até a morte, ele fez aquilo porque estava com raiva da esposa. Ela conseguiu denunciar, mas esse caso não é único. Já acompanhei muitos casos em que os homens agrediam não só a esposa, mas os filhos também, e os animais domésticos. Existe uma relação entre a violência doméstica e maus-tratos a animais. É uma forma de atingir a mulher, maltratando e machucando o animal de estimação. Já vimos muitos casos desse tipo.

Mas já que estamos falando de gênero, eu quero trazer uma informação. Você sabe quem são as pessoas que mais acolhem animais abandonados? São os LGBTQIA+, e digo isso com muita convicção. Isso tem a ver com o sofrimento, o abandono, a rejeição, a violência.

■ A senhora acredita que exista uma conexão entre pessoas que acolhem animais de rua com o próprio sofrimento?

Quando eu era criança passei oito dias me alimentando de água da torneira, pois não tínhamos comida em casa. Depois fui abandonada pelo meu pai. Então, eu sofri a fome e sofri o abandono. Isso tudo está relacionado com meu amor pela causa. Mesmo com fome, e mesmo sendo criança, eu ainda podia falar, pedir. Um animal abandonado não consegue dizer que está com fome, não consegue pedir. E o abandono é triste porque você se questiona: “por que meu pai me abandonou?”. Os animais são abandonados e não entendem. Fomos nós, os humanos, que começamos tudo isso. Vem a fome, a solidão, você se depara com algumas dores e se pergunta o que pode fazer para amenizar esse sofrimento.

■ Em toda sua história de proteção e resgate de animais, alguma história lhe marcou de forma mais significativa?

Tenho uma história linda com Charlotte, uma cadela pitbull que ajudei, e que passou por muitas coisas e quem se apegou a ela foi minha filha e meu genro. Charlotte ataca outros animais em casa por ciúme. Era sempre uma confusão em casa.

Minha filha “surtou” e pediu que o noivo saísse da casa dos pais e alugasse um apartamento para poder levar Charlotte. Ou era isso ou noivado ia acabar, isso já com seis anos de namoro e noivado. O noivo acatou e eles resolveram casar.

LÁ VEM O VERÃO!

Começa corrida pela boa forma física

Número de matrículas aumentou nas academias e mulheres são maioria, buscando benefícios estéticos e de saúde

Juliana Cavaleanti
juliana.ferreiracavaleanti@gmail.com

As academias de musculação, aeróbica, treinamento funcional dentre outros locais voltados às atividades físicas tiveram um aumento do número de matrículas devido à proximidade do verão, período do ano em que mais pessoas chegam a esses estabelecimentos pensando nos benefícios estéticos para a estação mais quente do ano.

“Todos os anos, em agosto, já sentimos um aumento do número de matrículas pensando no verão. Durante todo o ano, muitas pessoas procuram as academias, mas quando o verão está chegando ainda mais pessoas buscam melhorar a aparência física, mas também a saúde. Estes espaços ficam lotados o dia inteiro”, afirma Thiago Mendonça, educador físico e gestor de uma academia localizada no bairro do Cristo, em João Pessoa.

Segundo o gerente, as mulheres estão entre as pessoas que mais procuram as academias, mas a quantidade de homens vem aumentando consideravelmente. Ele explica que assim que alguém se matricula na sua academia, o primeiro procedimento é descrever todas as orientações ao aluno antes de iniciar o treino. “Fazemos primeiro uma avaliação física neste aluno para saber se ele tem algum problema de saúde e se tudo estiver adequado, podemos orientá-lo quanto ao treino”, elencou.

Para Thiago Mendonça, é possível obter bons resultados no corpo, mesmo buscando as academias em um período tão próximo da chamada alta temporada. Tudo vai depender da disciplina das pessoas com a frequência dos exercícios e através de uma alimentação adequada. Tais orientações devem ser estabelecidas pelo profissional da educação física e o nutricionista, respectivamente.

Giuliana Gomes, por sua vez, é educadora física e proprietária de uma academia no bairro de Manaira, voltada especialmente a hidroginástica e natação, para todas as idades, mas que também possui ambiente para musculação. Ao se matricular, o aluno deve indicar que está apto para fazer a atividade (por meio de documentação fornecida pelo médico) e é realizada a avaliação pelo profissional do próprio espaço. Depois, o aluno é encaminhado para o educador físico que vai montar o treino de acordo com a necessidade da pessoa.

“A academia recebe muitas pessoas da terceira idade para hidroginástica e essa atividade tem uma grande procura no verão. Mas, para a musculação, estamos recebendo muitos alunos de outras faixas etárias, inclusive indicados pelos médicos, mas, principalmente, pensando nos benefícios estéticos”.

Há cerca de um ano, Fernanda Sousa, de 22 anos, buscou fazer atividade física e até hoje frequenta a academia todos os dias. Ela conta que antigamente não pensava muito no assunto, mas no ano passado chegou à conclusão de que deveria procurar esse tipo de espaço pensando tanto na estética como



Pessoas de todas as idades estão fazendo atividades físicas. Fernanda de Souza frequenta academia há um ano, todos os dias, e quer qualidade de vida



“Durante todo o ano, muitas pessoas procuram as academias, mas quando o verão está chegando ainda mais pessoas buscam melhorar a aparência física, mas também a saúde”

Thiago Mendonça

na qualidade de vida. “Meu objetivo inicial era ganhar massa muscular, mas depois vi outras vantagens como o bem-estar e as melhoras na minha saúde”.

Para Fernanda, uma das principais diferenças proporcionadas pela atividade física foi o aumento da disposição para o cotidiano. Sobre as pessoas que procuram as academias pensando exclusivamente na chegada do verão, ela acredita que os resultados dependem principalmente da determinação e do organismo de cada pessoa.

“Muitas pessoas estão correndo para as academias tentando recuperar o tempo perdido do ano todo. Mas, isso varia de acordo com a pessoa e o tempo também porque não é possível obter um resultado imediatamente. É necessário certo período de tempo se exercitando, focado nessa busca pela mudança”, opinou.

Raphaela Martinelli tem 22 anos e faz musculação há um ano como forma de melhorar a saúde mental. Hoje, se sente mais disposta e sociável. “Eu sei que a atividade física faz bem para a saúde, mas diante de alguns problemas de imagem corporal, achei que a solução seria vir para a academia. E isso acabou me ajudando bastante não só na minha percepção de imagem, mas na questão social e eu vejo melhoras no meu condicionamento físico”.

Para ela, procurar as academias no período do verão, dependendo da disciplina, pode fazer a pessoa se sentir motivada a ficar no local durante o ano inteiro. “Acho que é sempre benéfico”, opinou.

Motivação aumenta de outubro a novembro

Simone Duarte e Rosemberg Duarte são administradores de uma academia no bairro Jardim Cidade Universitária e contam que o espaço é frequentado por pessoas de todas as idades, muitas inclusive trazem toda a família, tanto para a natação, como para a hidroginástica, aeróbica, yoga, musculação, aula de dança, dentre outras atividades. “O nosso público é bem diferenciado, desde os jovens que iniciam a musculação até o público da terceira idade que é um dos mais animados. Por isso, trabalhamos muito a questão do acolhimento, das pessoas quererem estar no ambiente da academia”, conta Rosemberg.

Ele ressalta que é comum as academias passarem por períodos de sazonalidade onde as matrículas aumentam em determinados períodos, incluindo os meses anteriores ao verão. Com isso, lembra que setembro e outubro são os meses em que as pessoas começam a focar nas atividades físicas, o que é bom não apenas para a saúde, mas também para a autoestima, pois é comum os alunos se sentirem mais mo-

tivados. “No inverno há uma queda brusca da procura pelas atividades na piscina, por exemplo, e algumas pessoas migram para a musculação. E aquelas que não se identificam com a musculação, podem passar um tempo sem treinar. E quando chega o verão, é normal as pessoas que já cuidam do corpo intensificarem os treinos e quem estava ausente por algum motivo, voltam. Em setembro muitos já reativam as matrículas”, afirmou.

Segundo Rosemberg, grande parte dos alunos que se matriculam, procuram a academia com objetivos bem diversos e que vão além de apenas obter o “corpo perfeito”, mas sim cuidar da saúde men-

tal. Esse fato se tornou mais presente após a pandemia da Covid-19, iniciada em 2020, período no qual muitas pessoas precisaram deixar o espaço e agora se esforçam tanto para abandonar o sedentarismo, mas combater a depressão e a solidão.

Por isso, ele reforça que a atuação da sua academia teve que passar por algumas adaptações, como o aumento de 35% da sua equipe para atender a demanda. O administrador reforça que o espaço foca no atendimento personalizado, independente do personal, pois todos os profissionais responsáveis pelo treino devem acompanhar e orientar nas atividades executadas. Sobre isso,

Simone conta que a academia para além das melhorias estéticas é hoje um ambiente de terapia e conforto diante de uma rotina agitada.

De acordo com os administradores, ao fazer a matrícula na academia, o aluno preenche uma anamnese (questionário com histórico de saúde do indivíduo) e antes de começar a treinar pode fazer uma avaliação física no próprio espaço ou levar um atestado médico comprovando a aptidão do aluno para a atividade física. Eles reforçam que o treino precisa ser personalizado a partir da necessidade e objetivos do aluno, diante de suas possíveis limitações.

Sônia Araújo, 74 anos, e a filha Cristiane Araújo, frequentam juntas a academia e relatam que a musculação é essencial, trabalhando a parte emocional e física. “Já fiz atividade física e parei na pandemia. Depois voltei porque além da fisioterapia, a academia me ajuda muito. Quero fortalecer meus músculos e a musculação é uma forma de cuidar do corpo praticamente sem remédios”, disse Sônia.



Para Rosemberg e Simone Duarte muitos focam na saúde mental

Estabelecimentos devem ser credenciados

De acordo com o presidente do Conselho Regional de Educação Física da 10ª Região (CREF10/PB), Paulo Ferreira, as orientações da entidade visam dar segurança para a população. Assim, a primeira obrigação do novo aluno é verificar se a academia está devidamente credenciada no CREF10/PB. Da mesma forma, é necessário confirmar se o seu quadro técnico é composto por profissionais de educação física registrados no conselho.

“É preciso constatar se a academia está com o credencia-

mento no CREF. Ou seja, tem o registro da Pessoa Jurídica (da academia) e tem o registro da Pessoa Física (do profissional). Então, o ideal é sempre pedir a carteirinha do profissional, vendo se essa pessoa que vai lhe atender na academia é um profissional de educação física registrado no Conselho para ter a segurança de ser atendido por alguém capacitado para essa atividade”, aconselhou.

Tanto a academia quanto o profissional possuem um número de registro que confirma a sua regularidade com o Conse-

lho. “Esse registro pode ser visto pelo aluno assim que chega à academia que possui um responsável técnico e os chamados ‘profissionais de salão’, que são os que ficam no setor de musculação, por exemplo. Essas pessoas que estão fazendo atendimento também são registradas e com o nome do profissional ou da academia, é possível ainda consultar o CREF para tirar alguma dúvida sobre esse registro”, explicou o presidente.

Além da obrigação de regularidade de registro do profissional e da academia, Paulo

Ferreira citou ainda a obrigatoriedade do educador físico da academia ser um profissional de educação física com bacharelado e não apenas a licenciatura. E na carteira do profissional no CREF10/PB vai estar escrito se a pessoa é apenas bacharel ou bacharel e com licenciatura.

“Só quem pode atender em academia é o bacharel e aquele apenas com licenciatura está exercendo ilegalmente a profissão. Mas, quem tem a licenciatura pode fazer o bacharelado para ocupar essa função”, recomenda.

Conselho realiza 10 interdições por mês

Segundo Paulo Ferreira, as irregularidades mais comuns verificadas durante fiscalizações nas academias paraibanas estão relacionadas ao exercício ilegal da profissão, isto é, normalmente esses estabelecimentos estão funcionando sem um profissional devidamente registrado. Entre 2022 e 2023, o CREF10/PB vem realizado aproximadamente 10 interdições de estabelecimentos por mês na Paraíba. Para o representante do conselho, ain-

da é comum encontrar tanto estagiários atuando de forma irregular como a presença de pessoas de outras áreas (ex: fisioterapeutas) orientando alunos nas academias, no lugar do profissional de educação física.

“Isso ainda acontece, mas já vem ocorrendo uma redução desse problema”, destacou. Conforme Paulo Ferreira, a fiscalização e orientação do exercício profissional fazem parte de uma importante missão do CREF10 para

a valorização do profissional de educação física perante a sociedade, garantindo os benefícios à saúde pública e cumprimento da legislação profissional.

Baseados na Lei Federal nº 9.696/1998; a Resolução Confef nº 023/2000 e a Lei Federal nº 6.839/1980, a Diretoria de Orientação e Fiscalização do Conselho Regional de Educação Física da 10ª Região tem a responsabilidade de assegurar a legalidade da intervenção profissional em educação

física, identificando e apurando as infrações às normas que regulamentam a atividade profissional visando especialmente um serviço de qualidade orientado por profissionais habilitados.

As fiscalizações do CREF10/PB são realizadas tanto durante atividades de rotina como após denúncias. Inclusive, no último dia 4, a entidade alcançou pela segunda vez em 2023, 100% das cidades paraibanas fiscalizadas.

OUTUBRO ROSA

Um segundo lar durante o tratamento

Mulheres que vêm para JP em busca da cura encontram apoio em locais como a Rede Feminina de Combate ao Câncer

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

Quando soube que teria que ficar distante de casa, Maria das Graças Silva pensou em não fazer o tratamento médico para o câncer de mama. Moradora do município de Itaporanga, Sertão paraibano, todo o domingo ela viaja para João Pessoa para ser atendida no Hospital Napoleão Laureano. Sem parentes ou amigos na cidade, ela foi acolhida na Rede Feminina de Combate ao Câncer, uma organização não governamental que oferece estadia, alimentação e atividades para os pacientes do interior que fazem tratamento na capital.

A casa tem capacidade para abrigar até 40 pessoas, entre homens e mulheres, que são direcionados pelo serviço social do Hospital Napoleão Laureano, desde o ano de 1999. As casas de acolhimento são equipamentos que possibilitam aos pacientes do interior paraibano a realização do tratamento contra o câncer sem nenhum custo com hospedagem ou alimentação.

Maria das Graças, que já fazia tratamento desde 2022 no Hospital São Vicente de Paulo, conheceu a Rede Feminina há um mês, quando passou a ser atendida no

■ Todos os dias, a Rede Feminina de Combate ao Câncer oferece terapias e atividades para quem está na casa

Laureano. Na última sexta-feira ela concluiu a radioterapia e se preparava para retornar ao Sertão. “Estou saindo uma pessoa diferente. No início eu não queria vir, pela distância, pelas dificuldades, mas fui convencida e foi a melhor coisa que eu fiz. Foi maravilhoso. Aqui nós somos tratadas com muito amor, é um lugar muito acolhedor”, avaliou.

Encarar a distância de casa foi para Maria Gilvaneide, de 51 anos, um dos maiores obstáculos. Casada, ela mora no município de Boa Ventura, também no Sertão, e precisou fazer quatro ciclos de quimioterapia, totalizando 38 sessões, para combater o câncer de mama. “A distância é muito ruim, mas tive que encarar”, pontuou.

Na quarta sessão de qui-

mioterapia ela teve uma forte reação e foi quando conheceu a Rede Feminina. “A minha sorte foi encontrar esse lugar, caso contrário eu não teria conseguido. Fui muito bem acolhida e isso nos conforta, mesmo estando distantes de casa. Aqui a gente não tem tempo para pensar na doença, porque estamos sempre conversando, fazendo alguma coisa”, disse Gilvaneide.

Todos os dias são oferecidos diferentes tipos de terapias e atividades para quem está na casa, a exemplo de oficina de artesanato, reiki, encontro ecumênico e musicoterapia. Para se deslocarem ao hospital, os pacientes são acompanhados pela técnica em enfermagem Elizângela Fontes. Eles também são levados para um passeio pelos principais pontos turísticos da cidade e atendidos por uma psicóloga.

As refeições são preparadas com carinho por funcionários e voluntários. Preparar o lanche dos pacientes acolhidos na casa é o compromisso de Marlene de Souza todas as quintas-feiras, há 14 anos. Ela conheceu a ong após ser diagnosticada com câncer e a partir da cura, decidiu ser voluntária. “É uma honra ajudar ao próximo e eu faço com muito amor. Se eu pudesse faria todos os dias”, afirmou Marlene.



Rede Feminina de Combate ao Câncer acolhe pacientes que fazem tratamento na capital

Fotos: Roberto Guedes

“

Estou saindo uma pessoa diferente. No início eu não queria vir, pela distância, pelas dificuldades, mas fui convencida e foi a melhor coisa que eu fiz. Foi maravilhoso

Maria das Graças Silva



Após concluir a radioterapia, Maria vai voltar para o Sertão

Voluntariado, acolhimento e luta pelos direitos das pessoas com câncer

Zenaide Andrade é a presidente da Rede Feminina de Combate ao Câncer, que tem como missão acolher as pessoas com câncer, contribuindo com sua recuperação e bem-estar. Além disso, a entidade busca fazer valer os direitos dos pacientes, participar de campanhas e ações preventivas e angariar recurso para assegurar a assistência ao paciente. O espaço acolhe pessoas dos 223 municípios paraibanos.

“É muito desafiador ser presidente, mas ao mesmo tempo é uma satisfação imensa poder fazer esse trabalho gratuito como voluntária de amor ao próximo”, contou Zenaide, que há 26 anos coordena a visita domiciliar aos pacientes em cuidados paliativos. “É gratificante acom-

panhar esse paciente dando o melhor conforto. Nós levamos a cesta básica, verdura, fruta, produtos de higiene, fralda. Se precisar de uma cama hospitalar nós levamos”, explicou Zenaide.

A voluntária mais antiga da Rede é Etiene Coutinho. Nas visitas aos pacientes internados no hospital ela sempre levava uma mensagem de apoio. Na casa de acolhimento ela conta que faz o que for preciso. “É muito gratificante. Você pensa que a gente tá fazendo bem para elas? Estamos fazendo para a gente. Quem ajuda, se sente bem. É bom fazer a caridade. Uma grande amiga um dia me falou: Etiene, é bom ser bom. E é verdade”, disse.

A Rede Feminina de Combate ao Câncer é uma ong que de-

pende de doações para manter seus serviços. Amanhã a entidade realiza um evento para arrecadar fundos, na casa de eventos Sonho Doce, com palestra de Juliette e shows de Belle Soares e Sandra Belê. As doações podem ser feitas diretamente pelo PIX 22.222.879/0001-59.

■ Amanhã, a entidade realiza evento para arrecadar fundos, com palestra de Juliette e shows

Hospital do Bem reduz número de deslocamentos de pacientes

Desde 2018, o funcionamento do Hospital do Bem - unidade de Oncologia do Sertão, reduziu o número de pacientes que precisam se deslocar até João Pessoa ou Campina Grande para realizar tratamento contra o câncer. Até o mês de setembro foram realizadas na unidade hospitalar 49.004 atendimentos ambulatoriais, 19.262 sessões de quimioterapia, 3.706 cirurgias e 4.295 internações.

O secretário de Estado da Saúde, Jhony Bezerra, afirmou que o Hospital do Bem possibilita aos pacientes do Sertão a realização do tratamento oncológico mais perto de suas casas.

Segundo ele, isso impactou positivamente na melhoria da qualidade de vida das pessoas que precisam do atendimento.

A oncologista do hospital, que atua na unidade desde sua inauguração, a médica Nayah Xavier, lembra a importância do Hospital do Bem e do quanto a disponibilidade de serviços oncológicos no Sertão mudou a rotina dos pacientes do interior.

“O Governo do Estado foi muito assertivo em trazer um hospital deste porte e com esse foco para o interior do estado, com um serviço tão complexo e com uma qualidade desta, pois nossos protocolos são

os mesmos dos melhores hospitais referência para pacientes com câncer do país, nossa equipe multiprofissional é bastante competente e comprometida e nossa estrutura também é muito boa”, afirmou a médica.

■ Até setembro, o Hospital do Bem fez 49.004 atendimentos ambulatoriais e 19.262 sessões de quimioterapia



Etiene Coutinho é a voluntária mais antiga da Rede e diz que “quem ajuda, se sente bem”



Na Rede Feminina de Combate ao Câncer, funcionárias e voluntárias fazem as refeições

ALIMENTAÇÃO

Flores comestíveis entram na receita

Plantas como clitória, capuchina, cravina e begônia vêm saindo dos jardins para compor pratos finos

Taty Valéria
 tatyavaléria@gmail.com

“

O próprio Leonardo Da Vinci já utilizava flores comestíveis. Outras culturas, como a asiática, de uma forma geral, já são consumidoras de flores

Rayssa Chaves

Os irmãos Glauber e Rayssa Chaves, advogados de formação, não imaginavam que o pequeno rancho de quatro hectares, se tornaria uma fonte de renda com a agricultura familiar. Entre plantações de hortaliças hidropônicas e ervas finas, que enchem os olhos com a fartura de folhas verdes exuberantes, está um tesouro ainda pouco conhecido no paladar do nordestino, mas que vem ganhando um espaço cada vez mais significativo: as flores comestíveis. Coloridas e delicadas, as flores comestíveis produzidas no Rancho Isabelle Chaves, localizado na Comunidade Mumbaba, em João Pessoa, podem ser apreciadas em pratos servidos em restaurantes e hotéis da Paraíba, como um ingrediente precioso nas mãos de renomados chefs de cozinha.

A história do Rancho Isabelle Chaves começa em 1997, quando os pais de Glauber e Rayssa adquiriram o local. Naquela época, a propriedade produzia algumas raízes, como inhame e macaxeira, possuía alguns animais, e seu principal objetivo, até então, era proporcionar o lazer dos irmãos, ainda adolescentes. “Meu pai vendia o excedente, incluindo o leite das poucas vacas, só pra garantir a manutenção do Rancho”, diz Glauber Chaves, que chegou a passar num concurso público no Tribunal de Justiça do Rio

Grande do Sul. Rayssa Chaves já exercia a advocacia e possuía o próprio escritório. Tudo mudou quando veio a pandemia do Covid-19.

A família se mudou para o rancho para se isolar e se proteger, e foi quando surgiu a oportunidade de fazer do local um espaço para além do lazer. “Pesquisamos muito, fizemos uma consultoria no Sebrae e adquirimos o material, usado, para dar início à plantação hidropônica”. A produção começou com alfa-



Fotos: Roberto Guedes

Rancho Isabelle Chaves realiza todo o processo de produção de flores comestíveis, do plantio à entrega do produto aos chefs de cozinha

ces, rúcula e hortelã, e as flores comestíveis foram o próximo passo, a partir de um trabalho de planejamento estratégico que envolveu consultorias e avaliação do mercado consumidor e uma parceria com grandes chefs de cozinha, que indicavam quais os produtos seriam bem recebidos pelo público consumidor. Além das flores, o Rancho Isabelle Chaves produz micro vegetais e ervas finas que não fazem parte da produção no estado.



Cultivo de flores, ervas e temperos no rancho começou durante a pandemia da Covid-19

Parte do cardápio desde a antiguidade

Desde a antiguidade, as flores são utilizadas como condimentos e realçadoras de sabor. “O próprio Leonardo Da Vinci possuía um *cooking book* (livro de receitas) em que utilizava flores comestíveis. Outras culturas, como a asiática, de uma forma geral, já são consumidoras de flores”, afirma Rayssa Chaves, que estudou e continua pesquisando sobre o uso dessas iguarias. O consumo de flores é algo que já faz parte do hábito do ser humano.

Flores como alcachofra, couve-flor, entre outras, já são conhecidas na mesa dos brasileiros, mas o termo “flores comestíveis” se refere exclusivamente a espécies que são

mais conhecidas pelo seu valor ornamental. No rancho, são produzidas a clitória, capuchina, penta, tagete, calíopsis, cravina e a begônia, que têm o saber muito semelhante ao limão, e outras espécies que vêm tomando o gosto popular e saindo dos jardins para compor pratos finos e delicados.

Além de adicionar textura e aroma diferenciados aos pratos, as flores comestíveis são ricas em antioxidantes, vitaminas e minerais e transformam as refeições simples em verdadeiras obras de arte culinária. “Nossa colheita é feita diariamente, ainda no orvalho da manhã. É isso que garante que elas fiquem fres-

cas e mantenham a cor viva”, diz Rayssa, que acompanha todo o processo, desde a plantação até a entrega do produto final para os chefs de cozinha.

É importante lembrar que nem todas as flores são comestíveis e algumas podem ser tóxicas e representar um grande risco para quem é alérgico a pólen. A principal dica para quem pretender provar dessa iguaria, é adquirir de produtores reconhecidos e em estabelecimentos regulamentado pelos órgãos de fiscalização. Na dúvida sobre aquela flor que nasceu no seu jardim ser comestível, ou não, o ideal é procurar a consultoria de um técnico especializado.



“

Crianças que não possuem o hábito de consumir saladas se encantam com o colorido e com as plantinhas e aceitam melhor

Rayssa Chaves

Microvegetais, explosão de sabor

Além das flores comestíveis, um outro produto produzido através da hidroponia no Rancho Isabelle Chaves, são os micro vegetais. De acordo com Rayssa Chaves, os microvegetais estão num estágio de crescimento das hortaliças que vêm após o broto. “As pessoas confundem muito. Assim que a semente começa a germinar, aquela primeira pontinha, é o broto. No micro vegetal, esperamos surgir a quarta folhagem, que é a hora de colher”.

A maior diferença entre o broto e o microvegetal é o tempo de colheita. Enquanto os brotos são consumidos e colhidos com raízes entre três

a cinco dias após a germinação, os microvegetais são colhidos cortando o caule quando em um período de sete a 14 dias de crescimento, isso pode variar conforme o manejo e a preferência do chef de cozinha e do consumidor final.

“O microvegetal é um super alimento, tem 40 vezes mais nutrientes porque eles estão ali concentrados para a planta adulta. Então não é só um enfeite de um prato, ele traz nutrição”, explica Rayssa.

Uma outra característica do rancho, diz respeito ao clima, que proporciona uma grande variedade de espécies produzidas. “Nosso clima é muito quente. Então, por

exemplo, a beterraba que precisa de um clima mais frio para se desenvolver até o ciclo completo, nós conseguimos colher nessa fase de micro planta”.

Em relação ao sabor, algumas variedades apresentam um paladar mais forte. “Em outras hortaliças, o paladar é um pouco mais ameno. Mas todos eles possuem os nutrientes e a vivacidade das cores, a textura, isso traz diferença nos pratos”, afirma Rayssa, que finaliza com um ponto interessante. “Crianças que não possuem o hábito de consumir saladas se encantam com o colorido e com as plantinhas e aceitam melhor”.



Produção no rancho localizado em Mumbaba é resultado de pesquisas e de uma consultoria

AVENTURAS

São Vicente do Seridó e as trilhas

Cidade é marcada pelo ecoturismo com serras de até 620 metros de altura e muitos tesouros arqueológicos

Fernanda Dantas
Especial para A União

São Vicente do Seridó, localizado na região Seridó - expressão que carrega em seu nome, possui cerca de 10,3 mil habitantes, segundo o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Uma das partes mais curiosas dessa história é que o município possui não só um, mas dois centros urbanos.

Chamados de "São Vicente" e "Seridó", os territórios se localizam a 9km de distância um do outro. O motivo para a intrigante existência desses dois núcleos pode ser contada a partir da história da cidade. Segundo o historiador seridoense Joanito Buriti e o IBGE Cidades, a trajetória começa nos povoados Santo Antônio e Chico.

Santo Antônio nasceu primeiro e se formou a partir da propriedade Olho d'água por volta de 1870. Em 1938, o po-

voador se tornou distrito de Soledade, e depois, em 1943, foi batizado com o nome de "Seridó" e teve sua emancipação política em 1961.

Por outro lado, o antigo Chico se formou em torno de 1930, crescendo pouco a pouco ao passar dos anos. "No período que compreende os anos de 1930 a 1950, o povoado Chico estava em formação, com poucos moradores, poucas casas residenciais e de comércio. Com a construção da Capela Matriz São Vicente Ferrer, e a criação da feira livre, ambos em 1951, o povoado começa a crescer, a chegar comerciantes, tropeiros e populares de regiões circunvizinhas, e o crescimento e desenvolvimento do Chico se tornam possíveis", explicou o historiador.

Ele também informou que ambos tiveram um povoamento simultâneo, até o Chico receber a denominação de São Vicente do Seridó e ser emancipado em 1968, passan-

do a ser a sede oficial do município anteriormente chamado de Seridó.

Apesar de Seridó ter tido um crescimento populacional maior no começo, ter sido sede administrativa e conquistado forte influência política, é o seu "irmão", São Vicente, o mais populoso hoje em dia. "Em contrapartida, ele teve um crescimento urbano posterior a Seridó, porém, com um desenvolvimento urbano acelerado, o que o tornou em poucas décadas a sede política administrativa", completou Joanito.

A economia do município segue os mesmos padrões de outras cidades do interior da Paraíba, destacando-se os setores primário e secundário da economia. De acordo com Buriti, as principais atividades econômicas envolvem o comércio, o setor público, os serviços e o turismo na zona urbana, a agricultura e pecuária de subsistência para a zona rural.

Fotos: Marcos Estrela



■ A construção da Capela Matriz São Vicente Ferrer, em 1951, marcou o crescimento da cidade



A noite na cidade ganha charme com as ruas desenhadas, tendo a praça ao centro

Eventos culturais de grande porte movimentam cultura e economia

As manifestações culturais de São Vicente do Seridó são motivo de orgulho para os seridoenses, dentre elas, a realização da maior festa de São Pedro da Paraíba, que acontece no núcleo de São Vicente, segundo Joanito Buriti. "O evento grandioso sempre acontece no final do mês de junho. A festa conta com uma infraestrutura de palco, barracas típi-

cas, espaço de forró pé-de-serra, réplica do Sítio São Vicente, equipe de segurança, serviços médicos, bombeiros e atrações diversificadas, como quadrilhas estilizadas", disse.

O radialista Marcone Alcântara, residente do município, complementou dizendo que a celebração dura o total de cinco dias. A abertura da festa acontece com uma pro-

gramação religiosa. Já o dia seguinte é dedicado ao típico concurso de quadrilhas juninas. "Nos demais dias tem muito forró. No palco principal se apresentam artistas de renome nacional, mas também temos o palco do forró pé-de-serra para quem gosta dessa tradição. O pátio onde acontece o evento chega a reunir até 50 mil pessoas. Nós rece-



Festa de São Pedro e Festa do Brega são dois dos principais atrativos do município

bemos turistas de várias partes do Brasil. Alguns até alugam casas para passar os dias de festas por aqui".

Mas não para por aí. Outra festividade muito conhecida na região é a Festa do Brega, ou Seridó Brega, dessa vez realizada em Seridó, segundo Marconi, no dia 22 de dezembro, quando se comemora a emancipação política do município.

O pesquisador Joanito informou que ela acontece desde o início dos anos 1990, trazendo aos palcos artistas regionais e cantores reconhecidos em nível nacional: "Nomes famosos do brega já se apresentaram na festa. Estão entre os nomes José Ribeiro, Reginaldo Rossi, Pablo, Zezo.

A cidade ainda conta com mais um evento de peso quando se fala em história e cultura local: a Cavalgada de Nossa Senhora da Conceição, conhecida

popularmente como a cavalgada do senhor Zé Cupira. Executada desde 2006, ela leva esse nome em razão de seu idealizador, o vaqueiro Zé Cupira.

De acordo com Marcone, o evento reúne centenas de vaqueiros locais e de regiões vizinhas. A parte inicial consiste na concentração dos participantes na zona rural do município, a cerca de 5km de São Vicente, e logo seguem pelas ruas da cidade. Uma imagem da santa homenageada é carregada na frente por um cavaleiro. Ele descreve a cena: "Ela exalta o vaqueiro, resgata as nossas raízes sertanejas e traz encanto para as crianças e os idosos. Uma verdadeira multidão fica nas calçadas para ver as centenas de cavaleiros passarem".

"Os vaqueiros fazem o percurso acompanhado de um carro de som que toca músicas de aboios e de cavalgadas. Muitas pessoas vestem suas vesti-

mentas típicas da cavalgada, como gibão, colete ou guarda-peito, cinto, chinelo, bota ou sapato de couro, chapéu de couro e esporas. A fé religiosa, a paixão pelos cavalos e os valores de um Sertão rural estão presentes nos aspectos culturais da famosa cavalgada", finalizou Joanito.

Atrativo

Cavalgada de Nossa Senhora da Conceição, criada em 2006, vem se transformando em um dos principais atrativos culturais da cidade

Trilhas são utilizadas no ecoturismo e elas estão por todo lugar da cidade

Os atrativos turísticos também são explorados no município. A organização e execução de trilhas para ecoturismo acontecem em boa parte do território, lideradas pelo grupo Associação Caminhos do Seridó.

Conforme o líder da associação, Claudino Castro, são vários os pontos que podem ser explorados, tais como: a Serra Redonda ou Serra da Santa, com altitude aproximada de 600; Serra Branca e Serra Verde, de altitudes similares; Alto do Sino, que é o ponto mais alto do município com cerca de 620 metros; visitação de fazendas antigas; garimpos abandonados; cavernas e grutas e ainda observação de pinturas rupestres.

Em alguns desses percursos, ainda é possível observar pássaros típicos da Caatinga; vegetação com espécies raras, como a Carnaubeira e outras árvores que florescem sazonalmente, como a umburana e a prática de atividades de rapel. O umbu, produzido de janeiro a abril pelo umbuzeiro também pode ser desfrutado pelos trilheiros e turistas.

Claudino explica que as trilhas seguem a partir de dois sentidos. "Um, com início no

distrito de Seridó, segue pelo leite ou margem imediata do Rio Seridó até a divisa com o Rio Grande do Norte, voltando Rio Caraipeira acima até a divisa com o município de Tenório, para, em seguida, rumar em sentido à sede de São Vicente do Seridó. Já o outro, pode ser feito no sentido inverso, com a possibilidade de trilhas adicionais menores", declarou.

Tais trilhas são caracterizadas como Trilhas de Longo Curso (TLC), dando a possibilidade de escolha de percurso ao praticante. "Como a TLC é bastante longa, ela está dividida em trechos, cada um com suas especificidades. Como são diversificadas na oferta de atrativos, os turistas podem escolher trechos e setores específicos para trilhar", contou o líder do grupo.

Ele ainda acrescenta: "Dependendo do trecho escolhido, o turista poderá contar com a visita a sítios arqueológicos, paleontológicos, contemplação da paisagem em 360 graus, locais sagrados, áreas de banho, cânions", frisou.

A gama de oportunidades se justifica no fato de que o município é hoje, no estado, um dos que possui o maior número de sítios arqueológicos.

Conforme informado pelo arqueólogo, historiador, professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Juvandi Souza, são aproximadamente 130 sítios arqueológicos catalogados naquela região. "A maioria dos sítios é de pintura e gravuras rupestres, e também conta com alguns sítios arqueológicos que pertenciam ao povo indígena tarairiú", contou.

Os registros históricos não param na arte rupestre. "Além dos sítios arqueológicos, nós temos também alguns sítios paleontológicos, com megafauna, além de muitos espeleológicos, que são cavidades naturais que contam com cavernas, abrigos rochosos", acrescentou.

Por fim, o especialista ressaltou as atividades de pesquisa e prospecção realizadas pela Associação Caminhos do Seridó, que identificam as ocorrências: "São justamente essas pessoas que têm enveredado mata adentro o território. Eles prospectam toda a região, localizam os sítios arqueológicos, paleontológicos e espeleológicos, passam as informações para a gente, e nós fazemos o registro dessas ocorrências", esclareceu.



Fotos: Associação Caminhos do Seridó

Percursos são diversificados e, em alguns, é possível visitar sítios arqueológicos



Escrita por Hindemburgo Rolim, coletânea é um exercício de observação da vida e das pessoas misturado com a imaginação do autor resultando na principal argamassa das histórias

LITERATURA

Contos erguidos pelo real e abstrato

Entra em pré-venda a obra de estreia da editora paraibana Matria: 'Vespas-do-mar nunca guardam rancor'

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

A figura mental que uma vespa-do-mar possivelmente carrega na cabeça das pessoas pode parecer estranha por forçar a uma imaginação de um inseto tal qual um maribondo vivendo mergulhado nos oceanos. A imagem mais precisa, porém, seria a de um ser como a água-viva, uma das espécies mais letais do mundo, carregando em movimentos graciosos tentáculos de três metros de comprimento e uma quantidade de veneno suficiente para matar 60 humanos adultos. O contraste entre a aparência e o risco de se confiar em sua inofensividade é o que guia a obra de estreia do escritor, editor e publicitário paraibano Hindemburgo Rolim. A obra *Vespas-do-mar nunca guardam rancor*, em campanha de pré-venda na plataforma Catarse, possui 20 contos inéditos e marca também a primeira publicação da editora Matria, que o autor fundou com o escritor Tiago Germano.

A associação entre o animal transparente mais letal do planeta com o potencial de violência e maldade humanas é explicada em um conto curto publicado na íntegra com essa matéria. "As pessoas se esforçam para parecer inocentes, mas não são. Todo mundo carrega essa peçonha. Isso conversa muito com os contos que escrevi para o livro", compara Hindemburgo Rolim. Cada história presente no livro representa alguém que Hindemburgo conheceu ou simplesmente viu casualmente na rua. E seu olhar parece sempre procurar antever as toxinas que cada uma delas carregam dentro de si. "Me fascina ver os limites da capacidade humana de varrer o absurdo e tomar o lugar dela, que nunca somos capazes de imaginar até que ela o faça".

Se em um supermercado Rolim vir uma pessoa passar ao seu lado com um *headphone*, ele vai tentar imaginar o tipo de música que está sendo ouvida baseada na leitura que faz a respeito daquele desconhecido. Ele procura entre as gôndolas um homem com cara de alcoólatra e investiga ali mesmo se o personagem bateria na esposa. A velhinha no caixa preferencial passando as compras deve ser uma assassina nazista. Um outro que parece distraído deve voltar para casa na hora do almoço para fingir que passou a manhã trabalhando. "Não consigo escrever sobre personagem se eu não tiver ela bem desenhada na minha cabeça. Seria como falar de quem eu não conheço. Não é um livro baseado em fatos, mas em pessoas reais", explica o autor sobre seu processo criativo.

A linha condutora tem movimentos sinuosos como os tentáculos da vespa-do-mar e é permeada por enredos que tratam, por exemplo, sobre os limites do consumismo e as consequentes responsabilidades da mídia na exploração das fraquezas humanas. Outro conto flerta com a ficção científica quando narra a história de uma mulher que encontra um homem perfeito que nunca existiu. Ou ainda de uma outra personagem feminina que faz um jogo de loteria e tem o bilhete premiado, mas o pai havia esquecido de registrar a aposta. No conto, ela tem a oportunidade de viver aquele dia novamente e tentar uma sorte diferente.

"É um exercício de observação da vida e das pessoas com uma mistura de imaginação para, com o real e o abstrato, construir as minhas histórias. Só que a realidade já superou a ficção no que diz respeito aos absurdos da vida", conta Hindemburgo. "Em *Vespas*, você nunca sabe de quem é a vingança e muitas vezes sente dó de quem está lhe fazendo mal sem nem perceber". Essa acentuada curiosidade pelas peçonhas das pes-

soas é fruto de uma descrença do escritor na sociedade urbana e que, no período específico desta produção literária, se somou a um contexto marcado nos últimos três anos pela pandemia, por uma tentativa de golpe contra a democracia e por questões pessoais de saúde do autor. "O pior de tudo é que a gente escreve e respinga um pouco na gente e, vira e mexe, o autor se encontra no meio daquelas histórias", confessa.

A forma que Hindemburgo inocula o seu veneno através da escrita está na manifestação da acidez de seu humor. A aparência sutil das palavras guarda uma possibilidade de ataque iminente à maldade de seus personagens. "Se eu fosse uma vespa, meu veneno seria esse. Não sou grande para brigar e preciso das letras para ser irônico e ácido". Assim como quem sofre um ataque de uma vespa-do-mar, não há finais felizes nos contos de Hindemburgo. Nem mesmo finais que se encaminhe de forma que o leitor projeta ou espera. "Gosto do *plot twist* pelo exercício de pegar na mão do leitor e ir conduzindo ele para soltá-lo do meio do caminho, que é quando vem a reviravolta".

A reviravolta que se apresenta agora para Hindemburgo Rolim é se habituar a

apresentar-se como escritor depois de fundar uma agência de publicidade e atuar no mercado como diretor de criação, designer gráfico e redator por quase duas décadas. "Sou redator publicitário desde 2004 e sempre escrevi, mas não nesse ambiente de literatura. E é algo completamente diferente. Para escrever esse livro eu precisei tirar um ano sabático. Hoje, quando vejo o livro pronto, eu começo a me colocar como escritor para alimentar esse escritor que existe em mim. Sei que a jornada é longa e é estranho se afirmar escritor de um livro que ainda não foi publicado. Mas esse é um caminho sem volta", conclui Rolim.



Através do QR Code acima, acesse a campanha virtual de pré-venda

Foto: Matria/Divulgação



Livro possui 20 contos inéditos que tratam de diversos temas nos seus enredos, como os limites do consumismo e as consequentes responsabilidades da mídia na exploração das fraquezas humanas

POR QUE O TÍTULO 'VESPAS-DO-MAR NUNCA GUARDAM RANCOR'? O AUTOR RESPONDE EM UM TRECHO DA OBRA:

Vespas-do-mar nunca guardam rancor. Nunca. Nem uma gota sequer. Na leveza de sua jornada não podem carregar ressentimentos, são pesados demais. Graciosas quando preciso, perigosas quando necessário, elas vagueiam silenciosamente, como espectros, pelo infinito submerso. Discretas — e com certo desdém — observam vinte e quatro olhos por dia o mundo ao redor. A despeito de seu nado primoroso, essas belas formas de vida também sabem deixar-se levar, ou pelo menos é o que elas querem que pensem. Disfarçam bem, sabem demais, muito além do que se pode imaginar. Despretensiosas como todo alvorecer, as vespas-do-mar, apesar de letais, são criaturas inocentes.

Inofensivas, não.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Desigualdade e sociedade global

A sociedade global é resultado do capitalismo e da criação de um mercado mundial. Essa formação econômico-social ampliada aconteceu com base num processo conhecido como acumulação primitiva do capital, que implicou inicialmente na expropriação das terras e dos meios de produção dos trabalhadores europeus no fim da era feudal. O colonialismo da África, Ásia e Américas também fazem parte desse processo. Da acumulação primitiva resultaram problemas com a escravidão, a diáspora africana e o extermínio dos povos originários da América. Não é possível entender o racismo e o desenvolvimento dos países do sul e norte global sem levar em consideração essa dimensão histórica.

O desenvolvimento capitalista ocorre de maneira diferente no mundo. A forma como países europeus se desenvolveram difere, por exemplo, daquela na qual os países latino-americanos se desenvolveram. Ruy Mauro Marini e a teoria marxista da dependência mostram as particularidades do capitalismo no Brasil e na América Latina, o seu caráter periférico dependente. Esse pensamento tem como herança a teoria do imperialismo de Lênin e as ideias de Karl Marx, em especial a teoria do monopólio e a dinâmica da concorrência intercapitalista nos países centrais, que levaria à impossibilidade de realização do valor nas próprias fronteiras, forçando a exportação de capitais.

O desenvolvimento de certas partes do sistema ocorre com base no subdesenvolvimento de outras. Há uma transferência do valor excedente criado nos países periféricos para o centro do capitalismo. Isso é possível porque a divisão internacional do trabalho está baseada na concentração dos meios de produção mais avançados, intensivos e tecnológicos nos países do norte global, enquanto o sul se especializou na venda de matérias-primas, na confecção de produtos com baixo valor agregado, em geral minérios e bens agrícolas. Isso tende a gerar pobreza relativa, com uma oferta menor de empregos de qualidade e a depreciação cambial. A superexploração do trabalho é outra característica, assim como a transferência da riqueza na forma de lucro e de juros.

A tentativa dos países do sul global se desenvolverem, geralmente é tratada como uma ameaça à hegemonia dos EUA. A América do Sul durante a década de 1960, período da Guerra Fria, sofreu vários golpes militares apoiados pelos EUA. A instituição de regimes de exceção visava estabelecer governos alinhados aos interesses estadunidenses, impedir o desenvolvimento autônomo dos países sul-americanos e suprimir as forças políticas de esquerda. Alguns desses governos contraíram empréstimos vultosos do FMI e do Banco Mundial, que em médio prazo resultaram em

dívidas impagáveis, altas taxas de inflação e vulnerabilidade externa.

As desigualdades entre os países do sul e norte global aprofundaram, com algumas exceções, depois de 1970, a reestruturação produtiva, a financeira e o neoliberalismo. No Brasil, a desindustrialização começou a ganhar força na década de 1980, seguida de uma política de privatizações, com FHC, nos anos de 1990. O que vimos foi um aumento da pobreza, da violência, do desemprego e o enfraquecimento gradativo dos sistemas de proteção dos trabalhadores.

A crise capitalista de 2008 revelou como o neoliberalismo e a política de desregulação do mercado é nociva. O capital fictício é fundamental nessa fase do capitalismo e no processo de concentração da riqueza. Com o fim da União Soviética, aprofundou-se a dominação global do capital.

A ascensão da China, no entanto, criou uma inflexão na conjuntura global. Na contramão o socialismo de mercado tirou 800 milhões de pessoas da pobreza. A China se apresenta hoje como uma alternativa ao neoliberalismo, e a globalização passa por mudança. Avizinha-se um mundo multipolar, com o fortalecimento do BRICS e a descentralização do dólar.

A ordem mundial que nasceu após a Segunda Guerra Mundial está com seus dias contados.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Atirando na tela

O que o romance *Golpe de Misericórdia*, da escritora de Marguerite Yourcenar (escrito em 1938), tem a ver com os tiros que Doca Street deu em Ângela Diniz, que virou filme de Hugo Prata (interpretada pela atriz Ísis Valverde) no papel de Ângela? Nada, só os tipos no rosto.

Noutro filme, *Tiro de Misericórdia* (1976), de Volker Schlöndorff, uma aristocrata, a condessa Sophie de Reval, apaixonou-se por um oficial prussiano que está em conflito quanto à sua sexualidade. Esse envolvimento empurra Sophie numa espiral de depressão psicossocial e define seu papel na luta armada. Esse é uma adaptação do livro homônimo de Marguerite Yourcenar.

Bom, tiro ou golpe de misericórdia, livro nem filme, abrevia a destruição do rosto de uma mulher, mas nada é inevitável. O fantasma do homem que mata uma mulher por ciúmes é mais urgente, se a gente sair do livro de Yourcenar e entrar no filme de Hugo Prata, ficaremos cegos com nos horrores finais. Isso muda tudo. Não, não muda nada. Fora da tela, os homens continuam matando suas mulheres.

Ângela tão bela, talvez o spoiler esteja logo no início e não no final do filme. No romance é na introdução. A história de Ângela é cruel e também intrincada, filme sequer chama o personagem de Doca Street, só nome dele é Raul.

Com todos os motivos para viver, a personagem é um desafio, atrelado ao prazer da carne, que é um prato cheio para se ganhar uma releitura, bem clara no filme de Hugo Prata. Ainda assim, a atriz Ísis Valverde já ganhou a minha estima, é uma personagem linda. É outra Ângela.

Ângela está em todo filme, claro e a parte final da sua vida, é o que filme propõe ao mostrar como surgiu o relacionamento da socialite mineira Ângela (Ísis Valverde) com Raul (Gabriel Braga Nunes) até chegar ao assassinato da personagem-título. Quando uma mulher apanha várias vezes do marido e ela não o quer mais, ele mata.

Nesse recorte, não se sabe se o cineasta se perde e se perde naquilo que quer contar ou não, na mais estranha das hipóteses, escolhe um caminho anêmico para retratar este "famoso" caso de feminicídio, ocorrido em dezembro de 1976. Os tiros não saem pela culatra.

O filme não é tão ruim, mas poderia ser um pouco melhor. Isis e Ângela são belas.

Nem o mar de Búzios ajuda, nem possibilita que o público compreenda quem são os personagens centrais sem ser "atração fatal" que nutre um pelo outro ou a ansiedade de Ângela se salvar, quando já está marcada para morrer.

Ângela Diniz é tratada como uma mulher achada, não lembra sequer o apelido de Pantera e não é dito nada sobre sua relação com a sociedade burguesa mineira, nem como ganhou o apelido de Pantera e se apropriou dele. Nada. É uma Ângela que goza, goza e goza, o que lhe faz bem.

São lindas as cenas do mar, mas o mar não é o cenário, é só o mar. A sensação que temos é que mais de 40 anos depois, o crime chega a tela com as informações previamente conhecidas pelo público – vendido como uma cinebiografia de um relacionamento problemático, entre a beleza e crueldade.

Kapetadas

1 - Tô sendo atendido por uma profissional de uma espécie de "Uber da psicanálise". Tô chamando de *I Freud*;

2 - Paz na terra aos homens de boa vontade. Isto é, paz para muito poucos. Do magnífico Millôr Fernandes.

Foto: Downtown Filmes/Divulgação



Atriz Ísis Valverde encarna Ângela Diniz em longa-metragem

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Intolerância e autodestruição

A mitologia da Grécia Antiga relata um método para compreender o universo e a natureza, como por exemplo, a existência e o propósito da vida humana. A literatura erudita auxilia na compreensão das tradições culturais e científicas que contribuem nas criações das identidades dos povos ao longo dos séculos. Essas referências analisam conceitos e são aplicados aos costumes, seja nas ciências humanas ou exatas, e são frequentemente encontradas na intertextualidade, que estabelece relações de significado entre um texto e outro, ou na transtextualidade, quando o texto vai além dos seus próprios aspectos e interage com outros textos.

Na mitologia grega, há um personagem chamado Procusto, que vivia na Serra de Elêusis, localizada entre Mégara e Atenas. Nessa região da Grécia, ao deparar-se com um viajante caminhando pela floresta, Procusto amistosamente oferecia abrigo e uma cama para que seu hóspede pudesse descansar. Comovido por essa solidariedade, o cansado convidado adormeceria e seguiria viagem no dia seguinte. No entanto, essa irresistível oferta ocultava esta crueldade: durante o período de descanso noturno do visitante, ele o silenciava e o amarrava na cama de ferro, que tinha as mesmas dimensões de Procusto. Dessa forma, se a visita fosse alta, ele amputava o excesso de comprimento para adaptá-la à cama, e aquele com baixa estatura era esticado até alcançar o tamanho adequado da cama. As vítimas não se adequavam ao tamanho da cama de ferro. Por causa disso, Procusto sempre mutilava os pés e a cabeça do sacrificado, golpeando-os com um martelo. Ou seja, eles não correspondiam às medidas impostas pelo anfitrião assassino, que direcionava todas as suas vontades perversas contra os inocentes viajantes. Seu preconceito chegou ao fim quando o rei e herói ateniense Teseu – que significa homem forte – em sua viagem para Atenas, ao enfrentar e vencer vários criminosos, encontrou Procusto. Teseu o condenou ao mesmo destino que o personagem perverso impunha aos convidados, ou seja, ele o prendeu em sua própria cama de ferro e, nela, cortou a cabeça e os pés de Procusto.

Foto: Reprodução



Intolerância representa o Mito de Procusto

Procusto simboliza a intolerância. Ele acreditava que, ao fazer as pessoas se ajustarem ao tamanho de sua cama, estaria eliminando as diferenças entre elas e justificando a imposição de sua própria vontade e de forma justa. Essa imposição é conhecida como Síndrome de Procusto. Ela serve como metáfora para situações em que um ou mais indivíduos impõem padrões e forçam adaptações a uma matriz preestabelecida. Isso está associado ao egoísmo e identifica pessoas que continuamente se frustram, impedindo o desenvolvimento das habilidades e competências dos outros. A inveja e o ressentimento são formas de expressar rejeição a tudo. As características dessa condição incluem ódio generalizado, humilhação e desvalorização do outro para se sentir superior, egocentrismo, insegurança, desprezo pelas conquistas dos colegas e resistência a opiniões divergentes; evitar colegas; ocultar informações cruciais para obter vantagens pessoais e prejudicar aqueles que não sabem; sentir medo de desafios e de ser superado; ter aversão a se expor em situações adversas; encontrar prazer na desmotação dos outros; ser agressivo e rude ao ser contrariado; desejar ser sempre o melhor apenas para si mesmo; não aceitar diferenças; não permitir que os outros progridam ou tenham mais sucesso do que ele;

entre outros. Essas atitudes revelam o medo do fracasso ou da falta de reconhecimento individual. Podem ser encontradas em qualquer lugar. É no ambiente de trabalho, onde a competitividade e a ganância existem, que a Síndrome de Procusto se manifesta com maior intensidade.

O ambiente corporativo requer um alto nível de competitividade. As atividades exaustivas estão sobrecarregando os trabalhadores. Alguns profissionais têm medo de serem ultrapassados. Esse perfil tem prejudicado a saúde mental, causando sintomas graves. As emoções mais intensas são a depressão, ansiedade e a Síndrome de Burnout: fadiga constante; irritabilidade; dificuldade em realizar as tarefas do trabalho e isolamento. Existem tratamentos que permitem melhorar as relações sociais dessas pessoas. Alguns deles incluem a terapia cognitivo-comportamental (TCC), que consiste em alterar as crenças do paciente sobre si mesmo, seu mundo e as outras pessoas. Observa-se que é possível modificar sua maneira de se sentir, seus estados de afetos e seus comportamentos. Os resultados têm benefícios restabelecidos na socialização e eficiência nas atividades diárias; a medicação psiquiátrica é geralmente usada quando a síndrome apresenta agressividade e impede ou prejudica a execução das atividades profissionais.

Levando-se em consideração que as doenças psicossociais se tornaram uma questão de saúde pública, elas precisam de ações preventivas, a fim de orientarem as famílias e os gestores de empresas e instituições. Faz-se necessário dar acessibilidade a todos os pacientes para as práticas terapêuticas institucionalizadas pelo Estado. Na atualidade, a péssima saúde mental de muitos cidadãos favorece a Síndrome de Procusto. Ela ameaça destruir toda dignidade humana e se expande cada vez mais.

Sinta-se convidado à audição do 442º Domingo Sinfônico, deste dia 22, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei as contribuições do violinista israelita Itzhak Perlman (1945) para construção da paz em todos continentes.

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Letra
 Lúdica

Hildeberto
 Barbosa Filho

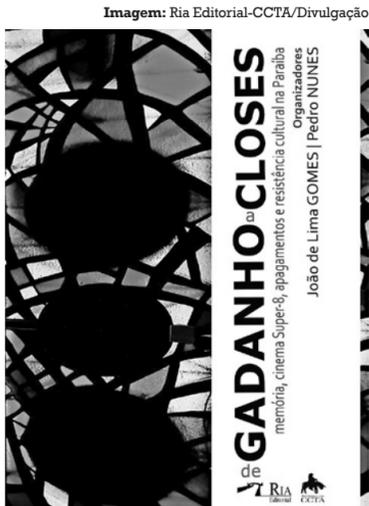
hildebertopoesia@gmail.com

“Degustando” cinema, literatura e memórias

Existem prazeres que vão além, muito além, do que se possa imaginar. Pois é, um deles é degustar um bom *vin rouge*. Mesmo que não seja de castas famosas, como Merlot, Cabernet Sauvignon, Syrah..., de origem Bordeaux ou de Rhône. Mais ainda, assistindo-se a um bom filme; ou até mesmo lendo um livro interessante, a nos trazer a história de amigos queridos e com os quais trabalhamos a cultura cinematográfica no seu melhor estilo. Momento esse, que possamos sentir o seu fascínio em toda a plenitude, verdadeiramente.

Mas, o que teria a ver esse deslumbre citado acima com o nosso cinema, literatura e memórias? Tudo, certamente!

Deixando o “deleite vinicultural” à parte (aqui, só como figura emocional e de mero costume degustativo), iniciemos pelo livro de dois parceiros da Academia Paraibana de Cinema, que acaba de ser lançado pela internet, agora com os devidos ajustes na primeira publicação. O livro é *De ganhanho a close – Memórias do cinema paraibano*, coletânea sobre o movimento superoitista na Paraíba, que traz o período por nós vivenciado, estoicamente, a partir da segunda metade de 1970, sobretudo na UFPB, ainda no reitorado do professor Lynaldo Cavalcanti de Albu-



Edição melhorada sobre o cinema paraibano

querque. Momento em que também criamos o Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc).

Senti-me honrado e agradecido, pela alusão do nosso nome e trabalhos que realizei nesse período, dando uma contribuição do próprio bolso para as culturas cinematográfica e literária de então. Dentre outros feitos, que estão registrados no livro, às páginas 90 e seguintes, a posição que sempre defendi sobre o cinema paraibano, que é a de se “rebobinar” sua história e reacender, mais ainda, a “saga heroica” de nossos an-

cestrais. Como também, entendendo as mudanças do nosso primitivo cinema aos parâmetros técnicos da época e as inovações de linguagens e contextuais, numa nova retomada pelo Super-8.

É também sobre esse tema que o livro dos organizadores João de Lima Gomes e Pedro Nunes Filhos e reporta – quando o defendíamos em *Cinema & Revisionismo* (1982) –, ao nos afaixar: “...contemporaneamente ao início da nossa produção superoitista, percebendo-a como a retomada da produção no estado. Foi o primeiro a refletir sobre a produção superoitista, pontuando a realização dos primeiros filmes em Super-8.”

Ainda com foco nas memórias do cinema paraibano, saudosamente, bem posto o registro feito ao cineasta Machado Bittencourt (patrono do prof. Pedro Nunes, na APC), quando da publicação de *A União*, quarta-feira, em caderno especial, sobre o aniversário de Campina Grande. Em destaque, foi lembrada a acuidade de nossos cineastas pioneiros Walfredo Rodriguez e Bittencourt, como também a busca da “reinvenção” dos festivais do audiovisual de hoje, na região. Informe bem oportuno, nos também parabéns à cidade de Campina Grande. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse: alexsantos.com.br/blog.



APC: Inscrições continuam abertas

Continuam abertas as inscrições de chapas que irão concorrer à eleição da nova diretoria da APC, para o mandato no triênio 2024-2026. Deverão fazer parte da chapa inscrita, nomes dos postulantes aos novos encargos de presidente, vice-presidente, secretário, diretor financeiro e diretor administrativo. Devem ser também indicados, os nomes dos três adjuntos ao conselho fiscal.

O candidato deverá encaminhar sua proposta em envelope lacrado para a presidência da APC, na Fundação Casa de José Américo, sede da Academia, Av. Cabo Branco, 3336, CEP 58.045-270, João Pessoa-PB. As inscrições vão até o dia 31 deste mês. No momento, apenas uma chapa foi inscrita.

EM cartaz

ESTREIAS

ASSASSINOS DA LUA DAS FLORES (Killers of the Flower Moon. EUA. Dir.: Martin Scorsese. Drama. 16 anos). O ano é 1920, na região norte-americana de Oklahoma. Misteriosos assassinatos acontecem na tribo indígena de Osage, uma terra rica em petróleo. O caso foi investigado pelo FBI, a agência que tinha acabado de ser criada na época. Os assassinatos dados a partir de circunstâncias misteriosas na década de 1920, assolando os membros da nação Osage, acaba desencadeando uma grande investigação envolvendo o poderoso J. Edgar Hoover, considerado o primeiro diretor do FBI. Inspirado no best-seller homônimo de David Gram. CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 20h; CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 17h; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (leg.): 19h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 13h30 - 17h45 - 22h.

O CÉU NÃO PODE ESPERAR (El cielo no puede esperar. Espanha. Dir.: José María Zavala. Documentário. 10 anos). Carlo Acutis foi um jovem britânico-italiano que morreu em 2006, aos 15 anos, em decorrência de uma leucemia. Porém, mesmo não estando mais aqui, até hoje ele segue sendo um grande símbolo de força entre os jovens. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 14h45 (sáb.) - 19h15 (seg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 14h (sáb.) - 19h (seg. e ter.).

LIVRO DOS SONHOS (La Chambre des merveilles. França. Dir.: Lisa Azuelos. Drama. 14 anos). Thelma Carrez (Alexandra Lamy), é mãe de Louis (Hugo Questel), um garoto que entra em coma após ser vítima de um atropelamento. Certo dia, ela encontra o diário do filho com uma lista com “10 coisas para fazer antes do fim do mundo”. Então, Thelma decide sair em uma jornada para realizar os desejos de Louis, na esperança de que, ao ouvir as histórias sobre as aventuras da mãe, o rapaz irá finalmente acordar. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 19h15 (dub., exceto seg. e ter.) - 21h45 (leg.).

TROLLS 3 – JUNTOS NOVAMENTE (Trolls Band Together. EUA. Dir.: Walt Dohm. Animação. Livre). Branch e Poppy embarcam em uma jornada angustiante e emocionante para salvar um irmão que foi sequestrado por um par de vilões pop star. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 19h30; CENTERPLEX MAG 3 (dub.): 14h - 16h15; CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 15h - 17 (seg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 13h45 - 16h; CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 15h15 - 17h40 - 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 14h45 - 17h (3D) - 19h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - Macro-XE (dub.): 14h15 - 16h30 - 19h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 14h - 16h15 - 18h30 - 20h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 15h - 17h15 - 19h30

(3D); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 16h40; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 14h50 - 16h40 (3D) - 18h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h50 - 16h40 (3D) - 18h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h40.

CONTINUAÇÃO

O EXORCISTA – O DEVOTO (The Exorcist: Believer. EUA. Dir.: David Gordon Green. Terror. 14 anos). Um homem (Leslie Odom Jr.) perdeu sua esposa grávida em um terremoto no Haiti e, desde então, cria sozinho sua filha (Lidya Jewett). Um dia, ela e a amiga (Olivia O’Neill) desaparecem na floresta e só voltam três dias depois, sem nenhuma lembrança do que aconteceu, causando uma série de eventos sobrenaturais. CENTERPLEX MAG 1 (leg.): 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 15h30 - 18h10 - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 22h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 15h30 (exceto seg.) - 18h15 (exceto seg.) - 21h (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h10 - 20h50; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h10 - 20h50.

UMA FADA VEIO ME VISITAR (Brasil. Dir.: Vivianne Jundi. Comédia. 10 anos). Baseado no livro da escritora Thalita Rebouças. Depois de quatro décadas congelada, a Fada Tatu (Xuxa Meneghel) é escolhida para uma missão: fazer Luna (Tontom Périssé) e Lara (Vitória Valentin), duas adolescentes que se odeiam, virarem melhores amigas. Enquanto Tatu tenta se adaptar aos tempos atuais, percebe que os problemas da adolescência continuam os piores do mundo. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 14h30 (sáb.) - 16h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 21h15 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 2: 14h40 (sáb. e dom.); CINE SERCLA PARTAGE 4: 14h40 (sáb. e dom.).

JOGOS MORTAIS X (Saw X. EUA. Dir.: Kevin Greutert. Terror. 18 anos). John Kramer (Tobin Bell), o impiedoso assassino Jigsaw, está muito doente e em busca de uma cura milagrosa. Ele decide viajar para o México após ouvir falar de um inovador procedimento médico que, além de experimental, também é muito arriscado. Ao chegar a seu destino, ele se depara com um ambiente macabro, e descobre que toda a operação é uma farsa para enganar pessoas vulneráveis. Agora armado com um novo propósito, o serial killer usará armadilhas insanas e engenhosas para virar o jogo contra os vigaristas. CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 21h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 21h.

MEU NOME É GAL (Brasil. Dir.: Dandara Ferreira e Lô Politi. Biografia. 16 anos). A trajetória de Gal Costa (Sophie Charlotte), uma menina tímida que des-

de muito cedo soube que a música guiaria seus caminhos. Aos 20 anos, ela decide viajar rumo ao Rio de Janeiro para se tornar cantora. Lá, a jovem encontra seus amigos da Bahia que acompanham os primeiros passos de Gal na música profissional no final da década de 1960. CENTERPLEX MAG 2: 15h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 18h40 - 20h45; CINE SERCLA TAMBIA 1: 18h45; CINE SERCLA PARTAGE 5: 19h45.

PATRULHA CANINA - UM FILME SUPERPODEROSO (PAW Patrol: The Mighty Movie. EUA. Dir.: Cal Brunker. Animação. Livre). Os filhotes da Patrulha Canina ganham poderes após um meteoro mágico cair na cidade. Para um deles, é um grande sonho que se tornou realidade, mas a felicidade dos patrulheiros pode estar ameaçada quando o maior inimigo dos filhotes foge da prisão. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 14h30 - 16h45; CENTERPLEX MAG 3 (dub.): 18h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 14h - 16h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 15h45 - 18h - 20h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h30 (exceto seg. e ter.) - 16h45 (exceto seg. e ter.) - 19h (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h - 16h55 - 18h45; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h - 16h55 - 18h45.

O PROTETOR – CAPÍTULO FINAL (The Equalizer 3. EUA. Dir.: Antoine Fuqua. Policial. 16 anos). Morando no sul da Itália, Robert McCall (Denzel Washington) logo descobre que seus novos amigos estão sob o controle dos chefes do crime local. À medida que os eventos se tomam mortais, o ex-agente do governo se torna um protetor ao enfrentar a máfia. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 21h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 21h45; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 18h50; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 20h40; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 20h40; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 18h50.

SOM DA LIBERDADE (Sound of Freedom. EUA e México. Dir.: Alejandro Gómez Monteverde. Drama. 14 anos). Um ex-agente federal (Jim Caviezel) embarca em uma perigosa missão para salvar uma menina dos cruéis traficantes de crianças. Com o tempo se esgotando, ele viaja pelas profundezas da selva colombiana, colocando sua vida em risco para libertá-la. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 17h15; CENTERPLEX MAG 3 (leg.): 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 14h20 - 17h30 - 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h - 18h15 - 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h15 - 17h30 - 20h30; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 14h10; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 18h20; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 20h20; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 20h20; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 18h20; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 14h10.

Recomendo este!

Sempre gostei de recomendar livros para as pessoas. Na sala de aula, qualquer que fosse o assunto, estava eu a dizer leiam isto, leiam aquilo. Deixei a sala de aula, mas a mania, ou o gosto, o prazer, a obsessão continuam a compor a minha singela escala de afetos.

Sim, porque indicar um livro não deixa de ser um sinal de afeição, uma tentativa de me aproximar desta ou daquela pessoa, ou, em possibilidades mais ousadas, tocar a pele do desconhecido, sugerindo, ao próximo, as venturas e desventuras que um bom livro pode trazer na sua floresta de signos.

De outra parte, quando recomendo a leitura de um autor de minha eleição, por exemplo, um poeta como Jorge Luís Borges, ou um romancista como Dostoiévski, estou querendo, entre tantas coisas possíveis, costurar um laço de amizade, um ponto de cumplicidade, uma linha de compartilhamento que nos podem unir dentro dos sigilos da vida e no reino daquilo que Goethe chamou de “afinidades eletivas”.

Às vezes não só gosto de recomendar. Gosto de dar. E, se dou um livro a alguém, estou me dando um pouco neste gesto gratuito e docemente humano. Pudessem, daria sempre certos livros a certas pessoas. Certas pessoas são como certos livros. No momento certo, bafejados pelo halo dos deuses estéticos, certos livros e certas pessoas se encontrarão para sempre. Um não saberão viver sem as outras e vice-versa.

Imagino que a *Divina Comédia*, de Dante, seria um presente essencial para os ouvidos e para a fantasia do leitor. Imagino que não existe sabor mais raro do que ler seus tercetos de ouro pela primeira vez. Dante, sempre o vi como um mágico maestro manuseando a partitura das palavras como se as palavras fossem pepitas do fogo divino, perpassando as rotas do *Inferno*, do *Purgatório*, do *Paraíso*.

Concordo com Gerardo Mello Mourão: “Ou Dante ou nada!”.

À Lara, minha netinha querida, conto os dias para um dia poder lhe doar o meu Jorge de Lima, quase todo sublinhado em sua coleção de sonetos espetaculares e, mais ainda, nas escarpas lancinantes das estrofes multifárias que edificam a *Invenção de Orfeu*, sem dúvida, o poema mais ousado da literatura de língua brasileira.

Se dou este monumento de metáforas visionárias, e já o dei a tantos amigos e amigas, sinto que estou me desnudando nas águas principiais do que penso ser a poesia. Poesia, não somente como a gramática criativa na medula das palavras, mas também como as lições intangíveis que vêm da fala multi-idiomática da eternidade. À tristeza das coisas, a sabedoria do tempo, as belezas do espaço solar.

Quando recomendo um livro, o meu saber, os meus desejos, os meus conceitos, as minhas ideias estão em jogo. A minha ética vai, embutida, no silêncio de cada página, assim como a minha fé, por mais paradoxal que seja, se assenta nos conflitos e nos sonhos daqueles personagens amados.

Toda a minha generosidade se cristaliza quando recomendo um livro. Se eu lhe disser leia este aqui, depois aqueloutro, principalmente este que passei a minha vida lendo, fique certo de que você já integra a esfera amorosa de meu coração. Coração aberto e plural, sedento de novos afetos e novas leituras.

Não me levem a mal, mas tenho absoluta certeza de que sou meio Raskolnikov, meio Bartleby, meio Madame Bovary, meio Julien Sorel, meio Joseph K., meio Florentino Ariza, meio Carlos de Melo, meio Luís da Silva, meio Riobaldo, meio Quaderna etc. etc. etc.

Também habito a alquimia da “vida que poderia ter sido e não foi”, como escreve Manuel Bandeira neste verso perfeito. Também navego no “Ó mar salgado, quanto do teu sal / são lágrimas de Portugal?”, de Fernando Pessoa. Também repito, com Cecília Meireles, que “A vida, a vida, a vida só é possível / reinventada”.

Ora, o que são os livros senão uma maravilhosa reinvenção da vida. Por isto mesmo, quem recomenda ou dar um livro dar ou recomenda muito mais que papel e tinta. Muito mais que um objeto industrial ou um artefato artístico. Tal gesto, na sua pequenina singularidade, é pedido, é dádiva, é bálsamo, é bênção.

Se é assim, vamos aos livros. Vamos doá-los, ofertá-los, recomendá-los. Os livros enriquecem as regiões de nossa intimidade, ampliam o nosso olhar, nos aproximam uns dos outros, podem nos fazer melhores e mais felizes.

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage (83)3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaíra (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Colunista colaborador

QUADRINHOS

Enquanto se espera o fim do mundo

Em dois volumes, 'A Bela Casa do Lago' envolve o leitor em um terror psicológico com alusão ao confinamento social

Audaci Junior
audaciauniao@gmail.com

Em uma boa parte da sua vida, entre aquelas conversas despreziosas nos bares e cafés da vida, um sujeito um tanto esquisito e quieto – mas com um ar que inspira confiança – ataca a sua curiosidade com a pergunta: Para você, como seria o fim do mundo? Entre os argumentos e detalhes especulativos, a conversa volta à tona em outras reuniões casuais ou encontros na rua.

Anos depois, o mesmo carinha que conhece há bastante tempo lhe convida para passar um tempo em uma “bela” casa do lago em meio a uma floresta, tão idílica e “instagramável” que até parece tirada daquelas plataformas gratuitas de imagens.

Sem saber quem vai estar lá, você encara os tempos pandêmicos, coloca sua máscara e vai para o suposto cartão-postal isolado do mundo. No mesmo dia, assim quando você pisa no local, o mundo – realmente – se acaba.

Esse é o mote da minissérie *A Bela Casa do Lago* (Panini, 192 páginas, R\$ 89,90), cujo primeiro volume (coletando os seis primeiros capítulos) lança o leitor nesse mundo à parte do Apocalipse. A obra é escrita pelo badalado e premiado roteirista norte-americano Ja-

mes Tynion IV (de *Alguns coisas está matando as crianças e A Floresta*), ilustrado pelo espanhol Álvaro Martínez Bueno, com cores de Jordie Bellaire, finalizando no Brasil no segundo volume, que está previsto para o final deste ano.

Com um número bem maior que os vistos em filmes de terror, os 10 personagens são taxados pelo anfitrião com um símbolo próprio (visto na capa do encadernado) e com um “apelido” que define a sua função/personalidade na sociedade (“O pintor”, “A cientista”, “O humorista” e por aí vai).

O que, em primeiro momento, era aprazível e idílico, se torna um verdadeiro inferno para os jovens: eles estão literalmente presos nos poucos hectares da misteriosa residência, sem comunicação com familiares ou conhecidos (apesar de terem acesso às notícias), que provavelmente estão mortos perante o juízo final (que também veste o manto “bíblico” da fatalidade e dimensão global). Uma alusão ao confinamento social que passamos pela crise sanitária no mundo real.

Em cada capítulo, sempre apresentando os protagonistas em um monólogo e abrindo posteriormente com a mesma página dupla da visão panorâmica da casa do lago, James Tynion IV mantém a

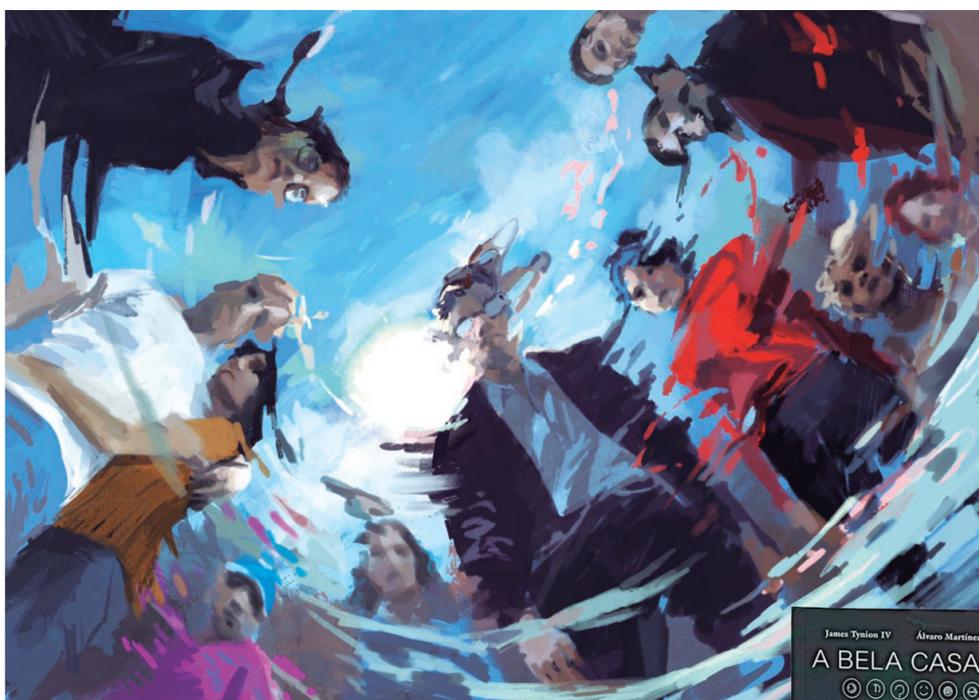


Imagem: Black Label/Divulgação

Uma dezena de amigos recebe o convite misterioso para passar uma semana numa paradisíaca cabana à beira do lago; porém eles não sabem que seriam os únicos sobreviventes do Apocalipse global

atenção e lança mais dúvidas do que respostas nesse volume, que possivelmente serão “amarradas” no segundo e último tomo da série, que saiu originalmente nos EUA recentemente pelo Black Label (selo da DC Comics que substituiu o Vertigo, destinado aos “leitores maduros”).

Com a deslumbrante arte e narrativa fluida de Martínez Bueno, *A Bela Casa do Lago* é um exemplo de quadrinhos de mistério e terror psicológico bem acima da média.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da editora Panini



Imagem: Panini/Divulgação

Livraria
AUNIÃO
Casa da literatura paraibana

A casa da literatura paraibana está também online!

Entre na Livraria A União e receba os melhores textos da Paraíba a um clique!

Acesse:



www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/



marketing epc



Fotos: Secom/PB

NEGÓCIOS COM A CHINA

Lucas fecha rodada de negociações

Vice-governador conheceu laboratório farmacêutico, participou de reuniões e foi recebido por lideranças locais

Juliana Teixeira
julianaaraujoteixeira@gmail.com

A Paraíba tem estreitado as relações comerciais com a China, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento tecnológico, gerar emprego e ampliar a produção de saúde na Paraíba.

A segunda missão Paraíba-China, durou nove dias e foi liderada pelo vice-governador Lucas Ribeiro (PP). O Estado já apresentou sinalizações da primeira missão, feita em julho, com a liderança do governador João Azevêdo.

A segunda missão foi composta por uma comitiva paraibana e foram articulados acordos comerciais na geração de empregos e de cooperação técnica para produção de medicamentos. A equipe foi integrada também por Luciano Piquet, presidente do Lifesa, e a diretora industrial do órgão, Claudia Santana.

A intenção foi qualificar a Saúde, trazer tecnologia do país asiático, ampliar e modernizar ainda mais a rede estadual, da alta complexidade na Paraíba, tornando o estado paraibano referência na oferta de medicamentos de qualidade a preços acessíveis, melhorando a saúde e contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico da Paraíba.

Integrantes da comitiva voltaram entusiasmados com os passos dados, projetando avanços para o povo paraibano no acesso a remédios.

O vice-governador, Lucas Ribeiro, fez uma avaliação positiva da missão no país, que teve como principal foco estreitar laços comerciais com empresas chinesas do setor farmacêutico.

Desta vez, comitiva paraibana se concentrou em visitar diversas cidades chinesas, incluindo Tonghua, Xangai, Chengdu e Pequim. Estas visitas possibilitaram não apenas negociações e parcerias, mas também um entendimento mais profundo sobre a infraestrutura farmacêutica da China e a troca de experiências e práticas bem-sucedidas entre os dois territórios.

Uma visita a empresa Tonghua Dongbao Pharmaceutical garantiu avanços nas tratativas para a transferência de tecnologia e para a efetivação da implantação de uma fábrica de produção de insulinas na Paraíba.

Segundo o vice-governador, Lucas Ribeiro, parcerias também foram estabelecidas com outras duas grandes farmacêuticas, produtoras de medicamentos de alta demanda, que são de grande rele-



Lucas Ribeiro discutiu acordos comerciais para ampliar os investimentos da China na Paraíba



Com lideranças locais, o vice-governador tratou de ações para fortalecer as relações institucionais

vância tanto para a Paraíba quanto para todo o Brasil. Uma delas tem atuação na área de medicamentos oncológicos.

“Retornar com acordos que têm o potencial de elevar a qualidade da saúde para os paraibanos, e que, ao mesmo tempo, possam dinamizar o desenvolvimento estadual, é motivo de grande satisfação. Nossa meta é que a Paraíba se torne uma referência na oferta de medicamentos de qualidade a preços acessíveis, cuidando assim da saúde dos paraibanos e contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico do estado”, avaliou Lucas.

Além disso, ele enfatizou que

a missão proporcionou a apresentação das competências e do potencial da Paraíba, destacando o equilíbrio fiscal do estado e o compromisso administrativo em oferecer um cenário atrativo para investidores. O vice-governador ainda expressou gratidão ao governador João Azevêdo e demais membros da comitiva por seus papéis fundamentais neste processo.

O secretário de Saúde, Jhony Bezerra, avaliou que apesar de ser uma viagem técnica, os ganhos serão sentidos por toda a população. “Essa missão foi um marco no fortalecimento do SUS na Paraíba. Ao estabelecer essas parcerias, estamos

garantindo uma saúde de qualidade, moderna e acessível para todos os paraibanos. A importância disso não pode ser subestimada, pois estamos falando do bem-estar e da qualidade de vida da nossa população”, disse.

O presidente do Lifesa, Luciano Piquet, disse que as visitas são fundamentais para consolidação das parcerias. “Com os acordos estabelecidos, o Lifesa agora trabalhará incansavelmente para garantir que todas as etapas de implantação destas parcerias sejam realizadas com eficácia e rapidez. Nossa meta é trazer esses avanços para a Paraíba o quanto antes”, garantiu.

A relação de estreitamento com a China veio do Governo Federal, quando o Presidente Luís Inácio Lula da Silva visitou o país, em abril deste ano. O Brasil e a China assinaram uma declaração conjunta sobre o aprofundamento da parceria estratégica global. O governador João Azevêdo (PSB) se antecipou e cumpriu extensa agenda no país, no mês de julho.

Naquele momento o itinerário teve como foco a colaboração tecnológica, científica e industrial.

A missão já trouxe efeitos. Entre os termos assinados com os chineses, estão o de cooperação com a empresa *Dahua Technology*, que visa o aprimoramento de pesquisas e do ensino nas áreas da tecnologia da informação, gerenciamento de **big data** de tráfego, salas de aula inteligentes e *bodycam*.

Na área da astrofísica, veio o apoio ao projeto do radiotelescópio Bingo, em construção na Paraíba.

João também visitou a empresa estatal Yto Maquinários e Equipamentos Agrícolas, a maior do mundo em fabricação de tratores, oportunidade em que discutiu a utilização dos equipamentos no estado para aumentar a produção da agricultura familiar.

Ainda na primeira missão na China, o governador assinou um Termo de Cooperação com a empresa Dahua Technology, que visa a complementação e o aprimoramento das pesquisas e do ensino nas áreas da Tecnologia da Informação, gerenciamento de **big data** de tráfego, Salas de aula inteligentes e *bodycam*.

A parceria vai beneficiar estudantes do Programa “Limite do Visível”, entre outros, assim como servidores e instituições parceiras do Governo do Estado, permitindo acesso gratuito a cursos da empresa.

Também fruto desta primeira viagem é a instalação de uma fábrica da Tonghua Dongbao Pharmaceutical - América do Sul, para a produção de insulina no município de Caaporã, no Litoral Sul do estado, que irá gerar 450 empregos diretos na Paraíba. Pelos próximos 12 meses acontece a preparação para a instalação da fábrica.

O governador João Azevêdo vem afirmando que as missões têm logrado êxito e consolidando investimentos. “Temos atraído grandes empreendimentos, fruto de um esforço coletivo para gerarmos novas oportunidades de negócios, emprego, renda e melhoria da qualidade de vida para o nosso povo”, comentou após o fim da primeira missão.

Memórias

A União

Agnaldo Almeida

Editor preocupado com informação e texto, e a formação de futuras gerações

Reformador, primava pela responsabilidade na apuração dos fatos, ao tempo em que implantou ideias com profundas mudanças no processo da Redação, além de lançar um caderno que marcou época: o Jornal de Domingo

Luiz Carlos Sousa
lulajp@gmail.com

Agnaldo Almeida foi em **A União** um gestor de pessoas. Como editor-geral, impunha uma forma de fazer jornalismo que exigia reflexão, apuração e a construção cuidadosa do texto. Formou gerações e orientou os jovens que começaram a sair do curso de Comunicação Social. Recorreu à sensibilidade para colocar cada repórter na editoria com que mais se adaptava, promovia verdadeiros debates na Redação, antes de qualquer decisão importante - da manchete em dias especiais à escolha de um editor setorial. Nessa conversa com o Memórias **A União**, ele conta como chegou ao jornal e diz que aproveitou “as pessoas certas na hora certa”. Apesar dos avanços tecnológicos, acredita que ainda há espaço para o impresso e recomenda a leitura como a melhor forma de se aprender a escrever. Sobre **A União**, diz: “Venceu todas as adversidades e é História”.

Entrevista

■ **Agnaldo, invariavelmente começa essas conversas com uma pergunta bem simples: como é que começou a sua história com A União?**

É bom estar aqui com vocês. É bom, sobretudo, estar nas dependências de **A União**, jornal que me acolheu muito cedo e trabalhei bons anos. E trabalhei com gente competente, claro. A gente vivia o regime ditatorial, mas mesmo assim n'**A União**, a gente criou, pôde criar alternativas e saídas que permitissem fazer um jornalismo contemporâneo, abordando questões tanto nacionais como locais até internacionais, em nível de comentário, de opinião. A gente tinha total liberdade e fez um bom jornal nessa época.

■ **Quando começou sua relação de trabalho?**

A minha entrada n'**A União** se deu em abril 1 de 1975. Eu trabalhava no Correio da Paraíba e Gonzaga Rodrigues havia sido indicado para a Direção Técnica do Jornal **A União**. Ivan Bichara era o governador, que tinha assumido e era compadre de José Souto. Chamou Gonzaga, que montou a equipe da gráfica até a redação, e ele me chamou para ser o editor do jornal.

■ **Você chegou aqui e teve carta branca? Tinha os limites que A União sempre teve ao longo da história e ainda tem hoje, mas tinha carta branca para pensar jornalismo?**

Nessa parte que a gente está conversando. Mais ou menos o seguinte: dava todo o jornal ao governo, que é dele, inclusive, e ficava com o caderno que criamos: Jornal de Domingo. Nele é que a gente fazia experimentações, entrevistas com tanta gente nacional - Tancredo Neves, que na época não podia, Lula.

■ **E internacional: lembro do teólogo marxista, algo que chocava na época, que a gente entrevistou?**

A gente ficou com esse “espaço-zinho” dentro d'**A União**. Mas claro que a gente cuidava bem de **A União**, dava a melhor notícia. Na época, é bom lembrar, a gente fazia concorrência, porque existia o Correio, existia O Norte.

■ **Alguma inspiração, por exemplo, no Jornal do Brasil?**

Foi, sobretudo, em termos de dia-

gramação de apresentação do jornal, apresentação de uma matéria. Os jornais eram muito solenes na apresentação da matéria. O editor do JB era Alberto Dines. O pessoal foi aos Estados Unidos, em um intercâmbio natural, e trouxe de lá esse modelo de diagramação, basicamente o mesmo até hoje. Abriram mais, era tudo impressado. Se você olhar um Estádio de São Paulo da época, ele tinha oito colunas.

■ **A União e os jornais locais também tinham essa divisão em oito colunas...**

A gente que passa por **A União**, passa por uma escola. E cria um caso afetivo, amoroso, porque um jornal bom de se trabalhar - já era há muito tempo e hoje é também. Hoje está fazendo um trabalho muito bacana. Quem trabalhou n'**A União** leva essa marca. Eu trabalhei em todos os jornais da Paraíba, você, também acho, mas minha marca é a marca de **A União**. Fui colunista de O Norte, mas aqui foi um aprendizado. A Redação era formada por pessoas mais velhas. Vim aqui visitar, na primeira vez, olhei os caras mais velhos, não conhecia nenhum.

■ **Idosos mesmo, sisudos?**

Idosos, não. Madurões e eu de cara limpa disse: rapaz, vou botar um bigode e deixei por um bom tempo. Fiz amizade logo, o pessoal daqui era muito receptivo, e ainda hoje é. O pessoal trabalha aqui, embora as coisas tenham mudado muito, mas um pessoal afetivo, de hospitalidade, muito bom.

■ **Você chegou aqui já no distrito? A União já estava aqui? Aquele prédio da Assembleia já tinha sido derrubado?**

A União era aqui, esquisito, não tinha nada. Nem telefone, aliás, a história do telefone você sabe?

■ **A de Ernesto e de Orlando...**

Eu tenho a edição de Orlando. Aliás, eu tenho as duas, Orlando e Ernesto. **A União** noticiou que o próximo presidente da República seria Orlando Geisel porque Orlando era ministro do Exército, irmão de Ernesto, que também era general, e, inclusive, tinha trabalhado aqui na Paraíba com Gratuliano de Brito.

■ **Você disse que “os caras eram velhos” e você chegou com o espírito renovador.**

Encontrou solo fértil? Porque apesar dos velhos, tinha gente como Gonzaga, Martinho, Barreto que depois teve uma passagem mais marcante?

Carlos Aranha, Ipojuca Pontes, que era correspondente. Agora era isso: um pessoal muito caledado em jornal. Essa turma tinha trabalhado já antes em outros jornais. Alguns vieram direto para **A União**, mas tem outros que trabalharam n'O Norte e vieram para cá depois.

■ **Inclusive, tem a dupla famosa: Agnaldo editor e Frutuoso chefe de Reportagem?**

Foi. Quando eu fui chamado para a Editoria por Gonzaga e confirmado por Zé Souto depois, eu trabalhava no Correio com Frutuoso. A gente era copidesque, redator de primeira página, fazendo chamadas. Então, combinamos de vir para cá. Ele já tinha trabalhado aqui.

■ **Ele já contou a história dele aqui no Memórias A União...**

Ele ficou em Cidade, colhendo material dos repórteres.

■ **A União tinha aquela divisão: A Redação ficava na cidade?**

E as máquinas aqui. No Centro, a gente tinha um escritório e os repórteres entregavam o material lá. A gente trabalhava com sistema de malote, então o malote vinha de lá para cá. Era uma mão de obra.

■ **E durou muito tempo assim. Ainda hoje o pessoal se ressentia porque para tudo que você precisa fazer precisa de um carro. É longe demais. Por exemplo, à noite tem um esquema especial para deixar o pessoal em casa, porque aqui ainda é muito esquisito...**

Houve uma falta de visão do governo na época em que **A União** veio para cá. A direção, não sei conversei com eles sobre isso, mas ali onde era o Detran, que nem é mais, porque o Detran não cabe ali, em Jaguaribe.

■ **Hoje é um anexo do Tribunal de Contas. O Detran deveria ter vindo para cá e podia crescer, porque quando quisesse ia até as lagoas, mas A União dormiu no ponto, passou batido.**



“A gente criou alternativas e saídas que permitissem fazer um jornalzinho contemporâneo”



Agnaldo Almeida chegou a **A União** aos 24 anos e teve carta branca para encontrar a forma de fazer um jornalismo de ideias

■ **Voltando à questão editorial, como foi que você, por exemplo, teve as iniciativas? Lembro que você tinha paciência para orientar, era meio que professor de todo mundo?**

Me lembro de um episódio com você começando na carreira. Natanael Alves escrevia uma crônica, escrevia em casa, já estava meio adoentado, não tinha condições de estar na Redação, então a gente ia buscar a crônica. E você foi um dia no carro de **A União**, bateu um papo com ele, que caiu de pau no jornalismo. Nathan era para baixo.

■ **Era depressivo...**

Não era muito para cima. Luiz começando a carreira não deu muito ouvido, não.

■ **O ouvido que eu dava era quando ele escrevia. Era uma “ofensa” para a gente começando, vindo com aquela inspiração de quem gostava de Português, e imaginava que podia fazer algo diferente, e chegava lá: o mestre. Terminava, tirava o papel da máquina e entregava a folha. Não vai revisar? “Para quê?”, respondeu. Saía tudo perfeito, era exímio datilógrafo.**

Era uma figura humana de altíssima serenidade. De sofrer a dor da humanidade, uma coisa difícil, uma criança morria lá em Biafra de fome e Nathan sentia essa dor aqui.

■ **Foi na sua gestão à frente da Editoria que começou a haver uma integração maior com a turma que vinha do curso de Comunicação e com a gente - você, Sílvio, e eu que fomos das redações para o curso de Comunicação. Como é que foi essa história?**

A União foi o maior porto na época dos meninos e das meninas que estavam lá na Universidade fazendo o curso de Jornalismo e **A União** absorvendo todo esse pessoal. É a história de Naná Garcez, Gisa Veiga, Cleane Costa, Baby Neves.

■ **Um momento de aumento no número de mulheres na Redação porque não era coisa comum?**

Não era comum. A gente botou

uma coisa mais moderna, aí o palavrão na Redação teve que diminuir, porque sabe que para trás mesmo era um negócio pesado. Só tinha homem. E aí o linguajar do pessoal. Imagina as meninas vieram, os meninos entraram nessa época no jornalismo. É a geração que está aí mandando, fazendo e desfazendo.

■ **Mas você testemunhou a briga, que foi histórica na época, com Biu Ramos de um lado e o pessoal do curso de Comunicação do outro?**

A briga dele era mais específica contra os professores estrangeiros. Xenofobia. Biu escreveu uns artigos sobre uma coisa que depois se revelou verdadeira. Os artigos de Biu Ramos sobre esse assunto eram no sentido de que gente de Minas Gerais, de São Paulo, fazia concurso na UFPB porque a concorrência era baixa. Mas, na realidade, eles queriam mesmo era trabalhar na USP.

■ **Depois se transferiram?**

Passava um pedacinho e eles tinham também o negócio do estágio fora do país, das bolsas. Às vezes a pós-graduação, o mestrado no exterior para disputar uma bolsa era muito mais fácil na Paraíba, em tese, do que em São Paulo, que era da passada. E aqui você pegava mais leve e mais numa área que estava começando que era a área de jornalismo. Então, Biu defendia isso, que esses caras só vinham para cá...

■ **Para usufruir?**

Para esse “periodozinho” aqui e depois dá no pé. Bobagem, xenofobia que não faz sentido.

■ **Você também era o editor quando Tarcísio Burity assumiu o Governo do Estado e no seu discurso de posse disse aquela frase maravilhosa: “Não há democracia sem Imprensa livre que possa informar corretamente a opinião pública sobre os fatos do governo”. E você comandou A União com certa liberdade, mas também com muita inteligência porque nunca deixou de haver pressão sobre o jornal, é claro. Mas**

uma história polêmica, uma história do jornal de engajamento nas coisas do governo era um jornal de governo. Hoje ela é do governo, mas o governo tem a noção de que sendo do governo é mais um órgão de Estado. Ela não é um boletim, é um panfleto, vamos dizer assim. Como não tem concorrência porque em todos os jornais impressos daqui fecharam só tem a internet, **A União** está aí firme. Essa é uma parte da história dela: ter ficado.

■ **Sempre chamo atenção de quem nos assiste no Memórias A União para os números: o Brasil tem quase 24 anos de História e A União tem 130 de existência. Só aí a relação já diz que 25% da história do Brasil passaram pelas páginas do jornal?**

É há o episódio de 1930. Ela foi, ao mesmo tempo, personagem e testemunha dessa história. Ela é personagem quando João Dantas ler uma notinha na primeira página dizendo que o presidente João Pessoa viaja ao Recife e ele, que estava em Olin-da vai atrás de João Pessoa. Vai para casa, pega uma arma e vai atrás de João Pessoa. Lido em **A União**.

■ **Você também sempre foi muito preocupado com tecnologia. Foi na sua gestão que A União arrojou a diagramação. Também foi na sua gestão que A União deu alguns passos, um pouco antes de sua gestão, mas digamos que quando você chegou A União estava experimentando na nova tecnologia do offset. Como surgiu esse interesse em tentar apresentar um jornal mais limpo, mais arejado, com mais elementos gráficos que pudessem facilitar ao leitor o entendimento da mensagem que você estava editando?**

Essa parte da diagramação, do arejamento - a gente até fazia uma brincadeira, eu, Martinho e Milton Nóbrega, com Gonzaga Rodrigues, porque ele tinha editado uma página, trabalhava n'O Norte, ainda, com muito espaço branco com um “negocinho” aqui embraxo. Gonzaga, o que é isso? “Silêncio gráfico”, disse. Então virou silêncio. Resultado: Gonzaga é quem melhor tinha noção, tinha a noção de espaçar o jornal, alargara os textos, fontes, sabia editar fotos

■ **O Jornal de Domingo também trouxe para a redação muitos personagens que não estavam no dia a dia da Imprensa, que, por exemplo, estavam assessorando o governo, estavam no judiciário, na própria universidade só para citar três, Martinho Moreira Franco, que era assessor do governo, Firmo Justino, que era juiz e José Octávio de Arruda Melo, que era professor de História e que muitas vezes trouxe nomes importantes para a gente entrevistar?**

Levou muita gente pra lá, algum professor ou outro da Fundação Getúlio Vargas, que vinha para cá para dar uma palestra, ele capturava esse pessoal e levava para **A União** fazer uma entrevista. Assunto novo, atual.

■ **O juiz Firmo Justino, na estreia do Jornal de Domingo fez uma matéria, meio crônica, sobre o preço do feijão e da gasolina?**

Foi assim. Nós falamos então d'**A União** do meu tempo de abril de 75 até hoje, estou brincando. É porque você nunca se desliga de **A União**. De qualquer forma você fica ligado, quem passou por aqui. Mas **A União**, como instituição tem uma história complicada, nem história muito boa, nem história muito ruim. Agora é

dentro do padrão. Isso é herança dele, claro que passando pelos diagramadores, que foram muito com quem eu trabalhei também. Mas assim o norte dessa história de diagramação, além do cronista que é, vem de Gonzaga Rodrigues.

■ **Essa história da sensibilidade gráfica de Gonzaga vem desde que ele fez um caderno sobre o discurso de José Américo saudando Augusto dos Anjos.**

Gonzaga seria um grande jornalista estivesse onde estivesse, aqui ou no Rio de Janeiro, São Paulo porque a qualidade é um sentimento universal.

■ **Outra lição sua dizia “No jornal cabem três tipos de profissionais: os que escrevem bem, os que pensam bem, e, sobretudo, que pensam e escrevem bem? É preciso construir o texto com inteligência e sobretudo pensar, nas repercussões, que mensagem pode levar para a sociedade. Como contribuir de alguma forma para uma mudança?”**

É que hoje não temos mais jornais. Os nacionais são dois ou três: Globo, Estadão, Folha, mas ao longo da história do Brasil, da imprensa, grandes jornalistas, os escritores, que corriam todos para a Redação de jornais. No começo era o espaço deles, né?

■ **José Américo, disse que a universidade dele foi A União...**

Então, nós tínhamos essa diferença e hoje não há aprimoramento de texto, ao contrário, o texto está solto. Hoje você é “vc”, também é “tb”, porque é “pq”. Tá difícil. Esse pessoal não passa num concurso mais exigente, como passa a juventude paulista abonada, que estuda e não usa “pq”, “vc”. Usa livro, que é onde se aprende a escrever: lendo.

■ **Então, vamos aproveitar essa entrada na tecnologia. Não há mais apuração dos fatos. Alguém testemunha um acidente, fotografia com o celular e joga nas redes sociais com a informação errada e depois faz uma atualização e corrige o que não estava certo?**

É a diferença da imprensa convencional, essa do jornal como veículo tradicional, para sites, blogs etc. O jornal checa mesmo, não pensa que é brincadeira. A TV tradicional, o rádio.

■ **Hoje se utiliza os meios de comunicação para dar vazão à mentira ou então a um sentimento pessoal. A pessoa tem uma impressão de alguma coisa e escreve sem compromisso. Como fica fácil acusar, denegrir, difamar, caluniar. É impressionante, a gente viu isso, inclusive, recentemente no que diz respeito a eleição presidencial...**

Você está bem mais interessado nisso que eu. Mas, hoje, a gente caminha, inevitavelmente, para transformações nessa área de comunicação, a área que mais cresceu, acho, no século passado.

■ **É a informatização geral...**

Você está aqui e bota o “bicho” para cozinhar o feijão em casa, a internet das coisas, manda varrer, qualquer coisa.

■ **Se faz uma pergunta?**

E manda escrever sobre liberdade, 30 linhas. Liberdade no pensamento de Machado de Assis.

■ **Pega pensamento de Darcy Ribeiro sobre a dependência brasileira em relação à economia da Europa e hoje dos grandes conglomerados chineses.**

Isso aí não tem volta. Vai ser um negócio muito diferente, muito diferente.

■ **Tenho a impressão que, não sei, eu não sou um estudioso sobre o tema, que permitiu que uma certa irresponsabilidade... Pairasse.**

■ **Porque é como você disse: a gente tinha que apurar. Quantas vezes você recebeu um texto, leu e disse: é preciso ouvir o outro lado...**

A conversa entre dois jornalistas, um chefe e um repórter, e o repórter cita “uma fonte”. Mas quem foi a fonte? O jornalista pode perguntar a seu funcionário. Não vem com conversa fiada, mentindo para mim, inventando moda, porque eu conheço isso. E aí diz eu quero saber quem foi? Sabendo quem foi, você vê se merece crédito, se não merece, se precisa checar o outro lado, se tem problema, um detalhe.

■ **Foi também na sua gestão que o Botafogo venceu o Flamengo, no Maracanã?**

Com Zico e tudo. Foi no Campeonato Brasileiro. Aquilo foi um feito danado. E marcou também o jornal. Hoje você é “vc”, também é “tb”, porque é “pq”. Tá difícil. Esse pessoal não passa num concurso mais exigente, como passa a juventude paulista abonada, que estuda e não usa “pq”, “vc”. Usa livro, que é onde se aprende a escrever: lendo.

■ **A gente citou essa cobertura que A União foi muito feliz e me lembro de outra coisa que deu muito certo na sua gestão foi o Correio das Artes, que ganhou inclusive prêmio nacional, o editor era Sérgio de Castro Pinto?**

Primeiro era Barreto Neto. Barreto, quem retomou. O Correio das Artes já existia, estava parado, então Barreto recuperou. Agora, realmente o editor foi Sérgio. O prêmio da Associação dos Críticos de Artes de São Paulo foi na gestão de Petrônio Souto.

■ **Como foi a ideia de reformar o Correio, chamar Sérgio?**

Três, quatro pessoas: Gonzaga, Barreto e eu. Está na hora de chamar fulano, rapaz, deixa o artigo de ciclano. Martinho, que não era de **A União**, mas participava na época, lia o jornal de cabo a rabo. Então a gente ia chegando, o pessoal também gostava de trabalhar n'**A União**. Resultado: juntamos muita gente boa na época. Foi um bom tempo para mim, um bom tempo de jornalismo, feito com

muito esforço, com várias limitações, essas que a gente falou de controle do governo. **A União** era complicada, você dava uma notícia qualquer, um secretário lá de obras, não gostava ia para o governador, chamava o secretário, ligava para o diretor d'**A União** e fazia um alarido, por uma besteira e o cara estava errado mesmo, o secretário, mas não queria dar o braço a torcer.

■ **Essa relação do governo com A União trouxe algum problema na sua gestão? Lembro, por exemplo, de episódios marcantes e você era editor do jornal, como a briga na Assembleia entre Marcos Odilon e Afrânio Bezerra?**

A União sempre teve muitos problemas para cobrir essa atividade política, sobretudo, num palco como a Assembleia. **A União** teve dificuldades do entorno do governo. Qualquer coisinha em **A União**, mais ou menos assim, era polêmica. Alguém levava isso ao governo, ao governador para tirar um proveito qualquer um. Mas **A União** venceu todos aí a prova está aí: **A União** é História. E como dizia José Américo: a primeira universidade da Paraíba.

■ **É um patrimônio?**

É. Hoje está muito bem. Conduzido pelo pessoal que trabalha na editoria, na direção e na reportagem. Eu queria destacar essa ação que **A União** faz parte de Editora. Uma livraria. Essa gestão de Naná Garcez, William Costa e outras pessoas é muito exótica. Tenta registrar o jornal, o livro.

■ **Ainda há espaço para o impresso?**

Hoje eu não poderia dizer que o impresso vai se acabar, que vai fechar tudo. Já fechou a maioria, mas também não posso dizer que vai fechar tudo, mas também não posso dizer que o negócio é um negócio vantajoso. A forma de viver das pessoas está muito embricada com a comunicação, que não tinha essa importância toda, não era explorada como é hoje com essa força da internet, via rede social. O jornal impresso acho que ficará reduzido a um quadro pequeno, mas eu não me arriesaria a dizer que vai ficar permanentemente porque a tecnologia, os avanços tecnológicos da área de Comunicação e Informática são rápidos, muito velozes.

■ **A gente passou por cima de algum tema que você gostaria de ter filado, algo que eu passei batido, acrescentar alguma informação, porque eu sei que houve perrengues, broncas?**

Houve murros na mesa. Lembro dos palavrões e da fumaça de cigarro nas velhas Olimpíadas e Remington.



Aponte a câmera do celular e veja a entrevista na íntegra





Socorro Palmeira, Gutembergh Cardoso, Leopoldina Lemos, João Paulo Jurema, Eitel Santiago, Marcos Paiva, Aldenor Holanda, Tadeu Patrício e Márcia Timotheo são os aniversariantes da semana.

IMOBILIÁRIA

PARAIBA PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS. EXPERIMENTE.

*marca de terceiro não relacionada com a São Braz.

MD
moura dubeux



A querida amiga Suely Oliveira, casada com Geraldo Gomes de Oliveira Filho, festejou seu aniversário com elegante almoço no restaurante Jhon's Grill, no bairro do Altiplano, em João Pessoa. O evento, que reuniu familiares e grandes amigos, foi marcado por elegância e harmonia. Confira alguns dos melhores momentos.



O lançamento do livro "A Discreta Arqueologia da Noite", do escritor Helder Moura (na foto ao lado da jurista e escritora Nevita Franca), aconteceu na Livraria do Luiz, na última terça-feira (17). Um interessante debate literário entre o autor e os intelectuais Nevita Franca, Germano Romero, Ângela Bezerra de Castro e Milton Marques Júnior, encantou os presentes por conta da originalidade e dinamismo do tema abordado.

Encerradas as inscrições, a Academia Cajazeirense de Artes e Letras / ACAL começa a receber, via Correios (com AR), votos dos acadêmicos que residem fora da cidade. As eleições presenciais ocorrerão em 7 de dezembro próximo. Cinco postulantes concorrem a três vagas (cadeiras 21, 29 e 30). A notícia nos é dada pelo Prof. Francelino Soares, sócio efetivo fundador da entidade.

Thereza Madalena, um ícone na história da televisão paraibana, já se preparando para festejar seu aniversário no dia 28 de novembro. Claro que marcaremos presença.

Na quarta-feira (18), na sede da Asip - Associação dos Servidores Inativos e Pensionistas da UFPB, para festejar o aniversário de 91 anos do presidente Carlito Gondim.

A escritora e editora Ezilda Melo, uma referência na cultura nordestina, já está em Paris. O motivo? Ela, por sua competência e talento, foi contemplada pelo Edital Arte na Bagagem e está representando as escritoras nordestinas na Cidade Luz.

A Feijoada da Folia, evento carnavalesco realizado por Dorgivaldo Andrade, será realizada no Palazzo Cristal, no dia 27 de janeiro de 2024. Com atrações importantes, como Alobened (ex-banda Mel), Trio Ousadia, Orquestra de Frevo Paraíso Tropical, DJ Claudinho, Liss Albuquerque, Gracinha Telles, Tadeu Mathias, Diana Miranda, entre outros, a festa promete.

Renata Leal e sua filha Liss Leal estão de férias no sul do país. Na região mais fria do Brasil, elas conheceram Balneário Camboriú, Pomerode e Gramado, entre outras belezas de nosso querido torrão.



No próximo dia 26 (quinta-feira), a partir das 16h30, vou lançar o meu livro "Dona Cotinha, a Vaca Voadora", durante a realização de mais uma edição do Pôr do Sol Literário. A ação cultural, que vai acontecer na sede da Academia Paraibana de Letras, no Centro da capital paraibana, será muito rica e recheada de grandes acontecimentos culturais.



Tereza Loureiro, na foto entre as amigas Roberta Aquino, Lúcia Padilha, Marcélia Leal, Da Paz Gonçalves, esta colunista e Odila Falcone, está sempre presente aos eventos do Chá da Tarde, encontros de mulheres que acontecem nas catedrais de nossa cidade.



O jovem Luca de Melo (na foto com o padre Nilson Nunes), sempre em companhia de sua mãe, Ezilda Melo e de sua irmã Anna, recebeu a sua primeira Eucaristia, durante celebração no Santuário Mãe Rainha.

Selic Fixado em 20 de setembro de 2023 12,75%	Salário mínimo R\$ 1.320	Dólar \$ Comercial -0,43% R\$ 5,031	Euro € Comercial -0,37% R\$ 5,330	Libra £ Esterlina -0,27% R\$ 6,119
---	---	--	--	---



RISCO ELEVADO

Investimento em câmbio exige perfil mais arrojado

Mercado que envolve moedas estrangeiras é considerado de alta volatilidade

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

O investimento em moedas estrangeiras, como dólar e euro, é indicado para quem tem perfil arrojado, que busca rentabilidade alta em curto prazo, mas com disposição a assumir riscos elevados que podem reduzir temporariamente seu patrimônio. Segundo o economista e educador financeiro, Amadeu Fonseca, o risco está atrelado à volatilidade e fatores políticos e econômicos, a exemplo de conflitos geopolíticos, que podem afetar o mercado de moedas, causando perdas no curto prazo.

Amadeu adverte que, dificilmente, os investidores estão se arriscando nas operações de câmbio, no momento. "As oportunidades nessa modalidade são nos períodos de baixas nas cotações das moedas. Se o dólar vem numa tendência de queda, é o momento de comprar com preço menor para ter rentabilidade no futuro".

O educador financeiro explica que o investidor arrojado vai aplicar uma média de 75% de seus investimentos em renda variável, incluindo ativos como criptomoedas, moedas e operações em bolsa de valores, em ordem de risco. "A pandemia de Covid-19 foi um período

de alta volatilidade nas moedas. Os investidores tiveram perdas grandes. Nesses casos, é preciso esperar o mercado se acalmar antes de decidir retirar o investimento".

O planejador financeiro e sócio da Hunter Assessoria, Élysson Barros, afirma que o momento não é propício para investir em renda variável, considerando o conflito entre Israel e Palestina e seus desdobramentos. Além disso, ele cita o ciclo de alta dos juros mundiais para controlar a inflação gerada após a pandemia de Covid-19.

No caso de o investidor escolher destinar parte de seu patrimônio ao mercado de câmbio, ele indica o dólar americano, que é uma moeda mais forte do que o euro. "Se o dólar valoriza, é bom para quem já investiu e não para quem quer investir".

O especialista em educação financeira, Cassio dos Anjos, comenta que o euro passou por um período de desvalorização em 2022 e começou a se valorizar apenas em agosto. "Os conflitos geopolíticos, como o que existe entre Israel e Palestina, podem ter um impacto significativo nos mercados financeiros globais, incluindo os mercados cambiais, levando a uma maior volatilidade e incerteza, afetando assim o valor das moedas", assinala Cassio dos Anjos.



A pandemia foi um período de volatilidade nas moedas. Nesses casos, é preciso esperar o mercado se acalmar antes de tomar decisões

Amadeu Fonseca



Investimento em câmbio pode trazer oscilações para a carteira do cliente. As orientações são feitas conforme o objetivo para o patrimônio

Élysson Barros

Fotos: Arquivo pessoal

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

Repercussões globais dos conflitos regionais

As guerras, além de causarem devastação humana e social, têm impactos econômicos profundos que se estendem além das fronteiras dos países diretamente envolvidos. Em regiões de conflito, combates e bombardeios frequentemente destroem infraestruturas vitais como estradas, pontes, escolas e hospitais e matam muitos inocentes. A reconstrução é desafiadora e, para países em desenvolvimento, pode representar um retrocesso significativo.

A interrupção do comércio é uma das consequências diretas de tais conflitos. Zonas de guerra tornam-se inacessíveis para o comércio internacional. Sanções, bloqueio de portos e interrupção de rotas comerciais são comuns. A tensão entre a Rússia e a Ucrânia afetou o comércio europeu, com o continente sentindo o impacto nos preços e fornecimento de *commodities*, principalmente gás e petróleo. Mas a sensação que temos é que todo o planeta vira "zona de guerra", pois fica difícil imaginar onde as pessoas podem estar seguras, principalmente aquelas que frequentam lugares como aeroportos, portos e estações de trens e metrô.

Além disso, conflitos armados geram fluxos maciços de refugiados. Em busca de segurança, muitos buscam refúgio em países vizinhos ou além oceanos, pressionando os recursos dos países anfitriões e, por vezes, levando a tensões sociais.

A economia global também é vulnerável a conflitos em regiões estratégicas. O Oriente Médio, por exemplo, é rico em petróleo. Conflitos nessa região podem causar flutuações nos preços do petróleo, com ramificações mundiais.

Recursos que poderiam ser investidos em educação, saúde e desenvolvimento são frequentemente desviados para a defesa e operações militares. Países em desenvolvimento, dependentes do comércio e investimento de grandes economias, são particularmente vulneráveis a tais choques. Uma perturbação em uma economia poderosa, como a Europa, pode resultar em redução do comércio, investimento e ajuda externa para essas nações.

Além do petróleo e gás, outros produtos essenciais também são afetados em nível global. Conflitos podem interromper a produção e transporte de alimentos. A Ucrânia, grande exportadora de trigo e milho, é um exemplo de como conflitos podem impactar os preços e disponibilidade de grãos. Minerais, essenciais para indústrias globais, também são vulneráveis. A interrupção na mineração pode afetar setores como eletrônica e automobilística.

Vários países em desenvolvimento são profundamente afetados por perturbações no comércio global. Na África, países como a República Democrática do Congo dependem da exportação de minerais. O Afeganistão, dependente da exportação de produtos como frutas secas, e a Venezuela, fortemente dependente do petróleo, são exemplos de nações que podem ser gravemente afetadas por flutuações no mercado global. Bangladesh, um dos maiores exportadores de vestuário, e países da América Latina, que exportam *commodities* agrícolas ou minerais, também estão vulneráveis a perturbações nos mercados globais.

A interconexão da economia global significa que conflitos em uma região podem ter repercussões em todo o mundo. A paz e a estabilidade não são apenas imperativos morais e humanitários, mas também econômicos. A estabilidade em uma região é vital para a saúde econômica global, e países em desenvolvimento, com economias menos diversificadas, são especialmente vulneráveis a choques externos em tempos de instabilidade global.

Especialistas orientam a diversificar carteira

Segundo Élysson Barros, o segredo no mercado de investimentos é diversificar. No caso do dólar, a depender do perfil do investidor, é recomendada a aplicação de 5% a 10% do volume global nessa classe de ativos. "O investimento em câmbio pode trazer oscilações para a carteira do cliente. As orientações de gestão são feitas conforme o objetivo do cliente, o tempo de manutenção do investimento e sua experiência no mercado financeiro".

Conforme Cassio dos Anjos, devido ao conflito entre Israel e Palestina, alguns fundos cambiais (fundos com pelo menos 80% dos seus ativos investidos em moedas) tiveram pequenos

ganhos, mas nada de especial. "O ideal é ter sempre uma carteira equilibrada e, para investidores pelo menos moderados, a exposição cambial recomendada fica de 5% a 7,5%".

Ele destaca três tipos de riscos: o cambial (desvalorização da moeda), risco econômico (relacionado à saúde econômica do país emissor) e risco político (relacionado à estabilidade das políticas de o país emissor). Por outro lado, os fatores de risco também podem conferir rendimentos, aliados à estratégia de investimento adotada.

O economista Amadeu Fonseca não recomenda alocação alta em ativos de risco e aconselha quem escolhe essa estratégia

a não agir com emoção. "Quem sabe lidar com pressões psicológicas tende a recuperar o investimento depois, lembrando que quem perde 50%, deve ganhar 100% para se recuperar".

O gestor de patrimônio, Élysson Barros, cita o caso de um cliente que aplica valores em empresas de tecnologias na bolsa Nasdaq, nos Estados Unidos, mas não teve evolução de recursos. "Como os juros estão altos, as ações estão em baixa. Por sorte, ele tem uma infinidade de outros investimentos que geraram bons resultados".

Como investir

De acordo com o especialista em educação financeira, Cas-

sio dos Anjos, há várias formas de investir em moeda estrangeira. Por exemplo, pode ser feita a compra direta de moedas, o investimento em fundos que se concentram em ativos denominados em moeda estrangeira ou o investimento em empresas com exposição significativa a determinadas moedas.

Para quem procura renda variável, Élysson Barros recomenda o investimento em exchange-traded fund (ETF), que são fundos de investimentos negociados na Bolsa de Valores, como se fossem ações. É possível também investir em ativos atrelados ao mercado exterior, utilizando o dólar como referência.

Orientação adequada

Ele afirma que é fácil e sem burocracia abrir uma conta em corretoras no exterior. Desta forma, os clientes têm acesso a títulos do governo, além de ações das empresas listadas no exterior. "É sempre importante ter a ajuda de um profissional certificado pelo mercado para dar as recomendações mais adequadas conforme o perfil do cliente".

■ Tesouro Direto, Letras de Crédito Imobiliário ou de Crédito do Agronegócio e CDB são exemplos de renda fixa

Renda fixa é opção considerada mais segura

O educador financeiro Amadeu Fonseca assinala que os investimentos em renda fixa estão em alta. "Com a Taxa Selic ainda elevada, no patamar de 12,75% ao ano, há uma rentabilidade razoável para investimentos em renda fixa, que são seguros e próprios ao perfil de investidor conservador".

São exemplos de investimentos em renda fixa Tesouro Direto, Letras de Crédito Imo-

biliário, Letras de Crédito do Agronegócio e Certificados de Depósito Bancário (CDB).

O sócio da Hunter Assessoria, Élysson Barros, orienta seus clientes a investir na renda fixa americana. Neste tipo de operação, o investidor "empresta" dinheiro ao Federal Reserve (Banco Central Americano). "O índice das taxas de juros é de 4,7% ao ano, algo não visto nos últimos 80 anos", frisa.

MUNDO CORPORATIVO

Empresas resistem ao *home office*

Três anos após auge da pandemia, apenas 9% dos profissionais no país trabalham de forma totalmente remota

Jayanne Rodrigues
Agência Estado

Em algum momento da pandemia, trabalhadores de diversos setores viveram o auge do trabalho 100% remoto. Três anos depois, a realidade mudou. Segundo dados da consultoria PwC, atualmente somente 9% dos profissionais no país trabalham de forma totalmente remota. Apesar da redução e da onda crescente de empresas que regressam ao escritório, muitas organizações, especialmente pequenas e médias, decidem manter seus funcionários em casa.

As razões são inúmeras: desde flexibilidade e maior foco no horário de trabalho até corte de custos com espaços físicos. “A flexibilidade é um benefício importante. Para muitas pessoas, representa um tipo de remuneração, invisível, mas representa. Então, é uma atração de talentos”, pondera Sylvia Hartmann, pesquisadora e consultora de empresas na migração do formato de trabalho.

Para algumas empresas que surgiram com a filosofia de trabalhar de qualquer lugar do mundo, resistir ao movimento de retomada ao presencial não foi uma tarefa difícil.

É o caso da Oxygen, organização fundada em 2019 que produz conteúdo sobre inovação. Com 12 funcionárias distribuídas em diferentes regiões, como São Paulo, Vitória (ES) e até em Londres, a empresa argumenta que os resultados são alcançados sem a necessidade do presencial.

A avaliação é de que o modelo *home office* permite maior equilíbrio entre a vida pessoal e profissional das colaboradoras - todas são mulheres.

“Achamos que esse é o futuro do trabalho, muito mais leve e flexível, sem o peso das despesas de um escritório, nem as desvantagens da locomoção diária, e é melhor para o meio ambiente”, defende a CEO da Oxygen, Andrea Janér.

Para compensar a ausência das conversas dos corredores, a equipe reserva as terças-feiras para se reunir em uma unidade da WeWork (companhia de espaços compartilhados). As funcionárias de outros locais participam a distância. “Guardamos para resolver nesse dia, aqueles projetos que precisam do pensamento focado e coletivo”, explica Janér.

A empresa paga passeios culturais para toda a equipe a cada dois anos, além da viagem da funcionária de Londres ao Brasil pelo menos três vezes ao ano.

Recentemente, a Oxygen foi anunciada como participante do projeto-piloto da semana de quatro dias no Brasil, que agora se prepara para implementar a redução de jornada no negócio.

“Está no nosso DNA testar novas ideias e aprender com elas. Quando olhamos para as tendências, sabemos que a flexibilidade é um dos valores, não só para a geração jovem que está em busca de equilíbrio, mas para todos que acreditam que é possível ser mais felizes nos papéis que desempenhamos na vida”, afirma a CEO.



Foto: Freepik

Para empresas cujo princípio é trabalhar de qualquer lugar do mundo, resistir ao movimento de retomada ao presencial não tem sido uma tarefa difícil

Modelo proporcionou ganho de produtividade

Embora existam muitas empresas que nasceram remotas, outras estabeleceram o formato somente após o teste forçado pela pandemia. A Cubos Academy, plataforma que oferece cursos *on-line* para profissionais de tecnologia, foi lançada poucos meses antes da crise sanitária.

Naquela época, o escritório, com sede em Salvador (BA), funcionou por cerca de três meses. Após o *lock-*

down, os funcionários partiram para o remoto e, desde então, não retornaram à rotina presencial.

Com a mudança da forma de trabalhar, veio a necessidade de adotar ferramentas e novas estratégias para a gestão de tarefas. Além das conhecidas reuniões *on-line*, passaram a utilizar a plataforma Slack (aplicativo de mensagens para empresas) para otimizar a comunicação.

Segundo o CEO da Cubos, José Messias, a economia no deslocamento reverberou em ganho de produtividade. “Vivemos uma nova era. No *on-line* se aproveita muito mais, sobra mais tempo para sair, fazer atividade física.”

A constatação veio por meio de relatos dos próprios funcionários e de pesquisas trimestrais que medem os indicadores de estresse e engajamento - este últi-

mo alcançou 85% em março deste ano.

Atendimento *on-line*

Os mais de 100 colaboradores vivem em São Paulo, Paraná, Ceará, Portugal e Canadá. Messias não tem planos de propor um retorno híbrido ou presencial, mas vislumbra ter uma única sede física. “Nosso produto vai continuar sendo *on-line* porque funciona super bem assim”, afirma o CEO.

■ Relatos dos funcionários e pesquisas que medem os indicadores de estresse constataram desempenho melhor nas empresas

Flexibilidade permite trabalho até de outro país

“

Sempre tivemos a filosofia de abrir o notebook e trabalhar de qualquer lugar. Na pandemia, viramos a chave de vez. Então, estar no home office não foi difícil

Lindomar Góes

A Proesc, plataforma de gestão escolar *on-line* fundada em 2009, experimentou remoto alguns meses antes da pandemia, no começo de 2020. A decisão teve a ver com a cultura da organização. “Sempre tivemos a filosofia de abrir o *notebook* e trabalhar de qualquer lugar. Na pandemia, viramos a chave de vez. Então, estar no *home office* não foi difícil”, conta Lindomar Góes, cofundador da Proesc.

Mesmo que os investimentos da companhia tenham foco no remoto, o prédio em Macapá (AP) funciona normalmente para os funcionários que desejam em algum momento trabalhar presencialmente. O espaço conta com área de descompressão, restaurante com chefe de cozinha e uma espécie de mini-hotel.

A maioria dos mais de 90 colaboradores está concentrada no Amapá, e outros moram em Minas Gerais, Pará, São Paulo, Rio de Janeiro e no exterior. Um deles é o cientista aeronáutico Matheus Ferreira, 32, que atua há mais de um ano como *head* do setor de mi-

dias pagas da Proesc.

Há um mês morando na Nova Zelândia para tocar um mestrado, ele encontrou dificuldade para se concentrar no trabalho em meio às distrações. “A parte mais complicada foi desenvolver o hábito e a disciplina na rotina. No início, foi muito complexo porque não estava acostumado com o modelo remoto. Depois consegui colocar na minha mente o que era local de trabalho e o que era local de lazer estando dentro de casa”, relembra.

Para alinhar a distância de 16 horas em relação ao horário brasileiro, Ferreira marca reuniões pela manhã na Nova Zelândia, período em que ainda é tarde no Brasil. O resto do expediente é utilizado para atividades que podem ser tocadas apenas por ele. “Meu *modus operandi* é 100% remoto e espero que continue assim”, relata o profissional.

Quem também aproveitou a flexibilidade do remoto para mudar o CEP foi o publicitário Renan Franco, 30, gerente de Marketing do Férias & Co, empresa de bene-

fício de viagens. Ele migrou da capital paulista para Natal (RN) sem data para voltar. Segundo Franco, não fosse o remoto, ele não teria a oportunidade de visitar outros lugares enquanto trabalhava para decidir onde desejaria morar.

“Vim para um ambiente diferente, estou perto da praia. Consegui ficar muito mais ativo, principalmente na parte de exercícios físicos. Hoje tenho o hábito de nadar no mar, algo que não era possível no trabalho presencial. Então, fazer o que me faz bem e ser livre para ter minhas próprias escolhas me deixa totalmente motivado a seguir nesse modelo de trabalho”, afirma Franco.

Bruno Canone, CEO da Férias & Co, calcula que por mês são poupados cerca de R\$ 10 mil em gastos que iriam para manutenção de escritório, água, luz, produtos de limpeza e outras despesas. Segundo o CEO, o investimento é revertido nas áreas de auxílio *home office* e benefícios mensais de viagens para os 50 funcionários.

Vantagem competitiva

A economia no custo de operação dos escritórios dá brecha para empresas investirem em alguns benefícios, no resultado da empresa, no custo do produto, em inovação e capacitação dos colaboradores, afirma a pesquisadora e consultora Sylvia Hartmann.

Segundo Hartmann, as pequenas e médias empresas devem estar à frente do modelo remoto nos próximos anos. Esse protagonismo não acontece pela inviabilidade do formato nas organizações de porte maior, mas sim por um olhar superficial das empresas grandes.

“Uma empresa menor tem mais facilidade de mudar. Já as grandes empresas, escolhem o presencial porque estão acostumadas. Mas, se essas empresas avaliarem o horizonte, aprenderem a trabalhar de forma remota com seus times administrativos, vão ter inúmeras boas práticas que podem ser implementadas com todo o resto da equipe que carrega a empresa de forma operacional”, avalia.

QUEIJO DE CABRA

Pesquisa potencializa produção na PB

Estudos apoiados pelo Governo do Estado buscam aprimoramento e qualidade do produto em nível nacional

Renato Félix
Assessoria Setcites

Segundo a Embrapa, a região da divisa entre Paraíba e Pernambuco é a principal bacia produtora de leite de cabra no Brasil, com produção anual de 7,5 milhões de litros. Mas essa produção ainda precisa ser popularizada, inclusive com a produção de derivados que tenha sua qualidade testada e reconhecida. Pesquisas em torno dessa produção são realizadas em torno, por exemplo, da produção de queijo artesanal, com financiamento do Governo do Estado através da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB), órgão ligado à Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior. É o caso do projeto “Queijo Caprino Artesanal – Novo Produto de Interesse Funcional e Econômico”, coordenado por pesquisadoras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), de São Paulo.

“A Paraíba, nos últimos anos, vem se destacando em nível nacional como a maior produtora de leite de cabra do Brasil. Há uma compra geralmente de leite in natura, mas um passo adiante seria profissionalizar a produção do leite e agregar valor”, comenta o secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado. “A questão da produção de queijos e de derivados do leite é importante porque isso agrega um valor muito forte e faz com que o produtor rural deixe de depender de políticas de compra desse leite. Apesar de haver leis para que, nas regiões em que existe a produção, as escolas possam introduzir leite e derivados de caprinos na dieta dos alunos, pesquisas que venham a desenvolver produtos que deem uma sustentabilidade à produção

pode dar um empoderamento ao pequeno produtor”.

“No Brasil, a produção de queijos, a partir do leite de cabra, tem crescido ao longo dos anos, mas a escala ainda é menor em comparação com os queijos produzidos a partir do leite de vaca”, afirma a professora Maria Elieidy Gomes de Oliveira, do Departamento de Nutrição da UFPB, em João Pessoa, que coordena a pesquisa junto com a professora Adriane Elisabete Antunes de Moraes, da Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp, na cidade paulista de Limeira. “Em se tratando do Nordeste brasileiro, a produção de queijos a partir do leite de cabra é significativa em algumas áreas, especialmente em estados como Pernambuco, Ceará, Bahia e Paraíba,

com destaque para o queijo de coalho. No entanto, a extensão da produção pode variar de acordo com a região específica dentro do Nordeste”.

Ela explica que entre os queijos caprinos produzidos na região do Semiárido nordestino, queijos artesanais são destaque, geralmente preferidos pelos consumidores devido ao seu sabor característico, além de servir como fonte de complemento de renda para os pequenos produtores. A pesquisa, então, tem como um dos objetivos padronizar a técnica de processamento de queijo de coalho caprino artesanal e maturado por 60 dias como opção de produto com qualidades tecnológica, nutricional, microbiológica e sensorial diferenciadas, com potencial de venda no mercado

e consumo pela população.

O projeto foi aprovado na Chamada Fapesq-Fapesq 2019 - Fomento à Pesquisa Colaborativa, recebendo um valor de R\$ 194.833 via Fapesq-PB e R\$ 191.099 via Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). No total de 17 pesquisadores, a equipe conta com profissionais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Instituto de Tecnologia de Alimentos (Ital), de Campinas, e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) – além da UFPB e da Unicamp, já citadas na coordenação do projeto. A pesquisa foi inicialmente coordenada pela professora Rita de Cássia Ramos do Egypto Queiroga, do Departamento de Nutrição da UFPB, que em

2021 foi uma das vítimas da pandemia da Covid-19.

“Essa pesquisa tem como principal relevância e inovação a fabricação de queijos de cabra maturados, produzidos com leite cru e pasteurizado, adicionados ou não de fermentos autóctones (bactérias ácido láticas isoladas do próprio leite) com potencial tecnológico e probiótico, usados como ferramenta biológica para inibir micro-organismos patogênicos e deteriorantes ao longo da maturação dos queijos”, conta a professora Maria Elieidy. A ideia é estabelecer parâmetros e procedimentos para a produção do queijo a partir do leite de cabra de modo que possa ser replicado por pequenos produtores. Para isso, são feitos testes e análises em laboratório.



Fotos: Divulgação

A Paraíba, nos últimos anos, vem se destacando em nível nacional como a maior produtora de leite de cabra do Brasil



Essa pesquisa tem como principal relevância e inovação a fabricação de queijos de cabra maturados, produzidos com leite cru e pasteurizado

Maria Elieidy Gomes

Queijo do Cariri paraibano é premiado em Santa Catarina

A produção de queijo a partir do leite de cabra enfrenta diversas dificuldades, como menor produção em comparação com o leite de vaca, os custos de produção, variação sazonal na produção de leite pelas cabras (o que pode afetar a disponibilidade de leite

ao longo do ano), falta de infraestrutura de processamento (que pode limitar a produção de queijos e outros produtos), além de questões regulatórias, como normas de qualidade e segurança alimentar, podem ser desafiadoras para os produtores de laticínios de cabra.

Além disso existe a própria falta de demanda. “A aceitação do público por produtos de leite de cabra pode variar, devido às características sensoriais peculiares desta matriz, o que por vezes dificulta a valorização do leite de cabra por parte da popu-

lação que não tem o hábito de consumir produtos lácteos caprinos”, diz a pesquisadora. “A gente sabe também que o leite in natura de cabra sofre com um preconceito até para colocá-lo na merenda das escolas”, completa o secretário Claudio Furtado. “Para superar essas dificuldades, é importante investir em pesquisa, tecnologia e educação para melhorar a qualidade e a variedade dos produtos de leite de cabra, além de promover a conscientização sobre seus benefícios nutricionais e gastronômicos dessa matriz alimentar”, afirma a professora.

Qualidade

“Hoje você já tem marcas de queijos aqui de algumas fazendas de excelente qualidade, premiados”, diz o secretário Claudio Furtado. “E essas pesquisas vão levar que os selos possam ser aferidos a esses

produtos e que eles possam ser comercializados para além das fronteiras da Paraíba”. Um exemplo disso é o Queijo Macambira, produzido em São João do Cariri, que conseguiu destaque no VI Prêmio Queijo Brasil, evento realizado em Blumenau, Santa Catarina, em julho. O produto foi um dos 127 premiados com a medalha de ouro do concurso, entre os 975 queijos avaliados, oriundos de 18 estados brasileiros.

O Macambira foi desenvolvido a partir de um treinamento ministrado em Cajazeiras, em 2021, pela Embrapa Caprinos e Ovinos, que teve seu Núcleo Regional Nordeste instalado em Campina Grande em 2017. A Embrapa aprendeu a técnica de coagulação ácida, muito utilizada na França, e usada pelo produtor rural Renato Brito, proprietário do capril Encanto de Ma-

cambira, para criar o queijo premiado.

Antonio Silvio do Egito, pesquisador do Núcleo Regional Nordeste da Embrapa Caprinos e Ovinos, aponta que há outras experiências, como a de queijos com ervas aromáticas produzido pela cooperativa Associação Gestora da Usina de Beneficiamento de Lácteos (Agubell), em Sumé. “Só a França tem mais de mil tipos de queijos”, diz ele. “O leite tem a característica de ser possível mudar um pequeno detalhe e ter, a partir daí um produto totalmente diferente”, explica.

A Embrapa realiza treinamentos como esse e também analisa a produção do leite, em parceria com diversas instituições, como a Fapesq-PB e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), entre outras.



Investimento em pesquisa melhora a qualidade e a variedade dos produtos de leite de cabra

DEDICAÇÃO

Iniciativas garantem bem-estar da fauna e flora da Paraíba

Ações promovem a qualidade de vida de diversas espécies e resultam em melhorias no meio ambiente

Anderson Lima
Especial para A União

Iniciativas que visam beneficiar o meio ambiente e contribuir para a saúde e bem-estar dos animais, da fauna e flora, mudam um pouco o mundo e trazem melhorias significativas, um exemplo disso é o projeto Viva o Peixe-Boi-Marinho que tem a missão de promover a conservação dos peixes boi-marinhos na Barra de Mamanguape e, com isso, evitar a extinção da espécie.

O coordenador do projeto Viva o Peixe-Boi-Marinho, João Carlos Gomes Borges, destaca que é muito importante sempre falar que o peixe boi-marinho é uma das espécies de mamíferos aquáticos mais ameaçados de extinção no Brasil. E, por esse motivo, todos os cuidados e estratégias de conservação são necessários para assegurar a continuidade da espécie na natureza.

João Carlos Gomes Borges, explica, ainda que existem três espécies de peixes-bois, que são peixe-boi africano, que está distribuído na Costa Oeste da África; o peixe-boi amazônico, que está distribuído nos rios e baías do Amazonas, isso com

distribuição no Brasil, Colômbia, alguns países do entorno. Já o peixe-boi-marinho, que está presente nos Estados Unidos e se estende pela América Central, até o Litoral do Nordeste brasileiro é o foco do projeto, que trabalha na estratégia de conservação dessa espécie.

“A caça ao peixe-boi sempre foi uma prática que ocorreu de forma intensa, desde o período da colonização. Em um primeiro momento, toda a quantidade de animais que eram capturados, eles eram exportados na sua grande maioria para a Europa, onde eram utilizados o couro e a gordura. No transcorrer do tempo, a espécie já começou a desaparecer em alguns locais, e com isso a caça foi também reduzida em função da baixa disponibilidade desses animais, e a caça passou a ser praticada mais numa escala de subsistência”, relatou o coordenador do projeto.

No Nordeste, a caça dos Peixe-bois-marinhos já não existe mais, devido a uma série de esforços de conservação. Atualmente, os problemas vivenciados estão relacionados, principalmente, à perda dos habitats. Os

peixes-bois são espécies costeiras, isto é, que estão próximas às praias ou dentro dos estuários e, consequentemente, sujeitas às mais variadas ações humanas. Isso envolve empreendimentos, que muitas vezes são construídos de maneira inadequada, poluição, tráfego de embarcações motorizadas, que algumas vezes podem ocasionar o atropelamento desses animais, como a pesca com alguns animais capturados acidentalmente.

O projeto estabelece ações ecológicas para diminuir a ameaça a esses animais, que vão desde a disponibilidade de informação para a sociedade, como campanhas de conservação da espécie para os pescadores locais. “O pescador que caçava o animal passou a ser um aliado às estratégias do projeto, nesse quesito tivemos êxito. Hoje, muitos dos parceiros dos colaboradores do projeto são pescadores, em alguns casos, inclusive, antigos caçadores. Isso é uma transformação social muito forte”, contou João Carlos Gomes Borges.

Hoje, na Barra do Rio Mamanguape, existe a Área de Proteção Ambiental (APA),



Foto: Edson Aciole/Accero FMA

Projeto Viva o Peixe-Boi-Marinho faz monitoramentos do Litoral Norte da Paraíba

“

É importante destacar que a Paraíba ainda é uma das principais áreas de ocorrência dos peixes-bois-marinhos no Brasil

João Carlos Gomes Borges

que é uma unidade de conservação federal gerenciada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), que foi criada com o objetivo de promover a conservação dos peixes-bois-marinhos e do seu habitat. “É muito importante sempre destacar que a Paraíba ainda é uma das principais áreas de ocorrência dos peixes-bois-marinhos no Brasil, e a APA da Barra do Rio Mamanguape, que fica situada no Litoral Norte da Paraíba, é uma das principais ocorrências da espécie no país”, explicou o coordenador do projeto.

Viva o Peixe-Boi-Marinho desenvolve também atividades de educação ambien-

tal nas escolas, esse processo se dá de diferentes formas e para diferentes faixas etárias. O Cine Peixe Boi é um espaço itinerante onde é levado a temática ambiental para dentro de várias localidades, principalmente as que não são providas de cinema, abordando diversas temáticas ambientais.

Então, o projeto utiliza a educação ambiental e o engajamento social, através de cursos de capacitação para atendimento de animais, de primeiros socorros, e os pescadores são os grandes aliados nesse processo e geralmente as primeiras intervenções até que as equipes em ocasiões de resgate cheguem até esses locais.

Guajiru já colocou no mar mais de 20 mil filhotes de tartarugas

A associação Guajiru, localizada na Praia do Poço, em Cabedelo, promove a conservação e a educação ambiental das tartarugas marinhas da espécie pente, para impulsionar a construção de um mundo sustentável para todos, através da formação de indivíduos engajados na transformação social.

Bióloga e presidente da Associação Guajiru, Daniele Siqueira, contou que os principais impactos nas áreas de reprodução é a urbanização do ambiente costeiro, a fotopoluição, que faz com que os filhotes de tartarugas marinhas se desorientem pela iluminação artificial, a degradação da restinga, o uso desordenado das praias, com os guarda-sóis ou quadras além do tráfego de veículos,

a pesca realizada em locais incorretos e o descarte de resíduos e plásticos

A Guajiru realiza ações de preservação que consistem no monitoramento diário, onde todos os dias os voluntários durante o período de desova caminham nas praias procurando os rastros que as tartarugas deixam, buscando proteger os ninhos para garantir que os filhotes possam chegar em direção ao mar. “Já no ambiente marinho, nossa principal ação hoje, além de coletar os dados de encalhes, é justamente conscientizar as pessoas através do nosso projeto tem um foco na conscientização das pessoas pela questão do resíduo, como a gente deve descartar ele da maneira correta”, detalhou Daniele Siqueira.

“Quanto à questão da conscientização e educação ambiental, a gente realiza o que a gente chama de sensibilização. Então, no momento que as pessoas vêm para assistir os filhotinhos indo para o mar, a gente aproveita para passar informações de como é importante conservar as tartarugas marinhas. Além disso, a gente realiza diversas ações com escolas, universidades, visando a divulgação científica e a conscientização das pessoas”, relatou Daniele Siqueira

Além disso, a associação trabalha com a educação ambiental, que é focado nas redes sociais. O projeto conta com uma equipe de mídia que foca na divulgação científica através das mídias sociais, com informações gerais para

que a sociedade compreenda a importância das tartarugas marinhas.

Daniele Siqueira destacou que fazem três temporadas reprodutivas as tartarugas vêm desovar e que foi possível colocar no mar mais de 20 mil filhotes, número bastante expressivo, considerando que o marco era 12 mil. “Com isso, a gente conseguiu expandir as áreas de monitoramento e tem contado muito com a ajuda da comunidade, que nos avisa quando tem desova de tartaruga marinha, quando avista alguma tartaruga encalhada e todas essas informações são muito bem-vindas e sempre vão ajudar a instituição.

A bióloga e presidente da Associação Guajiru contou que toda ajuda é sempre bem-vinda, e a população pode fa-

zer parte dessa Organização Não-Governamental, o processo seletivo sempre é divulgado pelo Instagram @associacaoguajiru. Além disso, a ONG recebe ajuda financeira e de materiais.

Ações do Ibama

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) é um órgão do governo brasileiro cujo papel central é promover a preservação e a conservação do meio ambiente. O chefe da Divisão Técnica da Superintendência do Ibama no estado da Paraíba e analista ambiental, Alexandre Bernardes Garcia, contou que avalia o progresso e o impacto das ações de preservação, através do monitoramento constante das áreas

protegidas, análise de dados e indicadores ambientais, estudos de impacto ambiental e avaliações de conformidade das atividades licenciadas.

“Monitoramos unidades de conservação, tanto municipais quanto estaduais, fazendo o fortalecimento do monitoramento e da gestão das unidades de conservação na Paraíba para garantir a proteção da biodiversidade e a promoção do ecoturismo sustentável”, completou.

O Ibama conta, ainda, com um programa de educação ambiental e envolvimento da comunidade, que busca o desenvolvimento de programas acerca da educação ambiental para a conscientização da população sobre a importância da preservação e do uso sustentável dos recursos naturais.

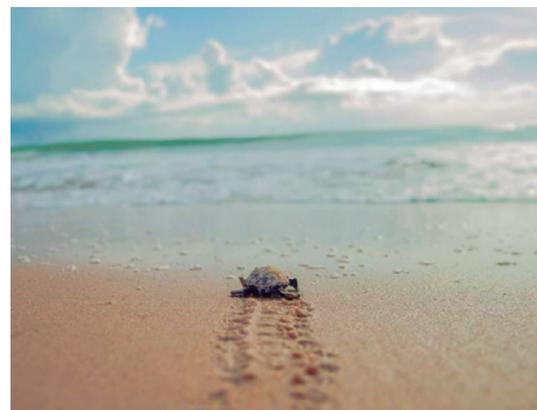


Foto: Guajiru/Divulgação

Ações da ONG contemplam exposições educativas para escolas, universidades e grupos de turistas durante o processo de desova e colocação dos filhotes no mar, em Cabedelo e em JP

POMBAL

Maia, o grande estrategista do acesso

Técnico valoriza a força do elenco e o excelente trabalho da diretoria, preponderantes para o sucesso da equipe

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

A edição de 2023 do Campeonato Paraibano da 2ª Divisão apresentou para o estado uma equipe com apenas cinco anos de fundação que desafiou o improvável para escrever o capítulo mais expressivo de sua curta trajetória, o acesso inédito para a elite do futebol estadual. Trata-se do Pombal, o mais novo clube integrante da 1ª Divisão do Campeonato Paraibano em 2024.

Antes era o Nacional Futebol Clube. Foi assim durante 33 anos até, em 2018, quando o clube migrou para o nome de Pombal Esporte Clube, decisão que trouxe novos rumos para agremiação. Logo na primeira participação numa competição oficial, a terceira divisão do futebol paraibano, em 2022, o “Carcará do Sertão” não apenas conseguiu o acesso para a disputa da Segunda Divisão, como conquistou o título do torneio daquela edição.

Assim como em 2022, nesta temporada, o clube não pode mandar os jogos no Estádio Pereirão, local com capacidade para cinco mil torcedores, em Pombal. Dessa forma, todos os seis jogos disputados como mandante foram realizados no Estádio José Cavalcanti, em Patos. Até o quinto jogo como mandante, a equipe havia conseguido um retrospecto de três vitórias e duas derrotas, àquela altura o clube teria o seu último jogo como mandante antes de jogar os noventa minutos que entrariam de vez para a sua história.

Na primeira partida da semifinal disputada no Estádio Marizão, em Sousa, a derrota por 3 a 2 para o Esporte, obrigava o Carcará a vencer o segundo confronto, em Patos, por dois gols de diferença para ficar com o acesso. Ao fim dos 90 minutos disputados na Terra da Morada Sol a história estava feita, o clube representante de 32 mil habitantes do município que leva o mesmo nome da equipe, localizado a 378 km da capital João Pessoa, garantia pela primeira vez a presença na elite do futebol paraibano.

Por trás da conquista, um elenco formado de 23 atletas e uma comissão técnica composta por seis profissionais sob o comando de um nome com experiência dentro e fora de campo - Severino Maia. O ex-atacante do Auto Esporte e agora treinador iniciou a carreira de técnico no próprio alvirrubro, em 2017. Ainda teve passagens pelo São Paulo Crystal e também nas categorias de base do Internacional, Botafogo e Lagarto-SE antes da chegada ao Pombal para conquistar seu primeiro acesso no comando de uma equipe profissional.

O treinador, de 48 anos, conversou com a reportagem do Jornal **A União** e abordou detalhes nos bastidores que fizeram com que o Pombal conquistasse o acesso para a 1ª divisão do futebol paraibano. O comandante também falou sobre o futuro. Afinal, onde fica Severino Maia? Permanece no Pombal ou tem outros projetos profissionais? As respostas na entrevista concedida ao repórter Fabiano Sousa.



Foto: Reprodução/Instagram

Maia, um ex-jogador do Auto Esporte, se consagrou na profissão de técnico no futebol ao conquistar o acesso à primeira divisão do futebol paraibano

Entrevista

■ Como foi articulada a sua chegada ao Pombal para o comando da equipe na disputa da 2ª Divisão do Campeonato Paraibano?

“Fui indicado para comandar o Pombal por intermédio de Josivaldo Alves, presidente do CSP. A diretoria do clube nos deu respaldo para formar um grupo qualificado, porém, reduzido. Formamos um elenco com 22 atletas, sendo apenas três naturais do município de Pombal, mas com um grupo que sabia o que queria, determinado a fazer história no clube. Todo o feito foi mérito da comissão técnica e do elenco que se propuseram a colocar em prática toda a nossa metodologia de trabalho”.

■ Foi desafiador comandar a equipe logo na primeira experiência na disputa de uma segunda divisão do futebol paraibano. Qual foi o processo para a formação da equipe e o respaldo dado pela diretoria do clube?

“Houve uma parceria com o CSP. O clube nos cedeu alguns jogadores por empréstimos e nos disponibilizou também um preparador físico que exerceu um trabalho magnífico. Conseguimos também atletas do Botafogo e outros que vieram dos estados de Alagoas, Ceará e Pernambuco, além de três jovens jogadores da base sub-20 do próprio Pombal que já vinham treinando desde o início de nossa preparação e que também foram importantes para essa conquista. A diretoria sempre teve a conduta de honrar o compromisso financeiro estabelecido com todo o corpo do elenco e da comissão técnica. Isso foi ponto positivo e fator preponderante para que a equipe trabalhasse com tranquilidade”.

■ O período de campeonato foi curto, qual foi a receita para o trabalho que terminou com sucesso marcado no histórico jogo 12 da disputa do torneio?

“O grupo foi escolhido e teria de vir

com o pensamento de conseguir a classificação na 1ª fase de disputa e buscar a vaga na semifinal, enfim alcançamos esse primeiro desafio. Sabíamos que não seria fácil avançar para a final, pois na luta pelo acesso estávamos diante de três campeões estaduais da 1ª divisão. Quando chegamos a essa fase lembro-me que falei para meus jogadores que seríamos a zebra na disputa pela força e tradição das outras equipes. Mas, ao mesmo tempo, encaramos o desafio como uma oportunidade de fazer história, o que de fato aconteceu”.

■ Quais as principais adversidades que o grupo teve de enfrentar ao longo da disputa na competição?

“A principal dificuldade foi o fato de não poder fazer os nossos jogos como mandante na cidade de Pombal, em virtude da reforma pelo qual passa o nosso estádio. Essa situação trouxe consequências financeiras para a diretoria do clube e desgaste físico para os atletas, pois todos os nossos treinamentos eram realizados em campos de cidades vizinhas, no qual faço questão de agradecer-las por ter nos acolhido”.

■ Quando o time passou a disputar a primeira partida da semifinal contra o Esporte, em Sousa, enxergava a possibilidade da conquista do acesso. Logo a derrota por 3 a 2 obrigava a equipe a vencer o segundo confronto. O que motivou o grupo para a virada e conquista do acesso na casa do adversário?

“A fé aliada ao nosso poder de superação foram elementos responsáveis que levaram os garotos a fazer história. Depois da derrota por 3 a 2, em Sousa, tudo parecia perdido. Mas apostei na capacidade dos atletas para motivá-los para a segunda partida. O psicológico do grupo estava abalado, mas fiz questão de injetar ânimo demonstrando, abordando

os desafios que tivemos de superar para chegar naquele jogo. Então, ali os jogadores acreditaram que nada estava perdido, a oportunidade estava em nossas mãos e tínhamos que buscá-la.

■ Em relação à conquista da vaga, em Patos, o que foi decisivo para a vitória. Quais as melhores lembranças que você tem dessa partida?

Sem dúvidas, o momento mais marcante foi quando marcamos o primeiro gol, isso fez com o grupo acreditasse na própria capacidade, nem a perda de dois pênaltis com a vantagem de 1 a 0 abalou o grupo, tanto, que perceberam que seriam os personagens que transformariam o sonho em realidade. Por fim, tiveram forças para buscar o segundo gol e vencer por 2 a 0, na casa do adversário, para sacramentar a vitória e o acesso”.

■ Me fale da cidade, do clube, como eles receberam esse grande presente e a festa do acesso?

“A cidade viveu um momento único com a conquista, afinal, pela primeira vez terá um time representante na elite do futebol paraibano. Enquanto profissional é prazeroso viver esse momento, que também passa a ser inesquecível na minha trajetória. Afinal, nesse clube consegui o meu primeiro acesso enquanto treinador”.

■ E agora, Maia segue em Pombal ou tem outros projetos para a sequência de sua carreira profissional?

“Meu vínculo com o clube se encerrou no mesmo período do fim da competição. Vamos comemorar esse feito e, posteriormente, definir a melhor situação favorável para ambas as partes.



Foto: Reprodução/Instagram

Jogadores do Pombal conversam antes do primeiro jogo decisivo contra o Esporte de Patos

FESTIVAL DE POLO AQUÁTICO

Atletas fazem ‘vaquinha’ por torneio

Passagens e hospedagens estão garantidas para competição em São Paulo; falta dinheiro para a alimentação

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Uma turminha de polo aquático com idade entre 8 a 13 anos está animada com a possibilidade de disputar um grande torneio. Para competir no 4º Festival HaBaWaBa Brasil, que acontecerá entre 13 e 17 de dezembro, no município de Bauru, interior do estado de São Paulo, a equipe paraibana só precisa de uma forcinha. Com passagens e hospedagens garantidas, a corrida agora é para assegurar as despesas com alimentação e uniformes e para isso está sendo feita uma ‘vaquinha’. No Brasil, o Festival HaBaWaBa contempla as categorias sub-10 e sub-13 misto e podem participar equipes de toda a América Latina e de outros continentes.

“O Governo do Estado, através da Secretaria de Juventude, Esporte e Lazer, forneceu as passagens e o campeonato cedeu o alojamento que fica na arena. Precisamos arrecadar o suficiente para alimento e uniformes, que são dois por atleta”, detalha Verônica Ismael, mãe de atleta e responsável por realizar a vaquinha. “A maioria é aluno de escola pública, apenas quatro são da rede privada. Crianças que estão saindo do estado pela primeira vez e que as famílias não têm como arcar com os custos”.



Foto: Daniel Chaves

A maioria dos atletas é formada por alunos da escola pública, com alguns da rede privada; eles se esforçam para competir em Bauru-SP, entre os dias 13 e 17 de dezembro

MEIA MARATONA

João Pessoa sedia outra importante corrida

Com virada de lote neste domingo, a meia maratona mais rápida do Brasil está se aproximando. A quinta edição da Meia Maratona de João Pessoa vai acontecer no dia 19 de novembro, no Busto de Tamandaré. O evento terá três modalidades de competição: 5km, 10km e 21km, e quem deseja participar é só se inscrever através do site www.meiamaratonadejoaopessoa.com.br.

Neste domingo (22), acontece mais uma virada de lote nas inscrições da competição

O trajeto da prova passa pelas praias de Tambaú, Manaíra, Bessa e Intermares e, por ter um percurso 100% plano, a prova é considerada a meia maratona mais rápida do Brasil. A largada acontece a partir

das 5h30, mas a organização orienta que os participantes cheguem com pelo menos 30 minutos de antecedência.

A Meia Maratona de João Pessoa 2023 é uma realização da RUN e Zenite Esportes, conta com patrocínio da São Braz, Alliance, Polar, Colégio Lourdinias, Uniesp, Mais Cabello, Pé de Fruta, Meggashoes, Nord

Hotéis, Reabilyta Fisioterapia e Gatorade

Expo RUN 2023

Este ano acontecerá a terceira edição da Expo RUN, que reunirá stands dos patrocinadores e lojas do segmento esportivo. O evento será realizado no Centro Universitário Unipê e acontecerá nos dias 17 e 18 de novembro.

MEIA MARATONA 2023

Data: 19 de novembro

Horário: 05h30

Local: Busto de Tamandaré,

Orla da praia de Cabo Branco

Inscrições e regulamento:

meiamaratonadejoaopessoa.com.br

Mais informações:

www.instagram.com/meiamaratonadejoaopessoa

Foto: Divulgação/RUN



A competição do ano passado foi coberta de êxito e os organizadores esperam melhorar ainda mais para que os atletas sejam os mais beneficiados na prova

“

Estão treinando de segunda a sexta, e a partir de novembro treinarão também aos sábados. São muito fortes e capacitados

Verônica Ismael

Apesar da pouca idade e inexperiência em grandes competições, a expectativa é de que os representantes da Paraíba façam bonito. Pelo menos a dedicação nos treinos tem sido intensa. Verônica é a responsável por levar o filho João Pedro Ismael, de 8 anos, para a piscina e adianta. “Estão treinando de segunda a sexta e a partir de novembro treinam também aos sábados. São muito fortes e capacitados”.

Os interessados em ajudar podem fazer transferência via pix: 4105498@vakinha.com.br. O valor arrecadado, bem como a utilização dos recursos serão apresentados na rede social @poloacuaticopb. No endereço é possível acompanhar também o trabalho da equipe.

AINDA EM ALTA

Messi é o jogador mais comercializável

Atleta argentino segue desbancando estrelas do basquete, do tênis, da fórmula-1 e de tantos outros esportes

O craque Lionel Messi foi eleito o atleta mais comercializável do mundo em 2023 em um ranking elaborado pelo site britânico especializado SportsPro. O meia-atacante do Inter Miami lidera pela segunda vez a lista dos 50 atletas mais comercializáveis do mundo, ficando à frente de LeBron James, astro do Los Angeles Lakers (NBA). O argentino já havia sido eleito pela primeira vez em 2020. As informações constam no site mktesportivo. A primeira mulher a figurar no ranking é a jogadora de futebol Alex Morgan, da Seleção dos Estados Unidos, que ocupa a terceira posição. Giannis Antetokounmpo (basquete) e Megan Rapinoe (futebol) completam o Top 5.

O Top 10, por sua vez, conta ainda com Mikaela Shiffrin (esqui), Lewis Hamilton (automobilismo), Simone Biles (ginástica artística), Kylian Mbappé (futebol) e Max Verstappen (automobilismo).

Os únicos brasileiros presentes na lista são Neymar (31º) e Thiago Silva (34º). O único atleta que atua no Brasil a figurar no ranking é Luis Suárez, do Grêmio, que ocupa o 32º lugar, uma posição à frente do centroavante norueguês Erling Haaland, estrela ascendente do Manchester City.

Uma mudança significativa do ranking foi a queda acentuada de Cristiano Ronaldo, que depois de se transferir para o futebol saudita perdeu força comercial. Antes queridinho das marcas, o português, que liderou a classificação em 2022, agora é apenas o 27º colocado.

Mulheres

O ranking mostra cada vez mais a força comercial do esporte feminino. Há quatro mulheres no Top 10, e as atletas já representam 42% dos nomes de toda a lista. Coco Gauff, tenista campeã do US Open, é a adolescente mais comercializável. Aos 19 anos, ocupa o 12º lugar.

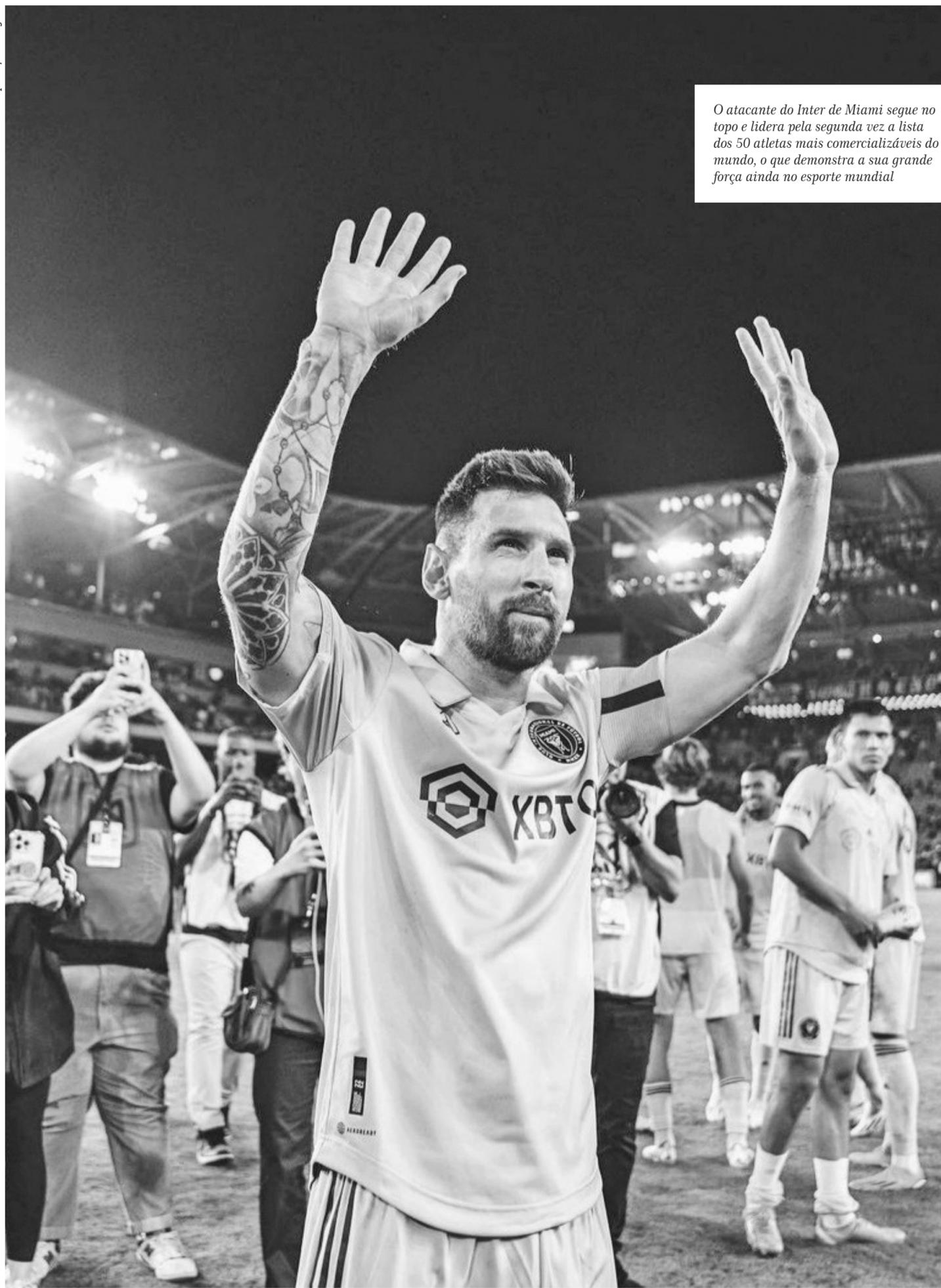
Futebol, basquete, tênis e o esporte a motor são as modalidades que colocaram mais atletas no ranking. Por outro lado, não aparece na lista nenhum jogador de rúgbi, esporte com grande popularidade, especialmente em países de colonização britânica. Embora 26% dos atletas do ranking sejam norte-americanos, não há representante da liga de beisebol, a MLB, uma das mais populares dos Estados Unidos.

Estrelas do esporte universitário, Angel Reese (basquete) e Olivia Dunne (ginástica artística), ambas com 21 anos, já entraram no Top 50.

Metodologia

Em seu 14º ano, a lista de 50 atletas mais comercializáveis do mundo teve o apoio da NorthStar Solutions Group, que desenvolveu uma metodologia para avaliar centenas de atletas em três pilares principais de pontuação: força do nome,

Foto: Reprodução/Instagram



O atacante do Inter de Miami segue no topo e lidera pela segunda vez a lista dos 50 atletas mais comercializáveis do mundo, o que demonstra a sua grande força ainda no esporte mundial

mercado que ocupa e tripé da sustentabilidade, que mede, além dos resultados econômicos, o impacto que a marca do atleta causa ao meio ambiente.

Pela primeira vez, pesquisas qualitativas foram integradas com medições quantitativas de comercialização, enquanto fórmulas matemáticas e estatísticas abrangentes de diversas fontes de dados foram aplicadas para determinar as classificações finais de acordo com a pontuação total de comercialização de cada atleta.

“A lista dos 50 atletas mais comercializáveis deste ano segue a avaliação mais abrangente da comercialização dos atletas que já realizamos nos 14 anos de história do ranking anual da SportsPro”, afirmou Michael Long, diretor editorial da SportsPro.



Foto: Vitor Silva/CBF

O brasileiro Neymar, que se machucou no jogo contra o Uruguai, na última terça-feira, aparece apenas na 31ª posição do ranking

TOP 20

1. Lionel Messi
2. LeBron James
3. Alex Morgan
4. Giannis Antetokounmpo
5. Megan Rapinoe
6. Mikaela Shiffrin
7. Lewis Hamilton
8. Simone Biles
9. Kylian Mbappé
10. Max Verstappen
11. Novak Djokovic
12. Coco Gauff
13. Stephen Curry
14. Naomi Osaka
15. Lucy Bronze
16. Robert Lewandowski
17. Leah Williamson
18. Aryna Sabalenka
19. Angel Reese
20. Alphonso Davies

BRASILEIRÃO

Fla e Vasco fazem clássico no Maracanã

Rodada 28 promete muita emoção com o Atlético-MG e o Cruzeiro, na Arena MRV, em Belo Horizonte

Cardoso Filho
josecardosofilho@gmail.com

O clássico carioca, envolvendo Flamengo e Vasco é considerado um dos mais importantes jogos da 28ª rodada do Campeonato Brasileiro da Primeira Divisão, marcados para hoje, no Maracanã, e deverá lotar, pois as duas equipes, apesar de estarem em situações, com o rubro-negro tentando se manter na faixa que garante vaga direta na Libertadores do próximo ano, enquanto que os comandados de Ramon Diaz luta para se afastar da zona de rebaixamento e se manter na elite do futebol. O jogo está marcado para as 16h.

O Flamengo está com 47 pontos e vem de excelente vitória, de 2 a 0 contra o Cruzeiro, em pleno Mineirão, em Belo Horizonte, em partida que marcou a estreia de Tite, como treinador da equipe, após deixar a Seleção Brasileira, no ano passado.

O time da Cruz de Malta está em recuperação no Brasileirão. Uma vitória por 1 a 0 sobre o Fortaleza, com gol do francês Payet, a equipe ocupa a 16ª posição com 30 pontos. Hoje, o Vasco terá os retornos de Medel, que esteve defendendo a Seleção do Chile, na derrota para a Venezuela e de Paulinho, que cumpriu suspensão pelo terceiro cartão amarelo. Na quinta-feira (26), o Vasco volta a jogar no Estádio de São Januário, contra o Internacional.

Além do clássico carioca, a 28ª rodada tem jogos importantes neste domingo. Na Arena MRV, em Belo Horizonte, o Atlético-MG enfrenta o Cruzeiro, no clássico regional, às



Foto: Divulgação/Vasco

Flamengo e Vasco jogam, hoje, no Maracanã; no primeiro turno, o rubronegro derrotou o adversário por 4 a 1

16h. O Galo vem de uma grande vitória contra o Palmeiras, por 2 a 0, em São Paulo. Já a equipe comandada por Zé Ricardo foi derrotada, no Mineirão lotado, para o Flamengo por 2 a 0. O Cruzeiro está com 31 pontos, um apenas de Vasco, Santos e Goiás que lutam para se afastarem da zona de rebaixamento.

Também às 16h, no Beira Rio, o Internacional com 32 pontos recebe o Santos, que está com 30 pontos. No

meio de semana, a equipe gaúcha perdeu para o Bahia, enquanto que o Peixe foi derrotado em seu estádio pelo Bragantino, por 3 a 1. Apesar da derrota, a torcida não provocou baderna, como ocorreu recentemente. Ainda hoje acontecem às 18h30, as partidas Corinthians e América-MG; Bragantino x Fluminense e Coritiba x Palmeiras. Na partida envolvendo o Timão e o Coelho a briga é contra o rebaixamento. No Na-

bizão, o Bragantino quer manter a segunda posição. Já o time comandado por Fernando Diniz, que empatou com o Corinthians, por 3 a 3, no Maracanã. O Palmeiras, que perdeu para o Atlético mineiro por 2 a 0, enfrenta o América-MG, laterna da competição. O Porco com 44 pontos.

Segunda Divisão

A 33ª rodada da Série B do Campeonato Brasileiro teve início na

quinta-feira (19), com o Tombense vencendo o Vila Nova por 2 a 1, de virada e o Atlético-GO ganhando do ABC por 3 a 1, decretando praticamente o rebaixamento da equipe potiguar. Hoje aconteceu a partida entre Avaí e Ceará, com a equipe catarinense querendo se afastar da zona da degota. Atualmente conta com 35 pontos. O Vozão está com 43 pontos e apenas luta para permanecer na Série B, pois não tem mais chances de alcançar a classificação a elite do futebol brasileiro.

Amanhã acontece um clássico do interior paulista, envolvendo Ponte Preta e Ituano. As duas equipes, respectivamente com 34 e 35 pontos estão próximas da queda para a Série C do próximo ano. A partida está marcada para 20h, no Estádio Moisés Lucarelli, em Campinas.

Jogos de hoje

■ SÉRIE A

16h

Flamengo x Vasco
Atlético-MG x Cruzeiro

18h30

Corinthians x América-MG
Bragantino x Fluminense
Coritiba x Palmeiras

■ SÉRIE B

18h

Avaí x Ceará

■ SÉRIE C

Decisão de título

17h

Brusque x Amazonas

PENSOU ESPORTE,
LEMBROU TABAJARA
105,5 FM



MARKETING EPC

PROGRAMAÇÃO

Segunda
Microfone Aberto
20 às 22h

Terça a sexta
Tabajara Esportes
13 às 14h

Transmissões de Jogos AO VIVO

Tabajara

EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO

Fósseis da Caatinga da Navalha

Registrada pelo jornalista e escritor Irineu Joffily, há 134 anos, ossada pré-histórica de preguiça gigante foi encontrada entre os atuais municípios paraibanos de Soledade e Boa Vista

Hilton Gouvêa
 araujogouvea74@gmail.com

Em 22 de julho de 1889, quando encerrava um período de grande chuva que iria suceder a uma estiagem prolongada em Campina Grande, fazendeiros ocupados na escavação de cacimbas no tanque da Caatinga da Navalha, situado entre os atuais municípios de Soledade e Boa Vista, ficaram espantados com o esqueleto do que parecia ser o de um animal gigante e primitivo.

Esses tanques eram lagoas pleistocênicas que guardavam, aproximadamente a dois metros de profundidade, diversas ossadas pré-históricas, que serviram para identificar a quais animais pertenciam. A um desses achados, descobertos pelo jornalista, político e escritor Irineu Pinto, deu-se o nome de "Fóssil de Campina Grande".

Joffily, que era sócio correspondente do Instituto Histórico de Pernambuco (IHPE), em Campina Grande, descreveu em carta ao diretor-presidente desse órgão, instalado em Recife, que "o material surgiu após a escavação de um tanque na Caatinga da Navalha e que estava revestido de uma grande jazida de ossos, os quais aderiram tão fortemente à piçarra, daí a impossibilidade de retirar algum deles inteiro".

O escritor paraibano concluiu seu relato para o IHPE da seguinte forma: "Neste bloco que ora remetemos, parece distinguir-se uma parte de mandíbula do animal. Os ossos apresentavam, na superfície lateral externa, dois sulcos longitudinais paralelos. E, na interna, um único sulco de maior profundidade, acompanhando a mesma disposição anatômica".

Uma comissão formada por Maximiano Machado e João Regueira Batista Costa analisou a ossada e chegou à conclusão de que pertenciam a um megatério. Esse animal é uma preguiça gigante, que tinham cerca de cinco metros de altura, que viveu há cerca de 20 mil anos, ainda no período pleistoceno.

Era do tamanho de um elefante e podia comer folhas e arbustos usando sua língua comprida. Manejava bem as garras, de tenazes fortes, porém, se revelava presa fácil para lobos, tigres-dente-de-sabre e ursos. Irineu ainda informou a Ladislau Neto, diretor do IHPE em Recife: "a escavação também encontrou fragmentos de louça debaixo das ossadas, o que no meu conceito poderiam ser a prova da existência de uma civilização naquela área, em épocas remotas".

Os fósseis da Caatinga da Navalha e em toda a região polarizada por Campina Grande, sob o ponto de vista de outros pesquisadores, "parecem ter sofrido um cataclisma que provocou uma inundação, devastando a vida orgânica local, que acabou preservada na rocha piçarrada". Outra versão aponta que os animais simplesmente caíram nas lagoas e ficaram presos ao se aproximarem para beber água.

■ A preguiça gigante tinha cerca de cinco metros de altura e viveu há cerca de 20 mil anos

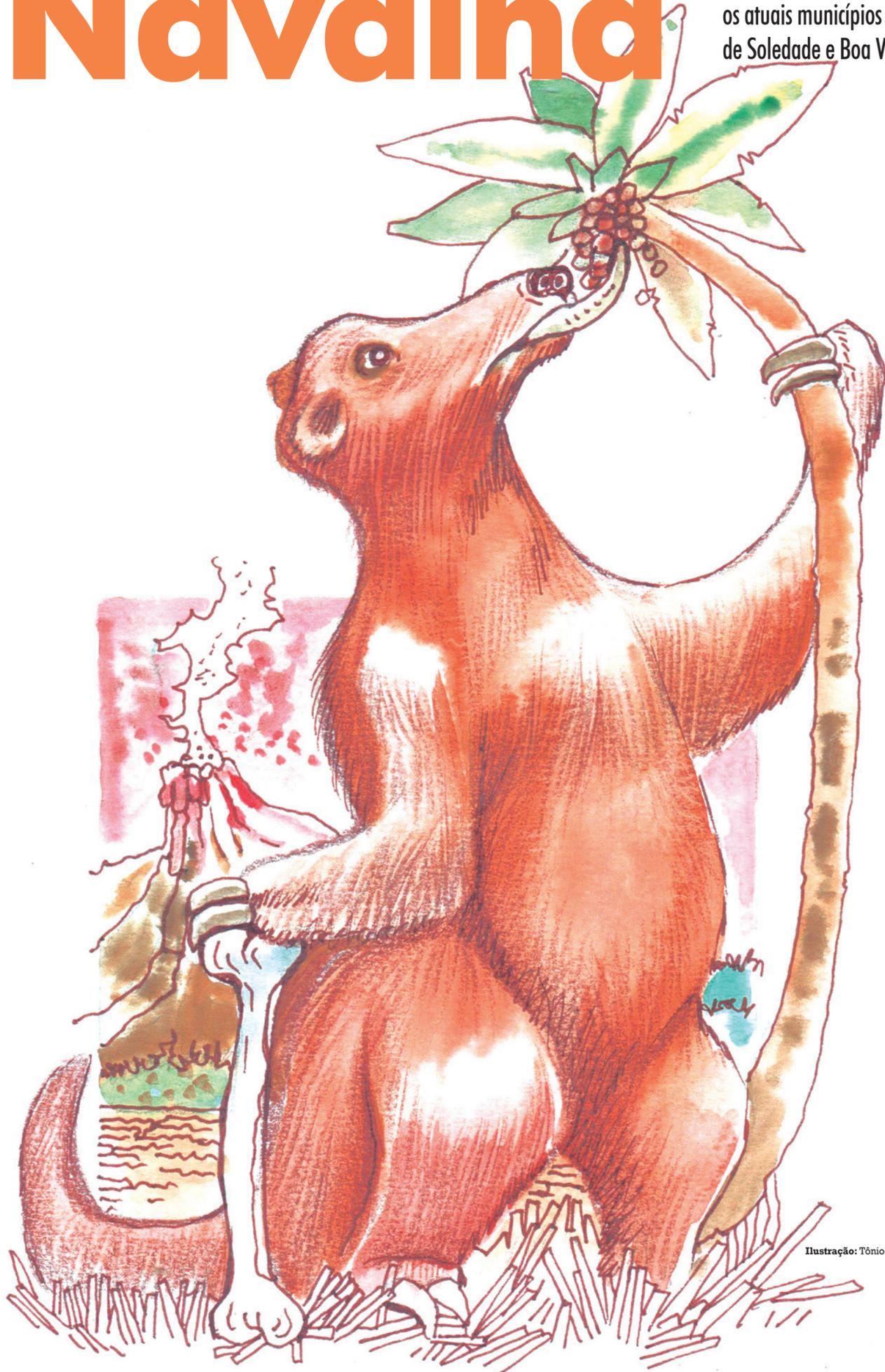


Ilustração: Tônio

Animal pré-histórico é estudado por pesquisador

Da Redação

No ano de 2018, uma equipe de Paleontologia do Laboratório de Zoologia de Vertebrado e de Paleontologia do Centro de Ciências Agrárias (CCA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), realizou na mesorregião do Agreste paraibano a escavação e recuperação de material fóssilífero de preguiça gigante.

O trabalho foi coordenado pelo professor David Holanda de Oliveira, com participação dos seus orientandos (Danilo Marcos dos Santos, Davy Barbosa Bérnago, Eduardo Gomes da Silva Filho, Emanuel Marcos Medeiros de Azevedo e Nilmaria Lopes Lacerda) e colaboração do pesquisador do Setor de Paleontologia do Museu de História Natural da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), Johnson Sarmento de Oliveira Nascimento. De acordo com o professor David Holanda, o material coletado



Foto: Acervo de David Holanda



Foto: Acervo de David Holanda

Equipe de Paleontologia do Laboratório de Zoologia de Vertebrado e de Paleontologia da Universidade Federal da Paraíba

correspondia a fósseis de megafauna, especificamente de preguiça gigante. Todavia, ainda era preciso preparar o material e estudar de maneira mais detalhada para saber a qual espécie pertencia.

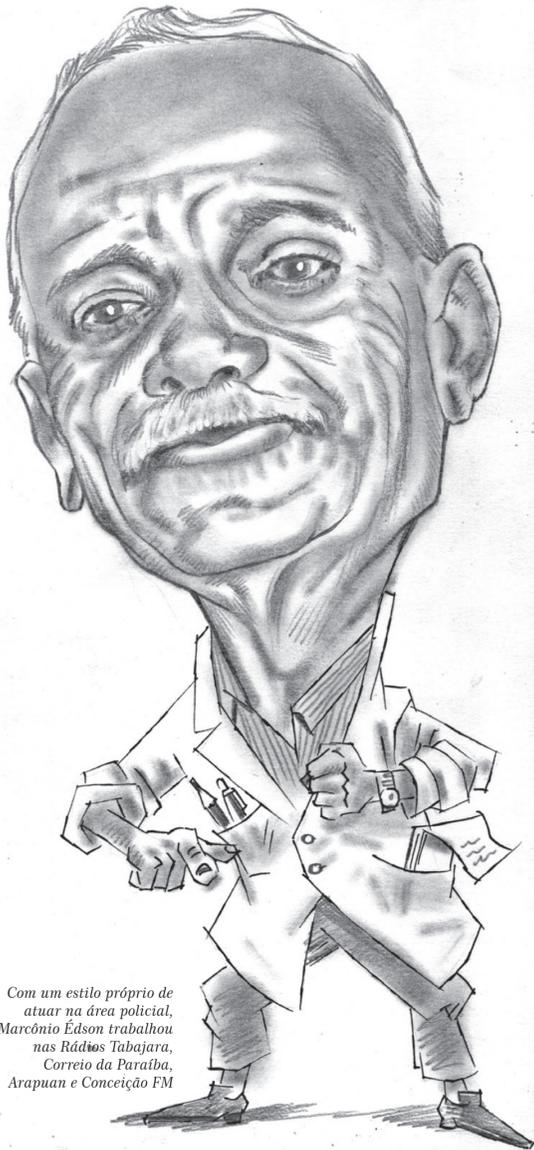
Segundo o professor, esses animais viveram a 1,8 milhão de anos (durante o pleistoceno) e se extinguiram aproximadamente há 11 mil anos. Algumas espécies podiam al-

cançar até cinco metros de altura e pesar até quatro toneladas. Para o professor, estudos desse tipo são importantes para compreender a evolução paleoambiental do Nordeste brasileiro ao longo do tempo geológico e também conhecer a fauna de mamíferos gigantes que existiam na região.

A equipe do Laboratório de Paleontologia contou com o apoio da comunidade local. Um dos morado-

res, Ivanildo Barbosa, descobriu e comunicou ao professor o aparecimento dos fósseis. Os irmãos Edvaldo e Elinado Dias, donos da propriedade, deram apoio e logística. Após a análise, o material foi incorporado à coleção de fósseis do Laboratório de Paleontologia e iriam fazer parte do acervo do Museu de História Natural que, em 2018, estava sendo projetado no Centro de Ciências Agrárias.

Ilustração: Tônio



Com um estilo próprio de atuar na área policial, Marcônio Édson trabalhou nas Rádios Tabajara, Correio da Paraíba, Arapuan e Conceição FM

Um repórter policial que partia para a briga se fosse preciso

Hilton Gomva
aranjogomva7@gmail.com

Com atuação marcante nos anos de 1970 a 1990, o repórter Marcônio Édson Alves de Alencar, considerado “um ás das notícias policiais” nas rádios e jornais da Paraíba, nasceu em Conceição, no Sertão paraibano, em 2 de fevereiro de 1948.

Seus pais se chamavam João Alves de Alencar e Amália Silva de Alencar. Chapéu de Couro, alcunha profissional pela qual era conhecido, tinha irmãos que não seguiram a sua profissão, entre eles Isaac Alves de Alencar, que foi presidente da Federação Paraibana de Futebol (FPF).

Trabalhou nas Rádios Tabajara, Correio da Paraíba, Arapuan e Conceição FM. “Ele possuía um estilo próprio de narrar e investigar e, pode-se dizer, que sabia de tudo na área policial, onde garantiu vários “furos”, aponta Land Seixas de Queiroga, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Paraíba (Sindjor-PB).

Atilado, destemido e conhecedor inequívoco dos assuntos relacionados a crimes, Marcônio somou episódios perigosos no desempenho da sua profissão. Certa vez, ao

denunciar a fabricação de carteiras de estudante falsas em João Pessoa, acabou sendo atacado e espancado dentro da Redação do jornal O Norte por um empresário gráfico. Em outra situação, um ex-detento, que posteriormente se formou em Medicina e ensinou no Liceu Paraibano como professor de Química, tentou esfaqueá-lo na Festa das Neves, mas Marcônio foi salvo por um policial à paisana.

Os “dentes afiados” o salvaram de outra agressão na rua, encenada por um motorista de ônibus, preso por falsificar tickets estudantis. Ao sentir o braço do homem apertando-lhe o pescoço, Marcônio aplicou uma mordida no pulso do agressor, que acabou socorrido por terceiros. De agradido, Marcônio passou a agressor e foi levado para a delegacia.

Seus textos “eram até elogiados” e até elogiados pelo jornalista Rubens Nóbrega, que sempre dizia: “O neguim redige bem”. O editor de O Norte na época, Teócritio Leal, confirmava essa habilidade em parte, mas fazia algumas restrições: “Dá para passar, mas é um pouco atrapalhado”. O radialista e jornalista Anacleto Reinaldo, “a maior pedra no sapato de Marcônio, retrucava: “Precisa aprender muito ainda”.

Marcônio Édson



Foto: Roberto Guedes

Nos caminhos onde catava notícias, Marcônio Édson incluiu, como parada obrigatória, o distrito ribeirinho de Forte Velho, em Santa Rita, na Região Metropolitana de João Pessoa, onde ele tentou “explorar” petróleo

Sonho de explorar petróleo às margens do Rio Paraíba e candidatura a vereador da capital

“Quando Marcônio cismava de uma coisa, ou a coisa acabava com ele ou ele com a coisa”, dizia, em tom de brincadeira, o também jornalista Marcos Tavares. Nos caminhos onde catava notícias, ele incluiu, como parada obrigatória, o distrito ribeirinho de Forte Velho, em Santa Rita, na Região Metropolitana de João Pessoa. E alguém lhe confidenciou que lá, embaixo de qualquer banco de areia do Rio Paraíba, havia um bolsão inesgotável de petróleo.

Junto com Antônio Elias Pessoa IV, um dos donos da Península (hoje totalmente loteada), Marcônio procurou o escritório da Petrobras em Recife e conseguiu deslocar uma equipe técnica de geólogos para Forte Velho. Após alguns exames de solo e prospecções feitas, confirmaram as suspeitas de Marcônio, mas a Petrobras emitiu uma resposta não animadora: “A reserva petrolífera não era comercialmente viável para a exploração”.

Foi Marcônio quem batizou, oficialmente, de “Bagaceira” um setor popular da Festa das

Neves, situado entre as Ladeiras da Borborema e São Francisco. Em certa ocasião, ele pediu permissão ao arcebispo da Paraíba, dom José Maria Pires, para ter lugar cativo no Pavilhão da Arquidiocese armado na Festa das Neves. Dom José recomendou na permissão “para que ninguém cobrasse nada dele”.

Em 1978, em plena ditadura militar, Marcônio impediu, “com bons modos”, que uma turba de estudantes em greve incendiasse dois ônibus de uma empresa de transporte coletivo da capital, a Etur. “Pessoal, isto aqui é ferro, objeto inanimado, e se a gente quebrar, o prejuízo é nosso”, discursou ele. Os estudantes desistiram. Os advogados Abelardo Azevedo e Diomedes Teixeira, principais acionistas da Etur, comentaram depois: “O cara tem coragem para mamar em onça”.

Na opinião do repórter-fotográfico Antonio David Diniz, “Marcônio podia ter suas manhas e limitações, mas, a seu jeito, se tornou um dos maiores repórteres policiais da

Paraíba. Ele enveredou pelo esporte e também concedeu furos sensacionais, e se controlava muito para se manter imparcial nas jogadas que incluíam o Botafogo, time de sua paixão”.

Marcônio se comunicava, “incrivelmente bem”, com o escritor e jornalista Virgínius da Gama e Melo, embora fosse um extravasado e Virgínius o típico solteirão *bon vivant* de pouca conversa com pessoas fora do seu círculo intelectual. Virgínius deixava o jornalista sentar em sua mesa, na Churrascaria Bambu, na época o *point* da intelectualidade pessoense. Também tinham essa liberdade os poetas Mané Caixa D’água e Radriel Cavalcanti.

O jornalista Pedro Moreira, que tinha amizade habitual com Marcônio, resolveu dar-lhe um conselho: “Chapéu, deixa dessa mania de viver ensopado de álcool, porque você não é cobra de farmácia”. Ele respondeu: “Não, mas me comparo a um jumento de engenho”. Em seguida os dois se abraça-

ram e saíram às gargalhadas pela Rua General Osório abaixo. Cobra de farmácia era um emblema comercial usado nos estabelecimentos dessa área, onde cada farmácia botava uma cobra dentro de um garrafão com álcool sobre o balcão, para o deleite da curiosidade pública.

Na década de 1970, Marcônio candidatou-se a vereador pela Arena. Criava caso dentro dos pavilhões da Festa das Neves e da Festa das Hortênsias quando alguém recusava seus santinhos de campanha eleitoral. Num comício realizado no bairro de Jaguaribe, Marcônio arrebatou o microfone das mãos de Antônio Silva e anunciou: “Bem pessoal, estou de saída. Agora, quem quiser votar em mim, vote; se não, podem votar aqui, no meu amigo Cachimbo Eterno”. Esse era o apelido de Antônio que ele mais detestava. De pavio curto, ele respondeu a Marcônio: “É melhor votar na tua mãe, não?”. Quase que o comício acaba em briga e confusão. Marcônio não foi eleito.

Jorge Rezende

Eu, meu primo e o nosso Exu de cada dia

Passsei boa parte da minha infância e pré-adolescência brincando, correndo, saltitando, inventando histórias de aventura e sonhando com um mundo perfeito em meio a um terreiro de Umbanda, que era comandado por uma prima de minha mãe. Era o Terreiro de Mamãe Tatá. O meu “reino encantado” dessa fase de minha vida de menino.

Meu parceiro de aventuras naquele pedacinho de terra, que nos transportava ao mundo de Aruanda, era o meu primo André Rezende (não confundir com o nosso colega jornalista André Resende, com “S”, considerado “meu primão” de coração). Aliás, André Rezende, com “Z”, não era meu primo direto. Éramos filhos de duas primas, dona Elza, minha mãe, e dona Sílvia, mãe de André.

Apesar de ser um toco no futebol (era “tão violento” que o chamávamos de “vaca desembastada”), André era um menino calmo, estudioso, de fala mansa, de espírito solidário, voltado à caridade e de sempre servir ao próximo sem nada esperar em troca. Mais velho do que eu, uns dois ou três anos a mais, ele era extremamente religioso. Para a tenra idade, era exímio conhecedor das religiões. Vivía gradado em uma Bíblia e desenrolava bem dentro do Catolicismo.

Todavia, era nos assuntos ligados à Umbanda, ao Candomblé e à Quimbanda que André se tornava um “verdadeiro doutor”. O que não era de se espantar, já que nasceu e cresceu numa família de brancos, descendentes dos espanhóis da Andaluzia, mas totalmente voltada às coisas, à cultura e às religiões e manifestações de origens africanas. Sua mãe – que eu chamava de tia e pedia

Foto: Reprodução



a bênção –, era médium e incorporava várias entidades espirituais, mas tinha como guia a preta-velha Mamãe Tatá, que dava nome ao seu terreiro. O irmão mais velho de André, Beto, era o responsável pelos sons dos atabaques em noites de atividades no terreiro. Nadja, a irmã mais velha – que aliás era lindíssima e muito cobiçada pelos moçoilos da época –, também era médium e recebia a Cabocla Jurema (eu ficava extasiado vendo Nadja em transe – parecia que estava vendo de verdade o espírito da índia que se denominava Jurema se materializando em frente aos meus olhos “pidão” de menino conhecendo a sexualidade). E a irmã mais nova... Não me lembro o nome e acho que era somente a irmã caçula...

Minha mãe Elza, antes de se aprofundar no mundo da doutrina espírito do Kardecismo, fazia parte da gira de dona Sílvia. Ela tinha como guia o Caboclo Flecheiro, que intrigava a minha cabeça de criança: por que minha mãe incorpora uma entidade masculina? Não poderia ser uma cabocla? Nunca obtive respostas e nem fui atrás. Porém, nessa fase de minha vida, quem

mais me instruiu, tirou meus medos, apagou os possíveis preconceitos e me explicou dentro do possível o mundo dos espíritos e da Umbanda foi o meu primo André Rezende. E “essas aulas” do território dos povos de Aruanda ocorriam em meio às nossas brincadeiras, tanto dentro do terreiro propriamente dito, com os altares enfeitados com marafas, charutos, tigelas com pipoca e arroz, incensos e dezenas de imagens de Cristo, santos e santas católicos, orixás, pretas e pretos velhos, caboclos e caboclas, fitas coloridas... quanto no imenso terreiro com muitas plantas que circundava a casa de Mamãe Tatá.

Era na parte externa do terreiro que ficava o que mais me impressionava. Eram várias pequenas casinhas, com porta e tudo, e cada uma guardava uma imagem de uma entidade distinta, com sua respectiva oferenda: a “sua comida”. Eram os Exus. Eram vários: Exu Caveira, Pomba-Gira, Tranca Ruas etc.

Em princípio, eu tinha muito medo (por ignorância e preconceito). E foi André que me instruiu e me tirou do “lamaçal das antas”. Apesar de eu ser espírito kardecista, passei – e passo – a minha vida inteira tentando explicar para as pessoas que Exu não corresponde ao mal. É difícil. O preconceito das pessoas e a cultura arraigada e cultivada por muitos religiosos tradicionais – ou não – contra as religiões afro-brasileiras é grande.

Por isso fiquei imensamente feliz com a vitória, em 2022, da Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio, campeã pela primeira vez do Carnaval do Rio de Janeiro, que levou para a avenida como tema de seu enredo o

Exu. Tenho a certeza de que aquele desfile, de alguma forma, ajudou bastante para o enfrentamento ao preconceito contra Exu e as religiões “dos pretos”. A grande maioria não sabe, mas Exu, assim como os anjos da guarda, faz mais parte do nosso dia a dia do que a nossa “vá filosofia”.

Em tempo: Exu é um tipo de espírito que pode estar em diversos níveis de luz e que auxilia os trabalhos espirituais, incorporando ou não nos médiuns, enquanto trabalham na lei de Umbanda. Os Exus também estão presentes na Jurema, no Omolocó, no Candomblé de Caboclo, entre outras religiões afro-brasileiras, ou em terreiros “traçados” de Umbanda e Candomblé. Não estão presentes em terreiros de Candomblés puro, de nação, como Jeje-Maiá, Queto, Angola, Ijexá e Nagô. Nesses, apenas é cultuado o orixá Exu, com o qual os exus de lei não devem ser confundidos.

Pela influência católica na colonização e formação político-social do Brasil, o Exu foi logo associado ao diabo mesmo nos primórdios da Umbanda. Essa associação também ocorria em traduções para o inglês. É [u] no ‘Vocabulary of the Yoruba’, de Samuel Ajayi Crowther (1842), é traduzido como diabo ou satã. Mesmo nos dias de hoje, há pontos de Umbanda que remetem a esse sincretismo. Uma vez, no entanto, que a Umbanda não é uma religião essencialmente maniqueísta, o Exu, ainda que atue no “polo negativo”, é considerado um ser benigno.

Excepcionalmente, na coluna de hoje não teremos o texto da jornalista Angélica Lúcio.

Tocando em Frente



A época dos festivais – Outros festivais – II

No ano de 1971, sobressaiu-se um IV Festival Universitário da TV Tupi/Rio, surgindo o cearense Belchior, com uma canção autoral e com letra de cunho social, como seria o seu caminho criativo. Aconteceu também um Festival de Música Popular do Centro de Estudos Universitários de Brasília, conhecido como Ceub, e que foi vencido pelo cearense Fagner, com o ainda hoje festejado ‘Mucuripe’, cuja gravação foi lançada, no ano seguinte, por Elis Regina e, três anos depois, por Roberto Carlos.

Um evento chamado de Festival da Nova Música, também chamado de Festival Aber-tura, aconteceu em janeiro e fevereiro de 1975, numa tentativa da Rede Globo de retomar o sucesso dos festivais anteriores (os FICs aconteceram até 1972). De qualquer forma, embora não alcançasse o êxito daqueles, novos compositores/intérpretes iam conquistando/firmando os seus espaços, como o pernambucano Alceu Valença, com ‘Vou danado pra Catendê’ (com letra de Asencio Ferreira); o cearense Ednardo, advindo do Pessoal do Ceará, com ‘Vaila’ (parceria com Brandão, carioca); a carioca Leci Brandão, com o seu primeiro sucesso autoral ‘Antes que eu volte a ser nada’; Tom &

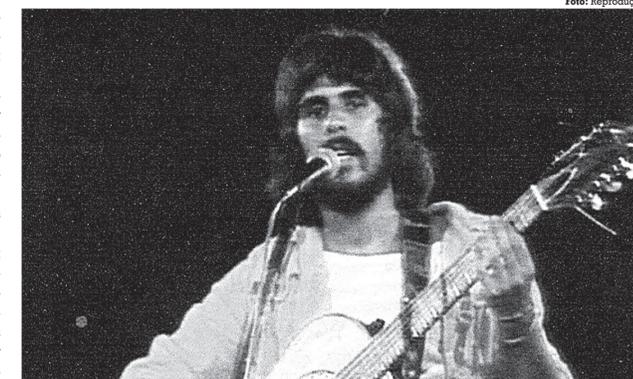


Foto: Reprodução

Oswaldo Montenegro, intérprete da música vencedora do Festival da Nova MPB

Dito, com ‘Tamanco Malandrinho’; e os considerados “malditos”, por não serem muito bem assimilados pelo grande público: Walter Franco, já conhecido com o seu ‘Cabeça’ (VII FIC, de 1972); Luiz Melodia, com ‘Pérola Negra’, de 1973); Jorge Mautner, que já era

conhecido pelo sucesso de ‘Maracatu Atômico’, de 1974). Também foram destaques o paulista Carlinhos Vergueiro, com ‘Como um ladrão’, e o alagoano Djavan, com ‘Fato Consumado’.

Em 1979, aconteceu o Festival 79 de Músi-

ca Popular da TV Tupi/Rio, com mais visualização para a valsa ‘Bandolins’ (parceria com José Alexandre) que, mesmo obtendo o 3º lugar, foi o grande destaque. Destaque também para ‘Coração Bobo’, de Alceu Valença; e ‘Maria Fumaça’, com os gaúchos Kleiton & Kleidir. A premiação ficou com ‘Quem me levará sou eu’ (de Dominginhos e Manduka), com Fagner; o 2º lugar ficou com ‘Canalha’, do polêmico Walter Franco, que a interpretou.

Em 1980, entre os meses de março e agosto, o Festival da Nova Música Popular Brasileira / MPB 80 escolheu sessenta finalistas, dentre cerca de vinte mil inscritas, sob o comando da Rede Globo, com produção musical de Guto Graça Mello. O Festival foi vencido por ‘Agonia’, de Mongol, com interpretação de Oswaldo Montenegro; em 2º lugar, ficou ‘Foi Deus quem fez você’, do paraibano Luiz Ramalho, defendida pela cearense Amelinha; o 3º lugar foi para ‘A Massa’, da dupla baiana Raimundo Sodré e Antônio Portugal, apresentada pelo primeiro. Um grande destaque desse Festival foi o carioca Jessé, que se sagrou como o melhor intérprete, com ‘Porto Solidão’, de Zeca Bahia e Gincko.

CRUZAMENTO DE CORES

Surgida na Pérsia, cenoura nem sempre foi alaranjada

Famosa na culinária mundial, ela era roxa e foi “pintada” para homenagear um rei

Da Redação

As cenouras, conhecidas hoje em dia como um alimento de cor laranja, brilhante e presente em muitas dietas, têm uma história que poucos se dão conta. Originárias da antiga Pérsia, as primeiras variedades de cenoura não eram, na verdade, cor-de-laranja, mas sim roxas e essencialmente usadas devido às suas folhas aromáticas e sementes.

À medida que viajavam da Pérsia para a poderosa cidade de Roma, segundo registra Tomás Guimarães no Site Zap, as raízes desse vegetal, hoje bastante presente na culinária brasileira e mundial, começaram a ganhar popularidade como fonte de alimento.

Registros históricos apontam a relação humana com as cenouras a partir do século VI d.C., quando o médico grego Dioscorides detalhou os três diferentes tipos do legume. Nesse mesmo século, à frente das brancas e amareladas, uma variedade dominante era a de cor roxa, proveniente do Afeganistão e que já estava bem estabelecida na Europa, na China e no Japão, segundo lembra o ZME Science, publicação especializada em ciência e tecnologia.

A transformação da cor da cenoura começaria no final do século com os horticultores holandeses. Numa tentativa de melhorar a qualidade do vegetal, começaram a cruzar cepas mutantes de cenouras roxas com as amarelas e as brancas. Com o tempo, o cruzamento resultou no nascimento da cenoura cor-de-laranja –



Foto: Pixabay

Horticultura continua explorando genética da cenoura

e mais adocicada – que se conhece hoje.

Curiosamente, essa mudança de roxa para laranja foi também uma tentativa dos agricultores holandeses de homenagear a Casa de Orange-Nassau, a família real holandesa da época, que desde que Guilherme I de Orange, considerado “Rei da Pátria”, liderou a revolta neerlandesa contra a jurisdição espanhola, o que é visto como um símbolo da resistência dos Países Baixos.

A cenoura cor-de-laranja viria a ser um sucesso que não se deveu apenas à sua associação com a realeza holande-

sa. Tornou-se mais resistente a pragas e o seu sabor é, até hoje, “alegradamente mais aprimorado”. Embora alguns argumentem que

a influência da realeza holandesa na mudança de cor da cenoura possa ser exagerada, os registros mostram sem margem para dúvidas que o laranja se tornou a cor dominante da cenoura a partir do século XVII.

Em relação ao aspecto químico, a variação de cor é consequência dos pigmentos que a cenoura contém. Cenouras cor-de-laranja têm altas concentrações de caroteno, responsável pelo seu tom brilhante e pela presença significativa de vitamina A. Em contraste, as cenouras roxas são ricas em antocianinas, antioxidantes presentes em vários frutos e vegetais coloridos. Ao longo do tempo, o cruzamento favoreceu a variedade rica em caroteno sobre a rica em antocianina.

A horticultura moderna continua explorando a genética da cenoura. Um centro dedicado à melhoria de vegetais, baseado no Texas, nos Estados Unidos, desenvolveu cenouras com pele roxa e polpa laranja, ricas em nutrientes e com potenciais propriedades preventivas contra o câncer.



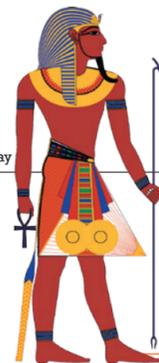
Imagem: Pixabay

Charada

Francelino Soares:

francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: flácido (2) = mole + pronome relativo (2) = que. **Solução:** garoto (4) = moleque. **Charada de hoje:** o sino (3) anuncia o curso de água corrente (2) que é visto da torre da igreja (5).



Eita!!!

Escravos e pessoas livres no Egito

Especialistas têm esclarecido equívocos sobre uma das fases mais conhecidas e admiradas da história da humanidade: a civilização egípcia. Haveria muitas ideias que se tem sobre o Antigo Egito que, afinal, estão erradas. As pirâmides, por exemplo, não foram construídas por escravos. Arqueólogos asseguram que a construção foi feita por pessoas livres, que pagavam os seus impostos em serviços como esse, não em dinheiro.

Múmia do faraó não ressuscita

Os egípcios não pensavam que a múmia do faraó poderia ressuscitar. Essa crença pode fazer parte de filmes, mas, na vida real, os antigos egípcios não acreditavam muito nisso. Mas acreditavam que os mortos podiam afetar os vivos. Por exemplo, se o corpo de alguém fosse maltratado após a morte, ou se esse falecido não teve direito a funeral, os seus familiares sofreriam consequências.

Sacrifícios, armadilhas e labirintos

Os sacrifícios humanos não eram comuns. Um servo não era enterrado vivo para acompanhar o seu faraó. Se aconteceu, foi um ritual muito passageiro, durou “apenas” 400 anos. Outra coisa: as pirâmides não tinham armadilhas no seu interior e sim foram descobertos fossos que iam diretamente para as câmaras reais; mas não eram armadilhas e até deveriam servir para desviar água de chuva forte. Também não havia labirintos dentro das pirâmides. Sistema completo de corredores não é sinônimo obrigatório de labirinto.

Maldições e múmia como remédio

O faraó não amaldiçoava os vivos. Foram produzidos filmes sobre o tema, mas não há evidências arqueológicas que apontem para isso. Comer partes da carne de uma múmia não dá propriedades místicas à saúde. Uma “moda” nos tempos vitorianos previa até pó de múmia em catálogos de algumas farmácias na Alemanha. Mas comer múmias não trouxe vantagens à saúde.

Cleópatra não era tão linda

Cleópatra não era linda de morrer. Não há evidências científicas que apontem para uma rainha extraordinariamente bela. Isso foi um mito provavelmente inserido na propaganda do Império Romano. E Heródoto não foi o responsável pelos muitos equívocos em relação ao Egito. O historiador grego realmente esteve no Egito e estudou o Antigo Egito, tendo escrito um livro extremamente influente nesse assunto. A maioria da sua obra é consistente, com bases verídicas.

9ertos

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 – pena; 2 – toco; 3 – nuvem; 4 – folhas; 5 – pintas; 6 – ave no céu; 7 – rã do passado; 8 – enfiado no pé; 9 – assintoma

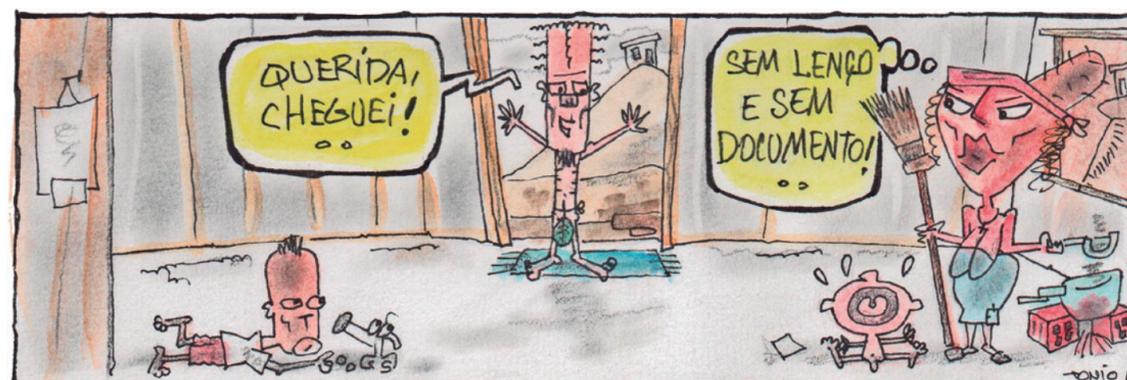
Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota



“Rolar a tela” com coisa ruim

Desejo de buscar informação negativa pode se tornar compulsivo e gerar consequências que vão da ansiedade à depressão

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Ver, ouvir, ler notícias negativas para se informar é normal, mas, quando o desejo de buscar esse tipo de informação se torna compulsivo, passa a ser preocupante, gerando consequências que vão de ansiedade à depressão. Isso tem nome: *doomscrolling* (*doom* significa ruína ou condenação e *scrolling*, rolar a página), termo em inglês que designa exatamente a mania de consumir notícias pessimistas e desanimadoras.

Essas notícias envolvem temas como guerras, desastres naturais, tragédias, crimes, acidentes, política (o lado ruim) e, mais recentemente, a pandemia do novo coronavírus, que provoca a Covid-19. Quanto mais os assuntos são pesquisados, mais o algoritmo vai mostrar publicações com o mesmo teor, transformando a *timeline* desse consumidor de notícias ruins numa verdadeira cascata de informações pesadas e perturbadoras.

A prática não é novidade e se concretiza há um bom tempo, por exemplo, nos programas policiais e sensacionalistas, e ganhou força durante o período da pandemia da Covid-19. O fato de ter mais tempo em casa e a busca pelas informações sobre a doença desconhecida, seus efeitos, aumento do número de casos e de mortes, surgimento de novas variantes e toda a repercussão que teve no mundo, aumentou o interesse por notícias relacionadas e, conseqüentemente, de outras informações negativas também. Quem não viu na tevê ou acessou as redes sociais e portais em busca de informação?

O *doomscrolling*, inclusive, se tornou tema de estudos e de reportagens mundo afora. No Brasil, a revista *Veja* publicou, em setembro de 2022, a matéria ‘Vício de ler compulsivamente notícias trágicas ganha força com as redes’, e o texto, assinado por André Sollitto, cita uma pesquisa realizada por cientistas da Universidade Texas Tech, nos Estados Unidos. Nela foi constatado que 16,5% dos norte-americanos são plenamente viciados em notícias perturbadoras e 27% manifestaram dependência moderada.

“O noticiário 24 horas por dia pode provocar um estado constante de alerta em algumas pessoas, fazendo com que o mundo pareça um lugar extremamente perigoso”, escreveu Bryan McLaughlin, principal autor da pesquisa. O estudo aponta que 74% dos que têm vício grave apresentam problemas de saúde mental, como ansiedade, estresse e dificuldade em se desconectar do

noticiário. Outros 61% desenvolvem danos físicos, como fadiga, dores pelo corpo e desconforto gastrointestinal.

Em estudo realizado anteriormente e citado na mesma reportagem, a psicóloga Roxane Cohen Silver, da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, constatou que, após o atentado à Maratona de Boston, pessoas que acompanharam pelo menos seis horas de cobertura de notícias relacionadas apresentaram estresse mais agudo que aquelas que estavam na linha de chegada da corrida, onde as bombas explodiram.

Outro estudo também publicado em 2022 pela Universidade de Deakin, na Austrália, aponta que limitar o consumo de notícias trágicas no auge da pandemia, quando houve um *lockdown* rígido no país, contribuiu para o bem-estar dos entrevistados. O resultado de quem optou por notícias oficiais, reduzindo o tempo com as trágicas, foi de mais calma e menor distração nos afazeres domésticos e no trabalho. Conforme o estudo, dedicar menos tempo a esse tipo de conteúdo e selecionar fontes confiáveis são opções que ajudam, embora as redes sociais sejam empecilho para que a estratégia dê certo.

A revista *Super Interessante* publicou, em setembro de 2022, a reportagem ‘*Doomscrolling* é ruim para seu cérebro - e para o seu corpo também’, baseada na pesquisa de McLaughlin, ressaltando que foram 1,1 mil entrevistados, e aqueles 16,5% viciados em informações negativas mostraram sinais de consumo “severamente problemáticos” desse tipo de notícia, elevação dos níveis de estresse, ansiedade e questões de saúde, entrando num círculo vicioso por esses assuntos.

Na reportagem, McLaughlin analisa que “para aliviar seu sofrimento emocional, essas pessoas costumam verificando atualizações o tempo todo. Mas isso não ajuda, e quanto mais elas checam as notícias, mais elas começam a interferir em outros aspectos de suas vidas”. Dos entrevistados, 27,5% foram minimamente impactados e 28,7% não tiveram problemas.

Sem saúde

Estudo aponta que 74% dos que têm vício grave em notícias perturbadoras apresentam problemas de saúde mental, como ansiedade e estresse

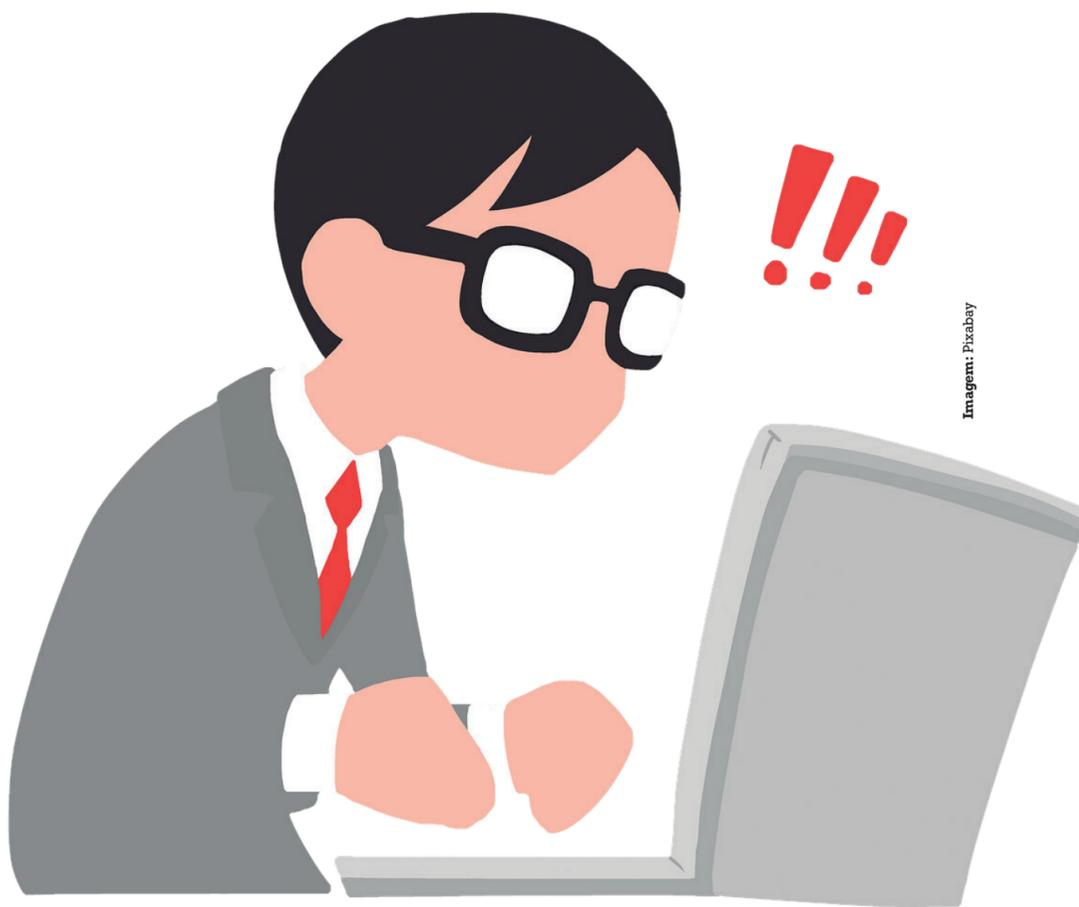


Imagem: Pixabay

Algoritmo garante doses de dopamina

O jornalista e escritor Felipe Gesteira, consultor nas áreas de comunicação e *marketing* político, afirma que não é de hoje que as pessoas se interessam por notícias ruins, mas quando se trata de um noticiário, seja televisivo ou impresso, em dado momento o conteúdo acaba, e aí quem consome esse tipo de informação se vê obrigado a buscar mais fontes, ou parar ali mesmo.

“No caso das redes sociais digitais, o hábito de ‘rolar a tela’ é fomentado por um algoritmo que entende o que fascina o usuário e oferece a ele cada vez mais daquilo, numa escalada de tragédias em tro-

ca de tempo conectado de olho na tela e pequenas doses de dopamina. Além da falta de checagem dos fatos, o perigo de consumir notícias por meio das redes sociais digitais tem o agravante de a fonte de conteúdo ser infinita”, observa.

A realidade de que atualmente muitos veículos de comunicação, sejam tevês, portais, rádios, apostam nesse tipo de notícia em busca de audiência e cliques, é vista por Gesteira como uma falta de responsabilidade com o bem-estar social. “Existem muitas formas de entregar a informação, e se os veículos sabem que o sensacionalismo dá audiência e exploram esse

viés expondo o público a excessos que podem não fazer bem, o compromisso não é de informar, mas gerar números”, aponta.

Para Gesteira, é difícil dizer o que é saudável ou até que ponto há equilíbrio, pois a pessoa pode consumir notícias ruins e mesmo assim não ser bem informada. Ele defende que o consumo de informação seja feito a partir de mídias que permitam ao usuário manter o controle de seus interesses.

O jornalista comenta que a maior parte das redes sociais digitais utiliza ferramentas que detectam o interesse do usuário e passa a oferecer mais conteúdo similar, seja no “rolar

da tela” ou mesmo nos vídeos seguintes, com base em mecanismos de reprodução automática. “Dessa forma, o usuário é colocado num poço sem fim, em que o vício se retroalimenta dentro da mesma rede”, constata.

“O ideal é buscar o conteúdo de interesse nos veículos, seja tevê, impresso ou mesmo digital, nos quais a informação se encerra. E se a pessoa quiser mesmo se informar por meio das redes sociais, a solução é configurar filtros para que o conteúdo seja oferecido pelo critério da linha do tempo, e não pelo que o algoritmo aprendeu que irá agradar ao usuário”, ensina.

Foto: Arquivo Pessoal



No caso das redes sociais digitais, o hábito de ‘rolar a tela’ é fomentado por um algoritmo que entende o que fascina o usuário e oferece a ele cada vez mais daquilo, numa escalada de tragédias em troca de tempo conectado de olho na tela e pequenas doses de dopamina

Felipe Gesteira

ATENÇÃO DO PÚBLICO

Notícias negativas atraem mais

Na evolução dos animais, o homo sapiens de hoje herdou a “busca por coisas ruins”, avalia comunicóloga

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Explicar o motivo que leva muitas pessoas a se sentirem atraídas por notícias negativas não é fácil. Na verdade, conforme a comunicóloga, jornalista e professora Carolina Barroca, essa é uma resposta bem complexa, porque depende, inclusive, da psicologia evolutiva, ou seja, como o cérebro humano se desenvolveu ao longo de milhares de anos e porque tem essa atração tão grande pela violência e a fascinação pela possibilidade de um perigo.

“Por conta dessa evolução e antes mesmo de chegarmos ao homo sapiens, houve uma evolução dos animais, e a parte mais antiga do nosso cérebro, o reptiliano – herança dos répteis –, que fica na base do tronco, próximo à nuca, está literalmente programada para perceber perigo e está o tempo todo atento a ele”, afirma Barroca.

Porém, ela observa que, quando o cérebro humano começou a evoluir, nos primórdios, os primeiros homínidos tiveram perigos bem aqui e agora, dormiam na caverna com outros bichos, viviam o tempo todo atentos para fugir de animais de maior porte que pudessem matá-los. “Então, nosso cérebro é programado para prestarmos a atenção a esses sinais e correr ou lutar”. É por isso, como analisa, que os humanos têm esse fascínio pelo perigo.

Repensando a mídia na relação com o consumidor

Carolina Barroca observa que é preciso pensar que uma empresa de comunicação é como qualquer outra empresa. “Ela está oferecendo um produto em troca do dinheiro do consumidor. Então, se o consumidor quer ver crime, se quer ver desgraça, miséria humana, é muito provável que a televisão, para atender a essa audiência, traga isso nos seus formatos jornalísticos”, observa, em relação à busca de cliques e de audiência.

Nessa questão de repensar a mídia, ela cita o autor Pierre Lévy – filósofo e sociólogo francês, pesquisador em ciência da informação e da comunicação – que estudou esses movimentos que a internet trouxe para a comunicação enquanto meio de divulgação de notícias. “E tinha a positividade de que a internet fosse muito dentro do exemplo que aconteceu na Primavera Árabe. Ou seja, a comunidade se juntando através das redes sociais e trazendo à tona possibilidades positivas para a sociedade em relação à democracia, fortalecimento da sociedade civil”.

Porém existe a contramão disso, porque, conforme ela analisa, nem todo mundo tem essa consciência de que quer uma sociedade melhor. Muitas vezes, as pessoas estão pensando apenas no seu bem-estar. “O que provoca meu bem-estar e o que pode tra-

Nos dias atuais, o contexto é outro. As pessoas precisam fugir da violência, de tudo que põe em risco à vida, e o cérebro está super excitado em relação a isso. A pandemia, conforme Carolina Barroca, foi um contexto bem forte em relação à possibilidade do perigo de morte, e as pessoas acabaram ficando mais atentas a esses sinais que podiam colocar a vida em risco, mas de uma forma que foi prejudicial à vida que temos atualmente, porque o cérebro ficou saturado e hiper sensível a esse estímulo de violência.

A comunicóloga comenta que a psicologia evolutiva hoje avalia que o cérebro é programado para identificar e tomar decisões super rápidas. Por isso a violência acaba sendo tão fascinante. Ela afirma que hoje a mídia representa um grande canal de potencialização dessa violência e, por isso, causa esse vício. “Para nós, é uma desgraça, porque causa ansiedade. O tempo todo parece que o cérebro está sendo bombardeado de potenciais perigos e tem hora que não se quer mais nem sair de casa porque acha que sair já é se arriscar”, constata.

Ela reforça que esse tipo de abordagem sempre existiu nos meios de comunicação e destaca que os impressos antigos do início do século passado tinham as notícias policiais e sempre estiveram em destaque, porque já havia o fascínio pelo crime.

zer risco à minha qualidade de vida? É uma discussão super profunda”, constata.

E emenda: “Na prática, o problema não está na mídia em si, o problema está em você. Honestamente, é isso. Se você quer procurar desgraça, acha, e acha muito, todo santo dia. A divulgação da desgraça, pelo que se nota em relação à divulgação, parece que realmente tem mais potencialidade de caçar cliques do que notícias positivas. O nosso cérebro sempre vai trazer mais atenção, sempre vai perceber de forma mais aguda a ameaça, o perigo, a violência. Ele sempre vai dar mais atenção às notícias que remetem a riscos potenciais para os indivíduos do que para a positividade. Isso não vai deixar de existir e é uma percepção que cada indivíduo deve trazer para si mesmo”.

Barroca lembra que, tempos atrás, a tevê, por exemplo, oferecia poucas opções de programação. E todos assistiam. Hoje, quem não quer ver os telejornais locais, que costumam chamar a atenção pela indignação, o que é um apelo forte para o cérebro, é possível optar por não ver, fazer outra escolha, como ler um livro, ver um filme, ouvir música. “A internet, do mesmo jeito que traz portais de notícias que são caça cliques, também traz audiobooks, podcasts, entretenimentos culturais. A escolha é sua”.

Psicologia e a sobrecarga emocional

Diante de uma rotina agitada e de um bombardeio de informações que chegam diariamente, ir em busca de conteúdos negativos sobrecarrega ainda mais o emocional, especialmente se for um hábito frequente. Isso pode gerar angústia, ansiedade, desespero, tristeza, pânico e muito mais, como explica a psicóloga Marílya Nascimento.

Dependendo do volume de informações e de como isso vai impactar emocionalmente, ela enumera que o corpo pode reagir apresentando sintomas como taquicardia, sudorese, náusea, vômito, diarreia, dor de cabeça, tontura, entre outros. Ansiedade, estresse, depressão, isolamento, distúrbio do sono, prejuízos no traba-

lho, fobia social também estão na lista dos efeitos causados pelo *doomscrolling*.

“Exposição frequente a conteúdos negativos pode impactar de forma grave a saúde mental, gerando consequências em nossa saúde física e se estendendo para outros contextos da vida. É importante que estejamos atentos aos sinais”, ressalta.

Apresentada à pesquisa da Universidade Texas Tech, a psicóloga afirma que os números são alarmantes. “As estatísticas expressam a necessidade de repensarmos esse hábito, visto que o correto seria que tudo aquilo que é nocivo à nossa saúde fosse naturalmente questionado, ainda mais quando se trata do consumo de conteúdos que não nos trazem retorno algum”, considera.

Marílya Nascimento ressalta que o segredo está em manter o equilíbrio, estar bem informado e não se tornar um obcecado por notícias ruins. “Buscar o equilíbrio não requer que estejamos dentro de uma bolha onde não existam momentos, pessoas, notícias e situações ruins, mas nos permite o entendimento da necessidade de filtrarmos aquilo que nós iremos consumir. Já vivemos uma rotina demasiadamente agitada. Somos cobrados, comparados e muitas vezes engolidos pelo trabalho e pelas obrigações. Em nosso tempo livre, devemos nos abastecer do que é leve, saudável e construtivo. Isso, sim, contribuirá para a nossa saúde mental”, ensina.

A comunicóloga Carolina Barroca acrescenta que o cérebro vicia fácil e, às vezes, sair do vício é extremamente complicado. Ela destaca que as redes sociais – Instagram, YouTube, Tik

Tok – são feitas para viciar, e tudo ali tem estudo, porque quem atua no marketing digital, no Brasil ou no exterior, estuda minuciosamente. Os próprios dispositivos do celular, como acrescenta, têm a câmera voltada para selfie que não é necessariamente para isso e foram criadas, na verdade, para acompanhar a movimentação do olhar para que o algoritmo das redes sociais consiga perceber quanto tempo o internauta passa olhando aquela publicação.

“Se sua saúde mental está ruim, seu corpo vai parecer de um jeito ou de outro. Vício tem que ser tratado com acompanhamento, tratamento medicamentoso ou não, psicoterapia. Cabe à pessoa identificar. A maioria não identifica o vício. É preciso ter uma autopercepção e querer sair desse ciclo que causa adoecimento da mente e, consequentemente, do físico”, frisa.

“Os números são grandes. É uma questão de epidemia. As pessoas precisam, cada vez mais, de orientação de profissionais que realmente sejam bem preparados para oferecer terapias e outros tratamentos, até holísticos, para que elas se percebam, se trabalhem e evitem os pensamentos que querem evitar, que sejam negativos para sua vida”.

Carolina sublinha que o indivíduo tem que perceber coisas que são sutis no jornalismo. “Como jornalista, posso dizer que até subestimamos a potencialidade de raciocínio do nosso cliente/consumidor”. Por isso, segundo ela, a sociedade precisa oferecer às pessoas uma educação suficiente para ter leituras críticas, tendo em vista que hoje a maior problemática mora nesse aspecto.

O poder público, os políticos que estão no topo da pirâmide, não querem que as pessoas tenham o senso crítico e isso você só adquire através da educação. Se é cortada a educação do povo, se militariza ou torna a educação bancária, como diria Paulo Freire, em que você aprende a ser técnico, não questionar e fazer um roteirinho, e não ter uma criatividade, não ser estimulado a pensar processo, só empobrece, e os políticos que-rem isso da população. Se as pessoas não têm senso crítico, não julgam e, se não julgam, eles estão bem no final do dia”, constata.

Ela acrescenta que os grupos de WhatsApp, sejam do futebol, de amigos, da academia, do trabalho, da família, também são extremamente tóxicos, envolvendo brigas políticas e também o fato de que sempre tem alguém que envia notícias de que o mundo vai acabar. “Daí vem o ‘doom’ – tem gente que é super adepta a esse tipo de notícia e que, além de consumir, também repassa para os outros”.

Para Carolina Barroca, quem está querendo manter uma saúde mental em dia, mesmo que evite rede social ou procure notícias mais leves e positivas, sempre se depara com alguém que fica passando todo tipo de tragédia, desgraça e notícia. “Pessoas que alardeiam um apocalipse que, na verdade não existe, porque violência sempre existiu no mundo, assassinato, desde Caim e Abel, mas tem sempre gente que parece ser arauto do caos”, comenta.

Ela reforça que é preciso se afastar desses grupos que acabam sendo extremamente tóxicos.

Foto: Arquivo Pessoal



“

A parte mais antiga do nosso cérebro, o reptiliano – herança dos répteis –, que fica na base do tronco, próximo à nuca, está literalmente programada para perceber perigo e está o tempo todo atento a ele

Carolina Barroca

Foto: Arquivo Pessoal



“

A exposição frequente a conteúdos negativos pode impactar de forma grave a nossa saúde mental, gerando consequências em nossa saúde física e se estendendo para outros contextos da nossa vida. É importante que estejamos atentos aos sinais

Marílya Nascimento



Foto: Pixabay

NATUREZA HUMANA

Vícios e manias pelas coisas ruins

Doomscrolling não é uma prática que se restringe meramente às redes sociais, esclarece psicólogo

José Alves
 zavier2@gmail.com

Tem quem não acredite, mas existem milhares de pessoas que têm preferência pelo consumo de notícias ruins: o *doomscrolling*, “fenômeno” com termo em inglês. Depois dos smartphones, é cada vez mais comum as pessoas flagrarem acidentes, filmar tudo e sair divulgando os vídeos pelas redes sociais ou para os noticiários de tevê, por exemplo.

No caso de um acidente, essas pessoas poderiam acionar o Samu, mas, ao invés disso, preferem se autopromover. Para o psicólogo Rodrigo Tavares, o *doomscrolling* não é uma prática que se restringe meramente às redes sociais. “Existem pessoas que, independentemente da internet, carregam esse comportamento no dia a dia delas, ou seja, só gostam de falar sobre coisas negativas. Essas pessoas só veem desastres e não enxergam o lado bom ou coisas positivas que acontecem na vida delas”, observa o psicólogo.

Tavares observa também que esse tipo de pessoa é um exemplo de negativista, porque, quando uma outra pessoa está conversando com ela e tenta mudar de assunto, percebe que ela perde um pouco o foco. “Muita gente já deve ter conhecido uma pessoa que está sempre reclamando da vida ou de alguma coisa, buscando sempre o que há de pior em tudo. Então, isso não vem de uma busca nas redes sociais ou por ela estar sempre ligada em notícias ruins, mas às vezes é da própria pessoa manter isso no seu dia a dia”.

Rodrigo Tavares é de opinião que o ser humano gosta de se manter atualizado sobre os acontecimentos do cotidiano que preocupa ou afeta a todos. A exemplo da Covid-19, dos desastres relacionados ao clima, a crescente violência nos grandes centros urbanos e nas guerras, como vem acontecendo entre Ucrânia e Rússia, e os ataques entre Israel e Palestina. “Mas exagerar rotineiramente pode criar problemas”, alerta ele, enfatizando que o *doomscrolling* é um comportamento muitas vezes paradoxal e confuso.

Segundo o psicólogo, algumas das razões pelas quais as pessoas são atraídas por esse tipo de notícia incluem a incerteza e a ansiedade. O desconhecido pode ser assustador, por isso as pessoas podem

procurar se prender ao máximo que puderem de tantas fontes quanto possível. A esperança é que mais informação reduza a ansiedade, mas apenas a faz aumentar. O psicólogo afirma que várias pesquisas têm mostrado como as redes sociais impulsivam esse tipo de notícia, porque elas geram mais engajamento.

Ele diz acreditar que as notícias ruins são os temas mais procurados, mas, infelizmente, na sua pior forma, como grandes manchetes sensacionalistas ou *fake news*. O “medo de ficar de fora”, conhecido como Fomo, também é um fator que leva as pessoas a buscarem esse tipo de notícia. A Síndrome de Fomo é a patologia psicológica que se produz pelo medo de ficar fora do mundo tecnológico ou a não se desenvolver ao mesmo ritmo que a tecnologia.

As pessoas, segundo o especialista, acham que perderão algo importante se não acompanharem os tempos. O hábito também decorre da necessidade básica de informação para lhes dar uma sensação de preparação caso algo desagradável aconteça.

“Imagino que isso tem muito a ver com a forma como temos sido como espécie. O comportamento pode ser atribuído às condições de vida e estilos de vida das nossas gerações anteriores. Eles não tinham a sensação de segurança e estavam sempre atentos às ameaças para poder se proteger a tempo e estarem preparados para qualquer problema”.

Rodrigo aponta que o comportamento *doomscrolling* tem muito mais vinculação com o “mercado” do que com um evento. “Mas por que digo isso? Porque há um mercado que ganha com esse tipo de notícia. Há alguns anos esse comportamento aumentava a venda de jornais e revistas. Hoje ele gera um engajamento bem maior nas redes sociais, que atrai mais anunciantes para suas páginas, ou seja, há uma função humana sendo estimulada pelo mercado para assim alguns lucrarem em cima, ou mesmo manipularem uma população em temas diversos. Como a política, por exemplo”.

Apesar de todas as complexidades do cérebro humano, o psicólogo afirma que ele tem uma forma simples de funcionar. “Podemos dizer: se você tem cinco experiências positivas e uma negativa ou se as coisas não

Interesse
O desconhecido pode ser assustador, por isso as pessoas podem procurar se prender, cada vez mais, o máximo que puderem a tantas fontes quanto possível

acontecem do seu jeito, você tende a se identificar com isso. Isso substituirá todas as emoções positivas e é aí que a distorção cognitiva entra”, observa.

Ainda de acordo com Rodrigo Tavares, de um ponto de vista neurobiológico, o *doomscrolling*, depois de algum tempo, torna-se um vício. Como outros vícios, ele ativa o sistema de recompensa do cérebro ao liberar dopamina – um neurotransmissor associado ao prazer e à recompensa. Quanto mais se pratica o comportamento, mais gratificante ele se sente.

Ele diz que, devido a essa incessante busca por notícias negativas, a pessoa pode adquirir alguns sintomas potenciais, como mudanças de humor, autoestima reduzida, perda ou perturbação do sono, solidão, dissonância cognitiva, desesperança e desamparo, falta de envolvimento em outras atividades, complicações com escola, trabalho e compromissos sociais, transtorno obsessivo compulsivo, conflitos interpessoais, estresse nos relacionamentos e ideação suicida ou homicida.

Rodrigo Tavares entende que o primeiro passo para qualquer pessoa parar com esse tipo de atividade é saber que isso está acontecendo. “Se você não perceber isso, o ciclo continuará. Leve em consideração que se você experimentou alguma mudança, como humor deprimido, muito tempo pesquisando o mesmo assunto a exaustão, desconectando-se de outras pessoas ou tendo pensamentos catastróficos. São sinais que você precisa promover mudanças em seu comportamento”.

Especialista aponta dicas para deixar de perseguir notícias ruins

O psicólogo Rodrigo Tavares diz que um dos pontos para que a pessoa deixe de ser negativa com a procura por notícias ruins é definir limites de tempo. “É vital que você abandone o hábito de ficar pesquisando e olhando o *feed* das redes sociais sem parar. Para fazer isso de forma eficaz, é fundamental estabelecer limites de tempo. Se você sentir necessidade de navegar livremente na internet fora do trabalho e das obrigações sociais, uma sugestão saudável é fazer isso em no máximo cerca de 15 minutos. Você pode acompanhar tudo simplesmente usando um cronômetro. Mas se isso for problemático, interrompa a navegação na internet até que seja seguro retomá-la”.

Outra dica: “Prepare seu algoritmo das redes. Tome essa atitude preparando sua pesquisa na internet. Isso é feito removendo da equação o conteúdo potencialmente desencadeador”. Em sites e aplicativos de mídia social é possível ajustar as configurações para excluir determinado conteúdo. “Você também pode bloquear sites selecionados no seu navegador da internet e nas redes sociais. Você pode selecionar as coisas em que dá *like* ou reposta. Só assim, os administradores dessas redes entenderão o que devem ou não ‘entregar’ no seu *feed* de notícias”.

Usar aplicativos que limitam o tempo de uso nas redes também é outra orientação do psicólogo. Praticar um *hobby offline* é mais outra dica. Tocar um instrumento musical, andar de bicicleta, caminhar, registrar um diário à mão, ler um livro tradicional, pintar algo, esculpir algo, jardinagem, paisagismo, tricô, quebra-cabeças, jogos de tabuleiro. Tudo isso são considerações

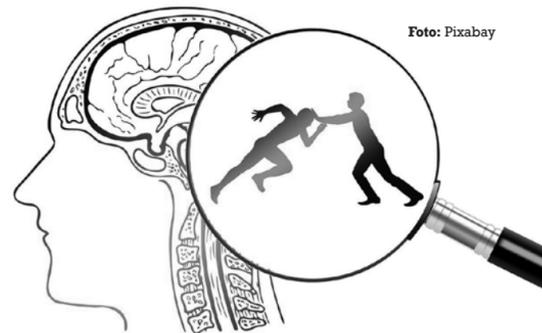


Foto: Pixabay

que não exigem o uso da internet e ainda trazem uma interação social com pessoas reais.

Outra dica importante é “você conversar com entes queridos e amigos. Segundo Rodrigo, existe um poder significativo na conexão com outra pessoa. Rir juntos, chorar juntos, partilhar histórias e assim por diante. Todos promovem um sentimento de ligação ou outra necessidade básica de sobrevivência humana. “Se você está enfrentando um dia desafiador e estressante, ao invés de ir para internet e buscar mais notícias ruins, chame uma pessoa querida e busque algo para aliviar a mente e o coração”.

Por fim, ele destaca: Lembre-se que livrar-se de um vício ou hábito não saudável requer um esforço consciente. Entenda o que te incomoda, afaste-se disso e comece a procurar coisas que te façam bem. Reserve um tempo para se reconectar consigo mesmo, com o que você ama fazer e com as pessoas que são importantes na sua vida. Você pode praticar a gratidão e a contemplação. Mude seus hábitos com práticas mais construtivas. Lembre-se, apesar dos muitos pontos negativos em sua vida, cada experiência deixa você com algo para aprender”.

Precaução

Especialista destaca que definir limites de tempo nas redes sociais é um dos caminhos para se livrar ou pelo menos diminuir a exposição diária às notícias negativas

Foto: Arquivo Pessoal



“Muita gente já deve ter conhecido uma pessoa que está sempre reclamando da vida ou de alguma coisa, buscando sempre o que há de pior em tudo. Isso não vem de uma busca nas redes sociais ou por ela estar sempre ligada em notícias ruins, mas às vezes é da própria pessoa manter isso no seu dia a dia

Rodrigo Tavares

DOOMSCROLLING

Violência e comportamentos

Meios de comunicação se pautam pelo inusitado, que atrai grande parte do público, analisa jornalista

José Alves
zavieira2@gmail.com

O fato das pessoas gostarem muito de notícias ruins, segundo a jornalista e radiologista Cláudia Carvalho, apresentadora do jornal Band News João Pessoa, faz parte da natureza humana. “Isso acontece em toda parte, não apenas em países subdesenvolvidos. Na Inglaterra, por exemplo, são os tabloides do gênero que mais vendem exemplares”, ressalta a jornalista.

“Existe uma comparação muito comum quando queremos explicar o critério de seleção de notícias a alguém que não sabe como funciona o jornalismo. Notícia não é quando o cachorro morde o homem. É quando o homem morde o cachorro. Os meios de comunicação se pautam pelo inusitado. E muitas vezes, os fatos não são positivos”, explica Cláudia.

De acordo com Cláudia, escândalos são um chamariz sempre. Porque o próprio nome já diz: “Eles atendem a diversos critérios de noticiabilidade. Envolvem pessoas públicas, condutas surpreendentes e, às vezes, rendem várias matérias, porque têm desdobramentos”.

A jornalista diz acreditar que a pandemia não acentuou mais o *doomscrolling* entre as pessoas que permaneceram em isolamento social. “Foi um período muito difícil e nele as pessoas queriam mesmo era informação sobre como se prevenir, como tomar vacina e como escapar do novo coronavírus. A tolerância para o negativo não estava acentuada”, pontua Cláudia.

Ela diz que o interesse no *doomscrolling* acontece porque algumas pessoas têm prazer em ver tragédias, crimes bár-

baros. E esse tipo de conteúdo engaja. Elas não somente veem, mas compartilham, recomendam para outras pessoas e geram uma onda de aumento de audiência. “Esse tipo de notícia não apenas desprime. Há situações em que as notícias ruins também servem para alertar sobre os riscos que as pessoas correm. Casos que envolvem pedofilia, por exemplo, podem fazer com que pais e responsáveis redobrem os cuidados com as crianças”, destaca.

A jornalista não acredita que o consumidor de notícias ruins possa se tornar uma pessoa violenta ou indiferente ao sofrimento alheio. “Acho que é o contrário: pessoas de má índole ou sem empatia procuram notícias ruins porque alimenta a natureza delas. Mas se um consumidor ‘normal’ decide ler apenas fatos negativos, isso vai contribuir para uma visão sombria da realidade”.

Sobre o que uma pessoa poderia fazer para se desligar dessa mania, Cláudia Carvalho enfatizou que esse é um processo de autoeducação. “Tudo é questão de escolha. Há veículos de comunicação com diferenciados perfis. Alguns especializados em saúde, bem-estar, até mesmo em matérias positivas. É só selecionar ou dosar melhor o tipo de conteúdo que se procura”, sugere ela, comentando que, na atualidade, são poucas as pessoas que podem se dar a esse luxo. “A seleção do que se vê, no meu ponto de vista, é a melhor saída. Você recebe um bombardeio de informações todos os dias, mas não vai consumir tudo. É preciso escolher com equilíbrio as notícias”, conclui a jornalista.

Preferência por escândalos e corrupção

O jornalista, escritor e articulista Rui Leitão, diretor da Rádio Tabajara, imortal da Academia Paraibana de Letras (APL) e colunista do Jornal *A União*, afirma que não é um fenômeno percebido apenas no Brasil que as pessoas costumam consumir notícias ruins. “Em todo o mundo, as pessoas costumam prestar mais atenção e excitação às notícias de conteúdo negativo, com enfoque sensacionalista. Isso é motivado pelas circunstâncias vivenciadas pelo leitor no momento, no ambiente em que a pessoa consome as notícias”, observa.

Porém, ele diz que

nem sempre o *doomscrolling* é o carro chefe dos meios de comunicação, de blogs e portais. Alguns veículos de comunicação apelam para o emocional do leitor, do ouvinte ou do telespectador, oferecendo notícias sensacionalistas, por entendem que assim estarão atendendo a uma preferência, na crença de que, quanto mais informadas forem com notícias negativas, mais bem preparadas estarão para enfrentar situações difíceis. Pelo menos é o que eu acho”, afirma.

Escândalos, desemprego, corrupção, mortes, crimes, violência e conflitos são alguns dos temas mais lidos nos aplicativos e meios de comunicação.

“O mais impressionante nisso tudo é que existem meios de comunicação que vêm abandonando sua função, pois se preocupam demasiadamente em obter maiores índices de audiência do que

propriamente noticiar de forma imparcial. São informações proposadamente tendenciosas, com o objetivo de causar fortes reações no receptor da mensagem, utilizando-se de exageros, omissões intencionais de informações importantes ou até mesmo mentiras (*fake news*) na apresentação de notícias”, avalia Leitão.

O escritor frisa que no isolamento da pandemia, os consumidores de notícias aumentaram suas presenças conectadas à internet, atentas às informações sobre o número de casos de pessoas atingidas pelo vírus que causa a covid-19 e suas consequências. “Nesse período, a tragédia foi a notícia de maior interesse dos que buscavam na mídia”, detalha ele, afirmando que o péssimo hábito pelo *doomscrolling*, por mais transtornos psicológicos e psiquiátricos que provoque, tornou-se compulsivo. Entra num círculo vicioso, em que a pessoa se torna cada vez mais atraída e obcecada por notícias negativas.

Rui Leitão afirma também que as notícias distóticas levam a níveis maiores de estresse e ansiedade, afetando a saúde

de mental. A hiperconectividade alimentou um vício que parece não ter fim. O fato da pessoa ser consumidora de notícias ruins, no dia a dia, desperta uma sensação de medo, de tristeza e de depressão, causando instabilidade emocional. “Claro que isso repercute no comportamento, fazendo com que, algumas vezes, parta para agressões e sem empatia com o sofrimento dos outros, porque, com esse comportamento, a pessoa pode se sentir sempre ameaçada por perigos; ela pode se transformar numa pessoa insegura”, reflete.

Quando indagado sobre o que uma pessoa poderia fazer para se desligar desse comportamento, o escritor ressalta que ela pode ser seletiva nas fontes de informações, evitando acessar, principalmente, as que se concentram em fornecer notícias alarmistas. “Para deixar de consumir notícias negativas, a pessoa pode dedicar mais o tempo para as coisas que dão prazer. “Reduzir o tempo ao celular e sair de grupos de aplicativo são formas mais acertadas para se afastar desse vício tão nocivo à saúde mental”, finaliza o escritor.

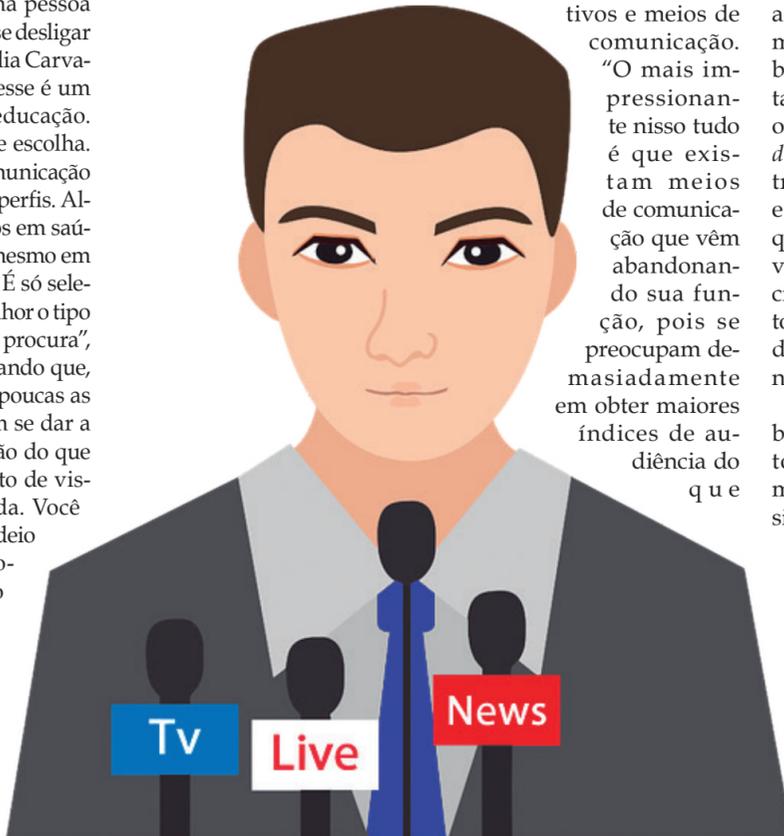


Ilustração: Pixabay



Foto: Arguivo Pessoal



Há situações em que as notícias ruins também servem para alertar sobre os riscos que as pessoas correm. Casos que envolvem pedofilia, por exemplo, podem fazer com que pais e responsáveis redobrem os cuidados com as crianças

Cláudia Carvalho



Foto: Edson Matos



Meios de comunicação vêm abandonando sua função, pois se preocupam demasiadamente em obter maiores índices de audiência do que propriamente noticiar de forma imparcial. São informações proposadamente tendenciosas, com o objetivo de causar fortes reações no receptor da mensagem

Rui Leitão